



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS  
HUMANAS**

**RAIZINARA DE OLIVEIRA ZURRA**

**CONHECIMENTOS TRADICIONAIS: UM ESTUDO SOBRE AS HISTÓRIAS E  
NARRATIVAS ORAIS DAS PRÁTICAS EXTRATIVISTAS DA COLETA DA  
CASTANHA NA COMUNIDADE SANTO ISIDORO/TEFÉ-AM**

**Tefé-AM**

**2019**

**RAIZINARA DE OLIVEIRA ZURRA**

**Conhecimentos tradicionais: um estudo sobre as histórias e narrativas orais das práticas  
extrativistas da coleta da castanha na Comunidade Santo Isidoro/Tefé-AM**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do Título de Mestre do Curso de  
Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas,  
da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientadora: Profa. Dra. Jocilene Gomes da Cruz

**Tefé-AM**

**2019**

**RAIZINARA DE OLIVEIRA ZURRA**

**Conhecimentos tradicionais: um estudo sobre as histórias e narrativas orais das práticas extrativistas da coleta da castanha na Comunidade Santo Isidoro/Tefé-AM**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Jocilene Gomes da Cruz  
Universidade do Estado do Amazonas

---

Profa. Dra. Marília de Jesus da Silva e Sousa  
Universidade do Estado do Amazonas

---

Prof.Dr.Whasgthon Aguiar de Almeida  
Universidade do Estado do Amazonas

**Tefé-AM**

**2019**

### **Ficha Catalográfica**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

Z96c	Zurra, Raizinara de Oliveira Conhecimentos tradicionais:Um estudo sobre as narrativas orais das práticas extrativistas da coleta da castanha na comunidade de Santo Isidoro Tefé-AM / Raizinara de Oliveira Zurra. Manaus : [s.n], 2019. 118 f.: il., color.; 3 cm.  Dissertação - PGSS - Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas (Mestrado) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2019. Inclui bibliografia Orientador: Prof <sup>ª</sup> Dra. Jocilene Gomes da Cruz  1. conhecimentos tradicionais. 2. extrativista. 3. Santo Isidoro. 4. Amazônia. I. Prof <sup>ª</sup> Dra. Jocilene Gomes da Cruz (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Conhecimentos tradicionais:Um estudo sobre as narrativas orais das práticas extrativistas da coleta da castanha na comunidade de Santo Isidoro Tefé AM
------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a toda a minha família, composta por meus verdadeiros modelos de perseverança, dedicação, parceria, paciência e persistência. Dedico ainda aos homens e mulheres da Comunidade de Santo Isidoro, Tefé-AM, por contribuírem na minha formação acadêmica e pessoal quanto ao aprendizado sobre o complexo mundo da vida rural amazônica, da vida simples e rica nas florestas e nos rios do Rio Solimões, lugar de eterno recomeçar.

## AGRADECIMENTOS

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas pela dedicação e respeito ao exercício do aprendizado constante e no desenvolvimento de pesquisa na e sobre a Amazônia brasileira, e à minha orientadora, Profa. Dra. Jocilene Gomes da Cruz, pela dedicação, sugestões, críticas e palavras de entusiasmo.

À professora Dra. Raiziana Mary de Oliveira pelos muitos ensinamentos, pelas conversas informais, sugestões, conselhos e pela prontidão com que sempre me ouviu.

Meu especial agradecimento aos colegas de pós-graduação Eliane Goes, Thaila Basto, Gleides Medins e Jácó Rocha da Silva pelo convívio acadêmico e companheirismo dedicados quanto aos estudos sobre o mundo rural amazônico.

Aos meus pais, “seu” Raimundo Nonato Zurra e Dulcimar de Oliveira Zurra, por todo amor atenção e acolhida.

Aos meus irmãos, por todo o carinho, atenção, companheirismo e respeito que dedicaram a mim nos momentos de precisão.

A Deus, pela sua infinita bondade e sabedoria.

Agradeço, sobretudo, aos responsáveis pelo desenvolvimento desde estudo, aos moradores, castanheiros da comunidade de Santo Isidoro, sujeitos de seu tempo, conhecedores de um mundo singular.

Todos os citados e aqueles que com carinho e gratidão escreveram seus nomes em meu coração durante este percurso recebam, sinceramente, meu “Muito obrigada”.

## RESUMO

Os conhecimentos tradicionais na Amazônia se constituem historicamente como um dos principais elementos do modo de vida das comunidades rurais da região. Deste modo, a extração e o cultivo de diferentes espécies, como, por exemplo, a castanha, o manejo, a finalidade e a forma de uso contribuem para a conservação nesses ambientes. As comunidades tradicionais costumam ser mantenedoras de uma diversidade cultural a ser preservada, sendo assim a transmissão dos conhecimentos tradicionais é passada de geração a geração, valorizando todos os saberes tradicionais destas populações. Este trabalho pretende analisar os conhecimentos tradicionais a partir das histórias e narrativas orais sobre as práticas extrativistas da coleta da castanha na comunidade Santo Isidoro no Município de Tefé-AM. A análise teve como eixo norteador as narrativas contadas pelos moradores antigos da comunidade em consonância com os conhecimentos tradicionais evidenciados através do processo histórico sobre o extrativismo da castanha que ocorreu desde 1960 até os anos de 1980. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo, amparado pelo viés das narrativas como ferramenta de pesquisa analisadas por meio das entrevistas com o objetivo de compreender a história da comunidade referente a coleta da castanha e sobre como se deu o processo das mudanças das práticas extrativistas e quais os impactos após sofrerem um declínio sobre a atual extração da castanha praticada na comunidade. A análise dos dados demonstrou que os conteúdos das narrativas apresentam uma temporalidade acerca do extrativismo da castanha narradas pelos sujeitos da pesquisa inseridos na comunidade de Santo Isidoro.

**Palavras-chave:** conhecimento tradicional; extrativismo; Santo Isidoro; Amazônia.

## **ABSTRACT**

Traditional knowledge in the Amazon has historically been one of the main elements of the way of life of rural communities in the region. Thus, the extraction and cultivation of different species, such as Brazil nuts, management, purpose and form of use contribute to conservation in these environments. Traditional communities usually maintain a cultural diversity to be preserved, so the transmission of traditional knowledge is passed from generation to generation, valuing all the traditional knowledge of these populations. This paper aims to analyze the traditional knowledge from the oral histories and narratives about the extractive practices of the nut gathering in the Santo Isidoro community in Tefé-AM. The analysis had as its guiding axis the narratives told by the old residents of the community in line with the traditional knowledge evidenced through the historical process about the extraction of Brazil nuts that occurred from 1960 until the years of 1980. This is a qualitative study, supported by the narrative bias as a research tool analyzed through interviews with the objective of understanding the community history regarding the collection of nuts and how the process of changes in the fruits occurred. extractive practices and what the impacts have been after declining over the current extraction of nuts in the community. The data analysis showed that the narrative contents present a temporality about the chestnut extractivism narrated by the research subjects inserted in the Santo Isidoro community.

**Keywords:** traditional knowledge; extractivism; St. Isidore; Amazon.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ART.** – Artigo

**CEST** – Centro de Estudos Superiores de Tefé

**EMADE** – Empresa Amazonense de Dendê

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**PPGI** – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas

**SEMED** – Secretaria Municipal de Educação

**SEMSA** – Secretaria Municipal de Saúde

**UCs** – Unidades de Conservação

**UEA** – Universidade do Estado do Amazonas

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

<b>Quadro 1</b> - Fases principais da entrevista narrativa.....	31
<b>Quadro 2</b> - Instrumento de Análise do Discurso 1 (IAD1).....	33
<b>Quadro 3</b> - Instrumento de Análise do Discurso 2 (IAD2) .....	34
<b>Tabela 1</b> - Dados populacionais do município de tefé.....	63

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Desenho investigativo da pesquisa .....	34
<b>Figura 2</b> - Comunidade de Santo Isidoro vista por imagem de satélite.....	36
<b>Figura 3</b> - Relações sociais entre os comunitários reunidos no final da tarde.....	37
<b>Figura 4</b> - Entrada da comunidade pelo rio Solimões .....	38
<b>Figura 5</b> - Entrada da comunidade pelo ramal.....	38
<b>Figura 6</b> - Primeira visita para realização da pesquisa .....	39
<b>Figura 7</b> - Caminhos na floresta para os roçados .....	40
<b>Figura 8</b> - Seleção de famílias .....	41
<b>Figura 9</b> - Representante da comunidade .....	41
<b>Figura 11</b> -Momento da entrevista com o castanheiro.....	42
<b>Figura 10</b> – Chegada da roça do casal de castanheiros .....	42
<b>Figura 12</b> - Imagem da comunidade nos anos 1960.....	70
<b>Figura 13</b> - Comunidade Santo Isidoro atualmente .....	71
<b>Figura 14</b> - Ramal construído, ainda sem pavimentação.....	72
<b>Figura 15</b> - Quintais com os canteiros .....	73
<b>Figura 16</b> - Criação de galinhas.....	73
<b>Figura 17</b> - Técnica da quebra do ouriço.....	79
<b>Figura 18</b> - Demonstração da quantidade de castanhas no ouriço.....	79
<b>Figura 19</b> - Antiga árvore de Castanheira que representa a passagem histórica do processo da extração da castanha na comunidade.....	81
<b>Figura 20</b> - Técnica de amontoamento dos ouriços para evitar acidentes no percurso da coleta .....	83
<b>Figura 21</b> - Castanheiro antigo da comunidade .....	87
<b>Figura 22</b> - Pausa para o almoço após chegada da roça .....	87
<b>Figura 23</b> - Início da trilha utilizada .....	90
<b>Figura 24</b> - Continuação da trilha, a floresta para coleta da castanha se torna mais densa.....	91
<b>Figura 25</b> - Castanheira derrubada .....	96
<b>Figura 26</b> - Derrubada por outro ângulo.....	96
<b>Figura 27</b> - Criação de carneiros .....	97
<b>Figura 28</b> - Sr. M.C faz uma demonstração de como coletar o ouriço de castanha do chão...	99
<b>Figura 29</b> - O Sr. M.C. demonstra a coleta do ouriço de castanha.....	100

<b>Figura 30</b> - Sede do Sindicato dos Pescadores, SINDIPESCA, na Comunidade de Santo Isidoro.....	101
<b>Figura 31</b> - Pés de açai.....	103
<b>Figura 32</b> - Liderança da Comunidade de Santo Isidoro .....	105
<b>Figura 33</b> - Demais participantes na reunião dos comunitários de Santo Isidoro .....	106

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I - O PERCURSO METODOLÓGICO E AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS .....</b>	<b>16</b>
1.1 AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS .....	16
1.2 A PESQUISA QUALITATIVA: POR UMA DESCRIÇÃO DENSA .....	18
1.3 A NARRATIVA COMO FERRAMENTA DE PESQUISA PARA O ACESSO À MEMÓRIA DOS CASTANHEIROS DE SANTO ISIDORO .....	24
1.4 A ENTREVISTA NARRATIVA: FASES .....	28
1.5 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: TÉCNICA DE ANÁLISE .....	32
1.6 O <i>LOCUS</i> DA PESQUISA: COMUNIDADE SANTO ISIDORO E OS SUJEITOS DA PESQUISA .....	35
<b>CAPÍTULO II - ABORDAGENS SOBRE OS CONCEITOS DE POPULAÇÕES E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS.....</b>	<b>46</b>
2.1 CONTEXTUALIZANDO OS CONCEITOS DE CONHECIMENTOS TRADICIONAIS .....	46
2.2 AS POPULAÇÕES TRADICIONAIS E SEUS CONHECIMENTOS NA AMAZÔNIA .....	55
2.3 OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS DOS EXTRATIVISTAS DA CASTANHA NO AMAZONAS .....	62
<b>CAPÍTULO III - O CONTEXTO SOCIAL, ECONÔMICO E CULTURAL DA COMUNIDADE DE SANTO ISIDORO .....</b>	<b>69</b>
3.1 APRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE SANTO ISIDORO .....	69
3.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA COLONIZAÇÃO OCORRIDOS NA COMUNIDADE RURAL DE SANTO ISIDORO NO PERÍODO DE 1960 A 1980.....	74
3.3 TÉCNICAS E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS PRÁTICAS EXTRATIVISTAS DA CASTANHA NA COMUNIDADE DE SANTO ISIDORO .....	78

3.4 OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS SOBRE AS PRÁTICAS EXTRATIVISTAS NA COMUNIDADE DE SANTO ISIDORO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE VIDA FRENTE ÀS MUDANÇAS NA ATUALIDADE.....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>116</b>

## INTRODUÇÃO

O conhecimento tradicional representa, na realidade das comunidades rurais, a caracterização de uma identidade histórica que, ao mesmo tempo, acena para o futuro com perspectivas de significativas renovações.

Ao direcionar a pesquisa para o âmbito dos estudos sobre as comunidades rurais, mais especificamente a uma localizada às margens do rio Solimões, salienta-se que o conhecimento tradicional está preservado, mas que concomitantemente adquire nova roupagem ao tempo em que é transmitido em fluxo contínuo de geração a geração. Desse movimento se podem vislumbrar aspectos peculiares de elaboração e reelaboração de saberes. Parte desses conhecimentos advém dos exercícios da prática cotidiana nos espaços onde predomina a floresta. Desse contato com a floresta, e a conseqüente proximidade com o rio, se estabelecem desde sempre vínculos que perpassam por gerações e que também se renovam e se ressignificam.

É nessa dinâmica de vida que os conhecimentos tradicionais estão inseridos. Os conhecimentos tradicionais atendem, num primeiro momento, aos interesses dos grupos locais, que acabam buscando no meio ambiente a sustentabilidade social e também econômica.

A partir da década de 1960, logo após os turbulentos anos de pós 2ª Guerra Mundial, quando os interesses se voltaram para Amazônia como uma das principais fornecedoras de matéria-prima para a indústria automobilística decaíram, assim como o 2º Ciclo da Borracha. Esse cenário abriu as possibilidades para o ingresso de outros produtos, também extraídos do ambiente, que pudessem gerar lucro financeiro imediato, e, nesse contexto, a extração da castanha surgiu como uma das principais alternativas, encontrando na região do Médio Rio Solimões o lugar ideal para extração e, conseqüentemente, exportação da amêndoa em grandes quantidades.

A relevância de compreender o período em que a castanha passou a ser considerado um produto altamente rentável e com as possibilidades de extração e comercialização rápida trouxe para região específica do município de Tefé comerciantes que se concentravam em cidades como Manaus e Belém. Com isso, os espaços rurais onde se localizavam as castanheiras que produziam a cobiçada amêndoa passaram a se configurar como espaços para sua extração *in natura*, e, ao mesmo tempo, explorando a mão de obra local para a execução de todos os serviços.

A partir desse contexto, as comunidades tradicionais rurais do Médio Rio Solimões, dentre as quais Santo Isidoro, no município de Tefé, passaram a se destacar como um dos principais centros produtores da castanha. Neste espaço rural surgiram gigantescos paióis, enormes barcaças<sup>1</sup>, denominadas pelos moradores de ‘lanchas’, personagens como o patrão, em substituição ao ‘coronel de barranco’<sup>2</sup>. Cabia ao patrão o poder de decisão, a venda de gêneros alimentícios, a exploração de preços e de mão de obra, dentre outras. Assim, criava-se a atmosfera apropriada para a servidão.

Situada à margem esquerda do rio Solimões, a comunidade de Santo Isidoro possuía, na década de 1960, uma vultosa área de abrangência para a produção e extração da castanha, e essa territorialidade conduzia a espaços distantes, por exemplo, o lago do Mirinim, abaixo, encoberto pela floresta e praticamente impenetrável durante o período de estiagem ou verão amazônico. Nesse cenário os extrativistas tinham que se embrenhar na floresta em busca do centro, onde tinham suas colocações, um acampamento, no qual permanecia por vários dias, semanas, meses, até que finalizasse o período de coleta da amêndoa (castanha) e também a logística até as barcaças.

De acordo com Maldonado (2000), o meio físico é da maior relevância, não só para ordenação dos homens nos espaços sociais, como, também, para a organização da própria produção. Esse ponto de vista repercute diretamente nas evidências históricas que, por sua vez, indicam que este meio físico também afetou a qualidade de vida e dificultou os trabalhos outrora executados pelos extrativistas da castanha a partir da comunidade de Santo Isidoro. Relembre-se que o extrativista, neste trabalho de pesquisa designado como castanheiro, em destaque, não podia executar nenhum outro tipo de atividade, pois era constantemente vigiado e tinha que trabalhar para atingir metas, cada vez maiores, em um curto espaço de tempo.

A realidade do castanheiro que estava inserido no espaço físico da comunidade de Santo Isidoro também possuía um rico conhecimento tradicional, principalmente da castanha, era uma situação de desafio e se acentuava bastante quando tinha, de alguma forma, que transmitir estes conhecimentos aos filhos. Little (2002) reforça que no espaço onde existe a predominância de uma cultura tradicional a força de trabalho se torna latente e de uso comum, isto é, as evidências indicam que a transmissão dos conhecimentos tradicionais com base no

---

<sup>1</sup> Embarcação de grande calado, isto é, de grande capacidade de carga e apropriada para navegação em rio e também em mar. Construída em ferro, equipada com potentes motores a diesel, também com porões espaçosos e seguros. Enfim, embarcações que transportavam, no mínimo, 10 toneladas de castanha entre Santo Isidoro e a cidade de Belém.

<sup>2</sup> O termo coronel de barranco era simbólico, representava o poder e a autoridade exercida pelo proprietário do seringal. Quem recebia a denominação de coronel de barranco era muito respeitado e temido.



processo de extração da castanha era eficiente, tendo em vista que muitos tinham esse contato ainda na infância e cresceram neste ambiente, tornando-os implicitamente novos trabalhadores no processo de extração e de logística da castanha.

Esse cenário de importantes acontecimentos justifica a realização da presente pesquisa, cujo título é “ Conhecimentos tradicionais: um estudo sobre as histórias e narrativas orais das práticas agrícolas extrativistas da coleta da castanha na comunidade Santo Isidoro/Tefé-AM”, tendo como objetivo geral analisar o contexto histórico da coleta da castanha na Comunidade de Santo Isidoro no Município de Tefé-AM por meio das narrativas dos moradores acerca da referida atividade. Os objetivos específicos da pesquisa foram: verificar nas histórias e narrativas de vida dos castanheiros os conhecimentos tradicionais envolvidos no contexto da economia da castanha; registrar os conhecimentos tradicionais envolvidos no processo histórico da atividade da coleta, e identificar as mudanças processadas na comunidade e os conhecimentos tradicionais repassados ao longo dos anos e sua importância para a comunidade.

Assim, na nossa pesquisa teve como foco problematizar reflexões como em que medida o processo de construção histórico da coleta da castanha na comunidade de Santo Isidoro no Município de Tefé a partir das histórias de vida e narrativas dos moradores estão relacionados com seus conhecimentos tradicionais?

Por meio desse estudo foi possível compreender que os autores sociais da referida comunidade elaboram suas histórias como estratégias que asseguram, regulam e interditam suas relações com a natureza e o meio onde trabalham de forma a construir um modelo de representações organizadas. Tais estratégias demandam dos castanheiros da comunidade Santo Isidoro um saber sobre os rios, lagos e a natureza, que lhes é próprio, cujas narrativas vêm expressas em muitas faces e dão voz ao castanheiro, colocando-o como um importante protagonista que participou de um processo histórico da própria construção da comunidade.

Portanto, as narrativas no contexto da comunidade relacionadas aos conhecimentos tradicionais se configuram como a realidade de vida, que mostram como o castanheiro constrói explicações para acontecimentos que marcaram (e marcam) sua história e que contribuíram para o desenvolvimento de identidades no processo social, cultural e econômico da comunidade de Santo Isidoro.

Esta dissertação está dividida em três capítulos, iniciando com a introdução, e em seguida, no primeiro capítulo, demonstra-se o percurso metodológico, destacando as escolhas metodológicas, pesquisa qualitativa, descrição da técnica utilizada para análise qualitativa de dados em pesquisa narrativa, o *lôcus* da pesquisa, a comunidade de Santo Isidoro e os sujeitos

da pesquisa. Discute-se e apresenta-se toda a trajetória, isto é, o passo a passo da pesquisa, evidenciando a história da comunidade, e também salienta-se o emprego do método da narrativa.

O segundo capítulo inicia-se com a abordagem sobre o conceito de populações e conhecimentos tradicionais, contextualizando esses conceitos no âmbito da realidade amazônica, especificamente dos extrativistas no Amazonas, sendo analisados seus significados e também sua existência na Amazônia, particularmente na comunidade Santo Isidoro.

No terceiro capítulo as primeiras considerações foram para o contexto social, econômico e cultural da Comunidade de Santo Isidoro, aspectos históricos da colonização ocorridos na comunidade rural de Santo Isidoro no período de 1960 a 1990, as histórias de vida e narrativas contadas pelos moradores mais antigos das práticas extrativistas da coleta da castanha na Comunidade de Santo Isidoro, os conhecimentos tradicionais na Comunidade Santo Isidoro e as perspectivas dos extrativistas da castanha, desafios e perspectivas de vida frente às mudanças na atualidade da Comunidade de Santo Isidoro.

Indica-se que o terceiro capítulo é dedicado exclusivamente à exposição das narrativas e discussões dos resultados, evidenciando os conhecimentos tradicionais, absorvidos e transmitidos de geração a geração a partir do extrativismo da castanha, desde a década de 1960 aos dias atuais, um percurso de pouco mais de meio século, ou seja, desde que Santo Isidoro era uma propriedade particular, passando a se configurar como uma comunidade.

## **CAPÍTULO I - O PERCURSO METODOLÓGICO E AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS**

Este capítulo inicial tem o propósito de apresentar o desenho da pesquisa, ou seja, a forma como foi estruturada a coleta de dados, mediante a escolha do tipo de abordagem (a qualitativa), o método e os procedimentos metodológicos contemplados para o estudo realizado na Comunidade Santo Isidoro.

A escolha da abordagem qualitativa se deu em virtude de se considerar um caminho mais apropriado, dados os objetivos da pesquisa, pois as informações coletadas diretamente dos agentes sociais residentes na referida comunidade certamente viabilizaram a apreensão de dados que não seriam possíveis somente pela via de dados quantitativos.

### **1.1 AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS**

A escolha metodológica foi um procedimento para o qual se dispensou bastante reflexão, pois foi a partir dela que se pôde analisar o alcance dos objetivos traçados e a qualidade das respostas às questões norteadoras do trabalho de pesquisa.

Considerando as variadas possibilidades de interlocução teórico-metodológica foi que se pôde abordar as análises de estudo dos fenômenos sociais do universo da pesquisa, optando-se pela premissa da pesquisa qualitativa descritiva para a realização da pesquisa, tendo em vista que, sob o ponto de vista histórico, a narrativa é uma opção válida, isso por que as populações tradicionais possuem rico conhecimento acerca de acontecimentos passados que marcaram e ainda marcam suas trajetórias.

No entendimento crítico de Severino (2002, p. 145), o pesquisador necessita de cautela e ao mesmo tempo ousadia, pois a pesquisa é um ato qualificável, desde a escolha do tema a sua redação final: “[...] a escolha de um tema de pesquisa, bem como sua realização, necessariamente é um ato político [...]”.

A partir do conceito estabelecido por Severino (2002) é que foi possível organizar os passos que justificaram nossas escolhas metodológicas, a fim de desvelarmos o problema tendo como palco a Comunidade Santo Isidoro no Município de Tefé-AM.

Para Andrade (2007, p. 115), a escolha metodológica enfatiza “os procedimentos, ou seja, a maneira pela qual se obtêm os dados necessários permite estabelecer a distinção entre as pesquisas de campo e as pesquisas de fontes de papel”. Segundo a autora, a produção de um trabalho de pesquisa de cunho dissertativo exige tanto a escolha de métodos para sua

redação quanto para a produção dos resultados da pesquisa em si. Porém a pesquisa de campo é a que está diretamente interligada com o local da ocorrência dos fenômenos. Indo além, Andrade (2007, p. 133) salienta que

A pesquisa de campo utiliza técnicas específicas, que têm o objetivo de recolher e registrar, de maneira, ordenada, os dados sobre o assunto em estudo. As técnicas específicas da pesquisa de campo são aquelas que integram o rol da documentação direta: entrevista [...].

Percebe-se que, para a autora, a pesquisa em sua etapa prática necessita de conhecimentos e da elaboração de instrumentos de investigação específicos, dentre os quais o roteiro de entrevista. Trata-se de uma forma de intervenção metodológica convincente e eficaz, assim, esta pesquisa, além de adotar a premissa bibliográfica, se fundamenta principalmente na adoção de estratégias que requerem o emprego de formulários semiestruturados de investigação. É também uma forma de organização sistemática de registro ordenado de todos e todas as informações relevantes em torno dos sujeitos que foram os atores principais para a realização da nossa pesquisa.

Sobre o levantamento bibliográfico, salienta-se sua relevância fundamental que subsidiou a pesquisa de campo. Além de proporcionar uma revisão bibliográfica referente ao assunto, o levantamento bibliográfico possibilitou a determinação dos objetos, a construção das hipóteses e ofereceu elementos para fundamentar a justificativa da escolha do tema. Por meio do levantamento bibliográfico obtiveram-se os subsídios para elaborar um histórico da questão, bem como uma avaliação dos trabalhos realizados sobre o tema.

Verifica-se que a pesquisa bibliográfica é um elemento inquestionável dentro do processo de construção de um trabalho dissertativo. Não há a mínima possibilidade de excluir a discussão de diversos autores acerca do mesmo eixo temático.

Outros renomados autores que se dedicam a enfatizar os diversos métodos de pesquisa, Ludke e André (1986, p. 1-2), tratam também da compreensão da abordagem de caráter qualitativo, expondo que tal caráter também promove o seguinte:

Para se realizar uma pesquisa qualitativa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema [...] (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 1-2).

Os autores esclarecem que a pesquisa qualitativa possui uma relação intencional de promoção do confronto, contudo esse tipo de ação tem uma origem, uma causa, isto é, evidências que se iniciam com a formulação do problema.

Fazendo um contraponto entre o emprego da metodologia qualitativa, com base epistemológica a partir da revisão bibliográfica, nota-se claramente que a diversidade de autores que debatem sobre o método qualitativo narrativo é bem extensa, e uma das primeiras orientações neste sentido é encontrar o fundamento correto, e que também encontra-se adequada a proposta da nossa pesquisa que decorre em cenários de cultura tradicional.

Os questionamentos acima impulsionaram a realização de estudos mais aprofundados acerca da abrangência, exigências e principais características da pesquisa qualitativa, bem como de seu instrumento de coleta e descrição de dados, a narrativa. Procurou-se deixar mais evidente a triangulação diante dessa postura diferenciada no que se refere também à pesquisa de campo, pois é nesta etapa que tudo se desenvolve, é através da pesquisa de campo qualitativa que são observados os detalhes, é onde são confrontadas as informações dos diferentes entrevistados, e, para tanto, foi necessária uma busca de informações que serviram como suporte fundamental para a execução da pesquisa de forma mais precisa.

## 1.2 A PESQUISA QUALITATIVA: POR UMA DESCRIÇÃO DENSA

Ao mergulhar nas representações teóricas acerca da pesquisa qualitativa, percebeu-se que ela apresenta sua relevância para a execução de todos os procedimentos que envolviam o estudo, para tanto foram deixados de lado os excessos de formalizações. Assim, não foi difícil perceber que esse tipo de pesquisa prescindia trabalho intenso, dinâmico e com forte teor na preocupação com a veracidade dos fatos ou acontecimentos que envolviam as narrativas dos autores da pesquisa. Prodanov (2013, p. 68) confirma isso ao escrever sobre as peculiaridades da pesquisa qualitativa, que ele caracteriza como uma técnica estruturada de interpretação de fenômenos, cuja atribuição de significados é básica e onde o uso de métodos e técnicas estatísticas é bastante minimizado, a coleta é realizada diretamente na fonte e o pesquisador é o instrumento-chave.

A pesquisa qualitativa, dada a sua peculiaridade, precisa ser analisada juntamente com o seu viés investigativo narrativo.

A partir dessa breve explanação adentra-se na discussão, de fato, sobre a relevância da pesquisa qualitativa, pois ela se fundamenta, segundo argumenta Flick (2007), no pressuposto básico, na abordagem interacionista simbólica, isto é:

A primeira premissa é a de que os seres humanos agem em relação às coisas com base nos significados que as coisas têm para eles [...] a segunda premissa é de que o significado destas coisas se origina na, ou resulta da interação social de uma pessoa com as demais. A terceira premissa é a de que esses significados são controlados em um processo interpretativo e modificados através desse processo, que é utilizado pela pessoa para lidar com as coisas com as quais se depara.(FLICK,2007,p.69)

A reflexão de Flick (2007) deixa claro que existem, na verdade, três relevantes pressupostos, contudo todos são inerentes às relações sociais desenvolvidas pelos seres humanos. A qualidade, nesse sentido, é um processo interpretativo, isto é, um processo que não pode ser explicado a partir de números ou de percentuais estatísticos, ela é mais profunda, e em seu percurso depara-se com diferentes situações, por isso, é um processo em contínua transformação.

A qualidade é sempre importante, está implícita em detalhes que somente o viés qualitativo consegue extrair por ser muito criterioso, daí a opção em usá-lo na pesquisa junto aos atores da comunidade de Santo Isidoro, pois prestou-se a interpretar a forma dinâmica de seu trabalho e vivências, trabalho ao qual estavam sujeitos durante o áureo ciclo de coleta da castanha *in natura* da floresta que circula toda a comunidade de Santo Isidoro.

Não foi somente uma simples coleta de dados, e foi apenas com a utilização desse tipo de estratégia de pesquisa, a pesquisa qualitativa narrativa, que se pôde dar conta de refletir, interpretar e descrever esse capítulo histórico de vivências em Santo Isidoro.

A servidão imposta junto ao trabalhador que coletava as amêndoas se estendia para uma logística complexa, que seria de encher os porões das embarcações. Embarcações estas que ancoravam e que passavam vários dias até que seus porões fossem devidamente cheios. Esse acontecimento, na época tão corriqueiro, que envolvia vidas, forma de ser, de pensar e de sentir mexia com as estruturas da comunidade e auxiliou na construção de uma identidade para esse local. São fatos que somente atualmente se tem a noção real de sua importância para a história da comunidade e do município.

Percebeu-se, então, que somente o método da pesquisa qualitativa poderia adentrar este universo, essa dada estrutura social, que, embora simples, exige que se faça uma análise profunda dos acontecimentos passados e seus impactos no atual cenário comunitário. O olhar qualitativo então é justificado, e principalmente por ser uma realidade que o comunitário da época áurea da coleta de castanha vivenciou e que pode ser mensurado a partir da pesquisa qualitativa junto aos comunitários que laboraram no ciclo da castanha na comunidade de Santo Isidoro.

Desta feita, considera-se que os meandros da pesquisa qualitativa atendam a essa incursão, pois, para Sampieri, Collado e Lúcio (2013, p. 376), a sua essência qualifica as particularidades dos atores envolvidos, o que caracteriza nossa intenção:

[...] o foco da pesquisa qualitativa é compreender e aprofundar os fenômenos, que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação ao contexto [...] o enfoque qualitativo é selecionado quando buscamos compreender a pesquisa dos participantes [...].

Ademais, ela permite, de acordo com Sampieri, Collado e Lúcio (2013), a participação de diferentes atores sociais que dialogam entre si em torno de algo comum. Isto é relevante, pois há todo um contexto histórico que também envolve essa interação na história social da comunidade Santo Isidoro, ou seja, analisaram-se as histórias e vivências que ocorreram nos períodos de 1960 a 1990 buscando-se desvelar os fenômenos, as características que envolvem o contexto em discussão presentes na comunidade.

Comumente, sabe-se que esse tipo de investigação necessita de uma prévia seleção por parte do pesquisador, muito antes de sua prática de campo, daí Sampieri, Collado e Lúcio (2013, p. 376) defendem a ideia de que a formulação do problema é essencial para o sucesso da pesquisa qualitativa: “[...] o pesquisador deve se familiarizar com o tema em questão. Embora o enfoque qualitativo seja indutivo, precisamos conhecer mais profundamente o terreno em que estamos pisando”.

Conhecer o que se pretende pesquisar, a partir da formulação clara, objetiva e concisa da questão problema, é um procedimento importante e que foi essencial no contexto do olhar investigativo. Para se chegar às respostas de um problema é preciso que se adote a seguinte postura, defendida por Bauer e Gaskell (2012, p. 24): “[...] ordená-los em um desenho que implique uma linha de tempo”.

A ordem são os critérios adotados pelo pesquisador, uma postura que em pesquisa qualitativa é uma exigência. Além disso, durante o percurso exigiu-se que fossem ordenadas as ideias e, conseqüentemente, os resultados da investigação de maneira coordenada e cronológica, para que a referida pesquisa marcasse a função de um empreendimento autônomo, porém mais organizado no contexto dos acontecimentos dos fatos ocorridos no local (BAUER; GASKELL, 2012).

Assim, a proposta investigativa foi transportada para a realidade em discussão, isto é, as relações sociais no contexto da Comunidade de Santo Isidoro, dando relevância às narrativas orais contadas sobre a coleta da castanha como elemento constituinte da história de

uma das mais importantes memórias e recordações dos conhecimentos tradicionais existentes na comunidade.

Percebe-se, desse modo, que é preciso concordar com os autores quando indicam a necessidade de um ordenamento cronológico de todos os fatos que envolvam esse processo. Mesmo que se entrevistem todos, as informações precisam ser semelhantes ou idênticas, o que contribui para elevar ainda mais a proposta qualitativa em discussão, pois os moradores mais antigos da comunidade, em dado momento, faziam rememorações comentando algo que lhes marcou profundamente em toda essa estrutura socioeconômica que se baseava especificamente na exploração da mão de obra do castanheiro de forma quase que linear quando comparada com a estrutura adotada pelos seringalistas e suas ações junto aos seringueiros.

Não existe uma pesquisa que chegue ao mesmo resultado que outra. As interpretações divergem, porém um único problema pode desencadear diferentes processos investigatórios. E, em se tratando de pesquisa qualitativa, há a refutação estatística, ou seja, a mensuração numérica, “[...] pesquisas de natureza qualitativa não precisam apoiar-se na informação estatística [...] elas têm um tipo de objetividade e de validade conceitual [...]” (TRIVINÕS, 2013, p. 118). Os conceitos são as discussões, as descrições ou detalhes observados durante toda a etapa de investigação. É o que Trivínos (2013) sintetiza como validade conceitual.

Considerando Sampieri, Collado e Lúcio (2013), no que refere ao termo fenômeno social, também é um termo arregimentado por Trivínos (2013, p. 127), da seguinte forma: “[...] o fenômeno social deixa de ser vago e o pesquisador pode-se perguntar: quais são as características, variações, formas que assumem os atos, atividades, significados, participação [...]”. Analisando a opinião de Trivínos (2013) vê-se que os fenômenos sociais são inerentes ao contexto da referida pesquisa com a premissa qualitativa.

Para Creswell (2010), a pesquisa qualitativa é um objeto de discussão constante na literatura dominante e específica acerca de métodos investigativos, e dentre as discussões cabe:

Ambiente natural: os pesquisadores qualitativos tendem a coletar dados no campo e no local em que os participantes vivenciam a questão problema que está sendo estudado [...] os pesquisadores qualitativos geralmente coletam múltiplas formas de dados, tais como entrevistas, observações e documentos em vez de confiarem em uma única fonte de dados [...].(CRESWELL,2010,p.207)

A diversidade de fontes consultadas e requeridas como dados na comunidade foi um dos aspectos relevantes no universo da coleta. Outro, foi o envolvimento da pesquisadora com o ambiente da sua pesquisa, o campo. Na comunidade em questão não foi possível



desenvolver uma pesquisa com uma conotação qualitativa sem que a pesquisadora se deslocasse em direção à origem do fenômeno ou do problema a ser estudado. Os dados, por sua vez, tenderam a se diversificar, assim como os instrumentos ou ferramentas utilizados nesse processo participativo. Tudo se mostrou relevante no contexto da pesquisa, contudo procurou-se não fugir aos objetivos propostos para a realização do trabalho.

Cita-se isso porque os moradores mais antigos da comunidade de Santo Isidoro são contadores de histórias natos e a avalanche de informações precisava, por vezes, ser organizada, selecionada de forma a não fugir de sua essência e de tal forma que se pudesse continuar se orientando pelos procedimentos de coleta de dados selecionados.

Prosseguindo, compreende-se que o método qualitativo, como salienta Creswell (2010), necessita intermitentemente de uma forma de abordagem ou estratégia de coleta de dados, nesse sentido, empregou-se a entrevista. Esse instrumento de coleta mostrou-se primordial para sustentar a ideia de que a qualidade das fontes fosse fundamental para nos aproximarmos ao máximo do alcance dos objetivos propostos para a pesquisa. Sobre isso, Bauer e Gaskell (2012) afirmam:

O primeiro ponto de partida é o pressuposto de que o mundo social não é um dado natural, sem problemas, é ativamente construído por pessoas. A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição da entrevista qualitativa [...]. (BAUER; GASKELL, 2012, p.65)

O mundo social é um mundo em movimento alimentado por diferentes problemas e por diferentes pessoas em um contexto cultural que se fragmenta a uma construção humana. Para compreender melhor essa dinâmica entre o fenômeno natural e o ser social, acabou-se difundindo na nossa pesquisa a técnica da entrevista, uma ferramenta que agregou diferentes formas de interpretação, pois na Comunidade de Santo Isidoro existem diferentes atores, diferentes grupos, que precisam ser conhecidos ou compreendidos, muitos destes grupos se concentram em comunidades tradicionais que procuram manter seus hábitos e culturas vivos, assim, entrevistar acabou se firmando como uma ferramenta eficiente de investigação. Para Creswell (2010), o pressuposto são os diferentes problemas que preenchem o mundo, ou quando o investigador tem diferentes pontos de vista, que, por sua vez, induzem à qualidade em seu objeto de pesquisa.

Vivemos em um mundo onde a todo momento nova história é narrada e outras são lembradas e oportunamente registradas. Não seria, portanto, esta metodologia qualitativa uma novidade, algo inédito, porém é uma metodologia que precisa se adequar à realidade ou aos

pressupostos que norteiam esta investigação em relação à história narrada e qualitativamente exposta quanto ao processo e à participação dos comunitários mais antigos em relação a toda logística que envolveu a produção da castanha na Comunidade de Santo Isidoro, a partir de 1960. A responsabilidade aumentou, tendo em vista a quase total ausência de registro escritos, o que significou muito a se organizar, tendo em vista a vasta fonte de informação, a memória do comunitário.

Assim, nessa trajetória, o entendimento da literatura que expõe a relevância do emprego da pesquisa qualitativa a partir de narrativas históricas tornou-se primordial para que o conhecimento tradicional dessa importante cultura socioeconômica tefeense viesse à tona, exibindo de fato o que ocorreu e quais suas consequências para o contexto social da Comunidade de Santo Isidoro nos dias atuais. Compreender essa literatura facilitou, pois forneceu diferentes subsídios teóricos, além de proporcionar o acesso a diferentes opiniões sobre o mesmo problema. Nesse sentido, segundo Sampieri, Collado e Lúcio (2013):

Nos estudos qualitativos também revisamos a literatura, embora no início seja de maneira menos intensa do que a pesquisa quantitativa. A literatura é útil para: detectar conceitos-chave que não havíamos pensado; termos ideias em relação a métodos de coleta de dados e análise, para sabermos como foram utilizados por outras pessoas; ter em mente os erros que outros cometeram anteriormente; conhecer diferentes maneiras de pensar e abordar a formulação e melhorar o entendimento dos dados e aprofundar as interpretações. (SAMPIERI; COLLADO; LÚCIO, 2013, p.381)

Por fim, é de bom senso afirmar que há uma literatura diversificada quanto ao conceito, relevância e aplicabilidade do método qualitativo. E, no caso desta pesquisa, o método qualitativo aplicado na investigação não se resumiu a um resultado sem interpretação. A qualidade exige a interpretação sob diferentes ângulos, portanto, o aprofundamento de estudos contribuiu para essa ação. Enfim, a literatura pode suavizar os possíveis equívocos, bem como contribuir para aprofundar as discussões baseadas em pesquisa narrativa.

Assim, a qualidade é a principal premissa que subsidiou o nosso trabalho em torno do contexto vivido e o atual na Comunidade de Santo Isidoro, levando em conta os reflexos históricos que hoje se fazem presentes. É importante frisar que no bojo deste trabalho a pesquisadora exerceu de maneira clara e imparcial o seu viés de pesquisa e que não deixou seu entrevistado ‘fugir’ a sua proposta investigativa. Tratou-se principalmente de uma ordem histórica, qualitativa e narrativa que obedeceu a uma cadeia de fatos e informações cronologicamente esclarecidas.

### 1.3 A NARRATIVA COMO FERRAMENTA DE PESQUISA PARA O ACESSO À MEMÓRIA DOS CASTANHEIROS DE SANTO ISIDORO

Ao iniciar este tópico não pretendemos tão somente compreender a técnica qualitativa narrativa sob o enfoque de diferentes autores, mas garantir que se façam os contrapontos de ideias, transportando as evidências literárias para o contexto social da pesquisa narrativa, ou seja, aproximando a fundamentação teórica do campo de trabalho prático. Desta feita, à luz dos pressupostos da pesquisa narrativa, como técnica de descrição de dados foi possível dirimir os equívocos que surgiram. Contudo foi no contexto da pesquisa que a abordagem narrativa foi se adaptando. Para tanto, foi necessário que o tema da pesquisa, o seu objetivo e consequentemente os procedimentos de campo entrassem em consonância de valores, trazendo, à luz do conhecimento, interpretações que elevaram ainda mais a qualidade sugerida com a adoção da narrativa a partir do viés histórico eleito para fundamentar a pesquisa.

A pesquisa narrativa utilizada como técnica do trabalho também proporcionou à pesquisadora manter o contato direto com os sujeitos envolvidos, e também com o ambiente onde estes sujeitos estão inseridos. A partir dessa análise preliminar observa-se que a pesquisa narrativa exige a presença constante e atenta do pesquisador no universo da pesquisa para não perder a sequência de acontecimentos que aos poucos vão se desenhando e delineando, ou seja, se definindo à medida que os dados são coletados. Para Silva Souza (2015, p. 149), a pesquisa narrativa apresenta dois aspectos considerados essenciais, tais como: “uma sequência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados”.

Verifica-se, a partir da ótica da autora, que a narrativa tem como essência o relato dos fatos, em uma sequência lógica de acontecimentos que se tornam relevantes com o desenvolvimento da abordagem de campo. Ao fazer relação das palavras da autora com a pesquisa percebeu-se que há uma valorização quanto ao que está sendo investigado, a partir, é claro, da ótica dos atores envolvidos com a dinâmica de entrevistas, por exemplo. Trata-se de um trabalho que busca a valorização dos conhecimentos tradicionais a partir do processo histórico de coleta de castanha na Comunidade de Santo Isidoro. Como afirma Souza (2015):

Nesse enredo, retratar a importância da rememoração como forma de reconstrução de histórias de vida, tanto numa perspectiva individual quanto social, é fundamental. Nesse sentido, há o reconhecimento de todos de que a tradição oral se fortalece quando vinculada à escrita, pois faz com que as palavras sejam viabilizadas através da ação. (SOUZA, 2015, p.150)

A narrativa é uma reconstrução histórica a partir de fatos narrados pelo entrevistado partindo de uma realidade da qual participou ativamente. É o que a autora denomina de perspectiva individual social, em que o pesquisador terá a missão de transferir para o papel os argumentos, explicações vividas a partir de um contexto social comum, ou seja, um contexto que se desenrola com base em uma situação comum, no caso da pesquisa destaca-se a extração de castanha a partir da década de 1960 a 1990 na Comunidade de Santo Isidoro.

Este período histórico foi marcante e, até hoje, os atores sociais, os comunitários, se lembram com riqueza de detalhes de toda a estrutura de trabalho da época. Assim, a técnica da narrativa aplicada como análise qualitativa na pesquisa torna-se relevante para o contexto de formação em que se concebe ao comunitário de Santo Isidoro estabelecer uma base de sequências nas histórias que se constituem nesse contexto social em torno da comunidade pertinente à nossa pesquisa.

Os acontecimentos narrados de uma história tomam da totalidade os seus significados. Esse todo narrado vai sendo tecido a partir das partes selecionadas, “[...] portanto, a narrativa não é apenas o produto de um ‘ato de contar’, ela tem também um poder de efetuação sobre o que narra” (DELORY, 2012, p. 82). Dessa forma, a narrativa constitui-se no ato de contar e de revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo.

É esse caráter flexível da memória, tecida na relação com o outro, que permitiu nesta pesquisa a aplicação da técnica em narrativas, ou seja, possibilitando aos sujeitos de pesquisa refazerem suas histórias, nas suas lembranças, resistindo àquilo que os incomoda, acrescentando fatos oriundos do seu desejo de que tivesse sido diferente, como novas possibilidades para suas vivências. Assim, entendemos que as situações narradas são revividas e reelaboradas no processo de rememoração.

Culturalmente todos os seres humanos são apreciadores de histórias narradas, esse é o registro vivo, que acaba sendo transmitido de geração a geração, ou seja, é um conhecimento que, além de tradicional, se perpétua, de maneira que não seja necessário sequer escrever uma única linha, pois o conhecimento tradicional está impresso no cotidiano social, principalmente em comunidades onde existe a predominância dos conhecimentos tradicionais.

Cabe ressaltar que hoje – embora a extração da castanha na comunidade não apresente as toneladas, nem a servidão, e tão pouco as grandes embarcações que realizavam a logística de transporte, ainda assim, está viva na memória e na cultura dos coletores. Trata-se agora de uma cultura de subsistência dos moradores de Santo Isidoro.

Esse é o princípio que desde já podemos relatar em relação às narrativas dos comunitários de Santo Isidoro. A atividade da extração de castanha, então, sobreviveu e

sobreviverá neste contexto social tradicional, assim como tem seu valor econômico, contudo não existe mais a figura do ‘proprietário’, nem a sólida estrutura de servidão de antes. Existe, sim, a liberdade para quem quiser coletar e que more na Comunidade de Santo Isidoro o faça, isso é o que se pode denominar de memória viva.

No tocante à memória, Galzerani (1999) diz que se trata, sobretudo, de experiência vivida. A rememoração permite que dimensões pessoais esquecidas possam ser recuperadas e situadas no tempo. A referida autora também compara a memória a um cenário no qual se entrecruzam as lembranças, o passado, o presente e também o futuro.

A investigação narrativa para os autores parte da decisão e do envolvimento do pesquisador em sua pesquisa, trata-se também de um tipo de negociação que tem por objetivo garantir o acesso do pesquisador no campo em que está ocorrendo sua pesquisa. Percebe-se também que se trata de um processo de tomada de decisão, ou seja, o pesquisador tem o arbítrio de decidir o momento em que deve empregar este método. O método qualitativo narrativo se destaca pela promoção de igualdade entre os participantes, e essa igualdade rende o sentimento de envolvimento, de associação, de partilha e de cumplicidade entre o pesquisador e os pesquisados, ou melhor, os entrevistados em sua proposta de investigação.

Para Silva (2009, p. 16), a narrativa é um mergulho no campo da pesquisa, que busca: “[...] abstrair o universo das histórias, a fim de analisar, compreender e interpretar os conteúdos temáticos, as representações explícitas e implícitas das figuras do imaginário”. A técnica da narrativa qualitativa procura uma interação com o todo da pesquisa, extraindo dos entrevistados, por exemplo, a maior quantidade possível de informações relevantes ao tema da pesquisa, constituindo, assim, elementos para as discussões e interpretações. É algo que está implícito ou explícito.

As narrativas, segundo Silva (2009), ainda podem ter diferentes conotações, entre as quais encontramos as narrativas orais, ou seja, as narrativas em que o contato entre o pesquisador e os pesquisados pode apontar diferentes expectativas e perspectivas, pois o imaginário é rico, diversificado e também dinâmico. “As narrativas [...] possuem traços específicos, e recorrentes, tais como: frases curtas, relatos onisciente e/ou onipresente, marcas da linguagem oral regional” (SILVA, 2009, p. 17).

O regionalismo é uma possibilidade real quando a proposta é pesquisar qualitativamente populações de cunho tradicional. A qualidade dessa linguagem deve ser considerada, e isso exige que o pesquisador conheça e interprete o que está sendo comentado pelo pesquisado no universo da narrativa oral. Para Chaves e Brito (2011, p. 23), a narrativa tem um contexto temático a partir de uma problemática, e afirmam: “Assumimo-nos como

narrativos e sermos capazes de ver, de narrar e de descrever relatos [...]”. Assumir a narrativa em um contexto participativo específico é determinante para o sucesso da pesquisa. A narrativa oral é uma forma livre e convincente para se obter dados ou informações de relevância que sejam de acordo com o objeto que se propõe investigar.

Desse modo, pensar a memória como fonte para o estudo dos conhecimentos tradicionais a partir da história, mediante a abordagem qualitativa, objetivando investigar o contexto histórico da extração da castanha a partir da década de 1960 até 1990, e a sua influência e relevância para as famílias que hoje permanecem na Comunidade de Santo Isidoro, é, de fato, um desafio. Principalmente quando se encontra sob o ponto de vista crítico em que reconstruir toda essa trajetória significa desvelar os conhecimentos tradicionais dos moradores através de entrevistas formais e informais, sendo fundamental para o enriquecimento das memórias e da história social da comunidade. Como ratificam Chaves e Brito (2011, p. 41): “[...] história de vida situa-se no campo da virada que se compreendem os fenômenos sociais.” De fato, tratam-se de histórias de vida que passam a ser narradas como um fenômeno social, vivenciado, e que com o passar dos anos continua como sendo algo bem atual, dinâmico, ou seja, algo que realmente refletiu e reflete no cotidiano dos moradores da comunidade de Santo Isidoro.

Para Bauer e Gaskell (2012), a narrativa é um fato histórico que deve e tem que ser explicado com uma conotação qualitativa:

Em uma narrativa, o contador de histórias coloca várias ações e experiências em uma sequência. Elas são ações e experiências de muitos personagens. Personagens tanto influem em situações como reagem a situações [...] ao proceder assim, elas ensinam o pensamento, a ação ou ambos. Todos esses elementos revelam a trama narrativa (BAUER; GASKELL, 2012).

Toda história, quando bem narrada, possui início, meio e fim, o que Bauer e Gaskell (2012) definem como enredo. Outro valor a se considerar nesta discussão é que, para ser esclarecedora, a narrativa necessita de diferentes personagens, ou seja, de diferentes entrevistados que se dedicam a esclarecer um único enredo, por exemplo. A narrativa exige ação, enfim, uma trama, é também uma história que percorre todo o trajeto que busca elucidar todas as informações e fatos possíveis.

O eixo temático proposto na nossa pesquisa é evidentemente histórico, ou seja, em torno do contexto histórico de produção e extração *in natura* da castanha. Trata-se de um percurso histórico que precisa ser refeito a partir do emprego sistemático da narrativa.

Ainda há muito a ser compreendido, há muito a ser analisado criteriosamente, pois a narrativa qualitativa histórica impulsionou mudança de postura da pesquisadora, pois, para que se concretizasse a entrevista formal e informal ao morador de Santo Isidoro, teve que ocorrer o envolvimento direto da pesquisadora ao capítulo da história socioeconômica do lugar, para, assim, poder trazer à luz os conhecimentos tradicionais.

#### 1.4 A ENTREVISTA NARRATIVA: FASES

A narrativa necessita, em seu bojo investigativo, do emprego de técnicas específicas para a coleta de informações, daí justifica-se a relevância da entrevista. No contexto da pesquisa narrativa ela é uma maneira eficiente para desvelar em minúcias o acontecimento histórico. Bauer e Gaskell (2012) asseveram:

A entrevista narrativa é uma técnica para gerar histórias, ela é aberta quanto aos procedimentos analíticos que seguem a coleta de dados [...] a transcrição por mais cansativa que seja é útil para se ter uma boa apreensão do material [...] propicia o fluxo de ideias.(BAUER;GASKELL,2012,p.105)

Para analisar é preciso saber coletar adequadamente, e uma das maneiras que a narrativa apresenta é a transcrição, por mais cansativa que seja, é extremamente seguro seu resultado, além disso, a transcrição propicia o fluxo de ideias, alimenta a imaginação e também aguça a curiosidade por mais, sempre mais, uma incansável busca por novos argumentos no sentido de arregimentar, o máximo possível, dados que elevem o grau de qualidade do trabalho que se está realizando.

Ao utilizar a técnica de pesquisa coerente com a investigação proposta subentende-se que os resultados serão, de fato, esclarecedores. Considerando também que o potencial da entrevista narrativa é uma forma de valorizar o depoente, trazendo-o como participante direto da pesquisa.

Em função dos requisitos em torno da narrativa, Chaves e Brito (2011, p. 23) asseveram: “[...] posso afirmar que a investigação narrativa é usualmente deflagrada pela história do outro”. São as pessoas entrevistadas que passam a compor o conjunto de dados e informações acerca da pesquisa. A narrativa sugere de imediato a participação de diferentes participantes, e isso se consolida como história oral, também mencionada pelos autores. Salienta ainda que “precisamos ver, narrar e descrever relatos [...] à medida que se intensifica a tessitura ou a trama [...]” (CHAVES; BRITO, 2011, p. 24).

Ao narrar, o sujeito fala de si e da sociedade, ele organiza a experiência em sequência e encontra possíveis explicações para a cadeia de acontecimentos. A narrativa tem uma dimensão cronológica. Contar histórias implica os sujeitos aos acontecimentos e sentimentos (PEREIRA *et. al.*, 2017, p. 280).

Para Jovchelovitch e Bauer (2010, p. 93), a entrevista narrativa permite ao narrador contar a história sobre algum acontecimento relevante de sua história de vida e do contexto do qual faz parte: “[...] sua ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível”.

As opiniões em torno das características e conceitos sobre a narrativa qualitativa somam-se, e existem diferentes trabalhos de pesquisa que apontam a relevância desse método. Com base nesta premissa, encontra-se em Silva Souza (2015) a seguinte justificativa:

A narrativa faz parte da história da humanidade e, portanto, deve ser estudada dentro dos seus contextos: sociais, econômicos, políticos, históricos, educativos. É comum ouvir através de narrativas diversas que os seres humanos são, por natureza, contadores, narradores de história, e que gerações e gerações repetem esse ato quase que involuntariamente uns aos outros. (SILVA SOUZA 2015, p.150)

Silva Souza (2015) discorre que a narrativa é integrante da história, isto é, da humanidade, e está relacionada com diversos setores da sociedade, tais como econômico, político etc. A narrativa se consolida como uma forma de se contar histórias, narrar fatos vivenciados que têm sua importância e seu reflexo no cotidiano das pessoas. Ela se perpetua de geração a geração, se acolhida não se perde, não desvaloriza, pois se trata de uma característica própria da natureza humana.

Como técnica aplicada à pesquisa, oportunizou o encontro mais eficiente de um método para pesquisar conhecimentos tradicionais, dentre os quais os conhecimentos tradicionais da Comunidade de Santo Isidoro, no qual se realizou a nossa pesquisa. A narrativa cria expectativas tanto para quem entrevista como para o entrevistado, que no decorrer da entrevista o sujeito de pesquisa, ao ser questionado, acaba se lembrando de particularidades específicas, principalmente aquelas que fazem parte da sua qualidade de vida.

Preliminarmente o cenário em torno do comunitário a partir da década de 1960, em relação à extração da castanha na Comunidade de Santo Isidoro, não era muito promissor, isso por que a forma de trabalho o remetia à servidão, mediante uma dívida que não contraía, pois o patrão, que lhe fornecia os insumos, já começava essa relação socioeconômica explorando nos preços dos referidos produtos.



Esses e outros aspectos de fato existiram, e só foram analisados criteriosamente com o emprego sistemático da narrativa histórica, que remontou todo um cenário mediante a memória do entrevistado, pois ele participou e continua enriquecendo memórias a cada lembrança. A narrativa é um método analítico histórico e a opção pela narrativa como uma das possibilidades para esta discussão se fundamenta também em Walter (1993, p. 201), quando afirma que o “[...] narrador retira da experiência o que ele conta [...]”, sendo, portanto, essas experiências, conforme o autor, as fontes originárias de todo narrador. Assim, as experiências vivenciadas pelos sujeitos desta investigação vão intercambiar-se com diferentes momentos da sua vida pessoal.

Trata-se de todo um conjunto de experiências do dia a dia. “[...] A Narrativa configura-se como uma técnica de coleta de dados utilizada na pesquisa; seu nome deriva da palavra latina *narrare*, relatar, contar uma história” (SOUSA, 2015, p. 154). Portanto, a narrativa nada mais é do que uma forma diferenciada com riqueza, detalhes de contar histórias verdadeiras, que de fato ocorreram, e que acabaram influenciando no contexto social do ambiente no qual se procede a pesquisa.

Essa técnica de pesquisa de cunho qualitativo, denominada não estruturada, contrapõe-se ao tradicional modelo pergunta-resposta da grande maioria das entrevistas, que define a estrutura das entrevistas, ordena as perguntas e as faz a partir de seu próprio vocabulário. Jovchelovitch e Bauer (2010) defendem que existe uma estrutura na narrativa, que eles chamam de paradoxo da narração, a qual se consubstancia nas exigências das regras implícitas que permitem o contar histórias.

Jovchelovitch e Bauer (2010) apresentam de forma estruturada o passo a passo para o procedimento de campo em entrevista narrativa qualitativa. Nesse sentido, o quadro a seguir pode contribuir com esta discussão:

**Quadro 1** – Fases principais da entrevista narrativa

<b>FASES</b>	<b>REGRAS</b>
Preparação	Exploração do campo (leitura de documentos, notas relatos etc.); Formulação de questões que refletem intenções do pesquisador, suas formulações e linguagens (temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração).
1 Iniciação	Formulação do tópico inicial para a narração; Emprego de auxílios visuais (dispositivos da memória, fotografias, objetos, imagens e outros).
2 Narração central	Não interromper; Somente encorajamento não verbal para continuar a narração; Esperar para os sinais de finalização.

3 Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?”; Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes; Não discutir sobre contradições; Não fazer perguntas do tipo “por quê?”.
4 Fala conclusiva	Parar de gravar; São permitidas perguntas do tipo “por quê?”; Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

**Fonte:** Jovchelovitch e Bauer, 2010

Pelo exposto no quadro verifica-se que existem 4 (quatro) passos para que a entrevista narrativa qualitativa atenda aos requisitos dos autores, e essa orientação é relevante para que o pesquisador, ao colocar em prática, utilize o tempo disponível para as entrevistas da melhor forma possível, desgastando o mínimo o entrevistado também.

A técnica para consolidar o emprego qualitativo mediante a narrativa oral expõe à necessidade imperiosa da entrevista, ou seja, a entrevista é a forma de o pesquisador coletar dados e informações, de ingressar e permanecer em interação social no ambiente social. Nesse sentido, Crewell (2010, p. 208) transmite a seguinte orientação: “Examine as necessidades dos potenciais públicos para a proposta. Decida se os membros do público têm o conhecimento suficiente sobre as características da pesquisa qualitativa”.

A narrativa obedece a critérios específicos que necessitam ser seguidos, pois a narrativa sugere que a sua análise também obedeça ao padrão de qualidade. Com base nesse argumento, encontramos em Flick (2009) a seguinte justificativa quanto à relevância da análise a partir das narrativas:

As análises narrativas partem de uma forma específica de ordem sequencial. Pondera-se, primeiramente, se o enunciado individual a ser interpretado faz parte de uma narrativa, depois de analisá-lo. As narrativas são estimuladas e coletadas na entrevista narrativa com finalidade de reconstruir processos. (FLICK, 2009, p.307)

Para o autor, a narrativa perfaz todo um contexto histórico, segue uma sequência lógica, estruturada, onde as informações são transmitidas de maneira individualizada por cada um dos participantes, e depois filtradas pelo pesquisador, de modo a também ordenar a sequência de fatos de modo a ser compreendido e conseqüentemente interpretado pelos apreciadores da pesquisa.

Dessa forma, durante a pesquisa se teve a simplesmente elaborar um roteiro de entrevistas, foi necessário que a pesquisadora conhecesse toda a relevância e a participação de cada entrevistado no sentido de contribuir com o objeto de sua investigação qualitativa, percebendo que os dados e informações podem se repetir a uma ideia complementar a outra ou de outro entrevistado.

## 1.5 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: TÉCNICA DE ANÁLISE

Por fim, chegou-se à análise das entrevistas narrativas, tendo em vista que ela é uma técnica para gerar histórias, é aberta quanto aos procedimentos analíticos, porém se procurou seguir um tipo de coleta de dados, o *discurso do sujeito coletivo*.

As experiências narradas sobre os conhecimentos tradicionais das práticas extrativistas da coleta da castanha na Comunidade Santo Isidoro/Tefé-AM são experiências pessoais e coletivas, em que mesmo nas falas individuais pode-se perceber um universo social e cultural bem definido, bem como um discurso de um coletivo situado naquela dada realidade sociocultural. Isso conduziu a considerar a possibilidade de buscar as semelhanças das experiências entre os atores estudados, permitindo a elaboração de novas narrativas que representaram a sua experiência com as práticas extrativistas. Essa possibilidade é contemplada na proposta técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), descrita por Lefèvre (2003, p. 256), e que “busca justamente dar conta da discursividade, característica própria e indissociável do pensamento coletivo, buscando preservá-la em todos os momentos da pesquisa, desde a elaboração das perguntas, passando pela coleta e pelo processamento dos dados até culminar com a apresentação dos resultados”.

Assim, a experiência comum ou a trajetória coletiva foi contemplada por meio de uma primeira pessoa (coletiva) do singular, o narrador, uma vez que à luz da teoria “ao mesmo tempo em que aceita a presença de um sujeito individual do discurso, expressa uma referência coletiva na medida em que esse eu fala pela ou em nome de uma coletividade” (LEFÈVRE, 2003, p. 257).

Para a organização e aproveitamento dos *Discursos do Sujeito Coletivo* (DSC) seguimos os pressupostos das quatro figuras metodológicas descritas por Lefèvre (2003) que servem de base para reconstruir, com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quantos se julgarem necessários para expressar as experiências dos atores ou a sua representação social sobre as práticas extrativistas. São elas: *a) Expressões-chave*: os pequenos trechos ou transcrições literais da narrativa, que foram destacadas pela pesquisadora, e que revelaram a essência do que foi narrado, ou o conteúdo discursivo dos segmentos em que se dividiu a narrativa. *(b) Ideias centrais*: são termos ou expressões linguísticas que foram escritos de forma mais resumida e que revelaram o significado de cada uma das narrativas analisadas e de cada conjunto homogêneo de expressões-chave e que deram origem aos DSC. *(c) Ancoragem*: é uma figura metodológica

equivalente à ideia central que, sob a inspiração da teoria das representações sociais, representou a opinião dos atores, as crenças manifestadas por eles oriundas do sistemas representativos locais e sobre o que já se tornou consenso, os grupos vão explicar os fenômenos que acontecem no mundo, a partir das imagens e metáforas que este mesmo grupo tem sobre a realidade (VALA, 1993).

Para reconstruir as histórias coletivas com pedaços de discursos individuais, com o fim de analisar esse pensar ou representação social sobre o fenômeno, seguiram-se os seguintes passos: a) copiar, integralmente, do conteúdo de todas as narrativas em um quadro, denominado Instrumento de Análise de Discurso (IAD), todas as expressões-chave; b) identificar em cada uma das narrativas as expressões-chave que remetiam a ideias sobre os conhecimentos tradicionais das práticas extrativistas da coleta da castanha na Comunidade Santo Isidoro ; c) identificar as ideias centrais e, quando for o caso, as ancoragens, a partir das expressões-chave; (d) identificar e agrupar as ideias centrais e as ancoragens de mesmo sentido, ou de sentido equivalente, ou de sentido complementar; (e) criar uma ideia central ou ancoragem Síntese, que expresse, da melhor maneira possível, todas as ideias centrais ou ancoragens de mesmo sentido, ou de sentido equivalente, ou de sentido complementar; (f) construção do DSC. Segue o quadro abaixo para exemplificação.

**Quadro 2** – Instrumento de Análise de Discurso (IAD) 1

Expressões-chaves	Ideias centrais	Ancoragem
<p>“A Comunidade de Santo Isidoro do passado tinha muita castanheira”.</p> <p>“Isso tudo aqui era diferente”.</p> <p>“Tinha muito castanhal”.</p> <p>“Muita gente foi embora daqui”.</p>	<p>Caracterização da comunidade.</p>	<p>Observou-se que na narrativa todos consideravam a comunidade como um local onde com o passar dos anos ocorreram mudanças em vários aspectos.</p>

**Fonte:** Elaborado pela autora

A construção do Instrumento de Análise do Discurso (IAD) aconteceu em duas etapas:

Etapa 1: copiou-se do IAD 1 todas as expressões-chave referentes a uma mesma ideia central ou ancoragem síntese, e as transferiu para uma coluna das expressões-chave de um segundo quadro, chamado Instrumento de Análise de Discurso 2 (IAD 2). No quadro 3 a Ideia Central ou Ancoragem Síntese foi determinada.

**Quadro 3** – Instrumento de Análise de Discurso 2 (IAD 2)

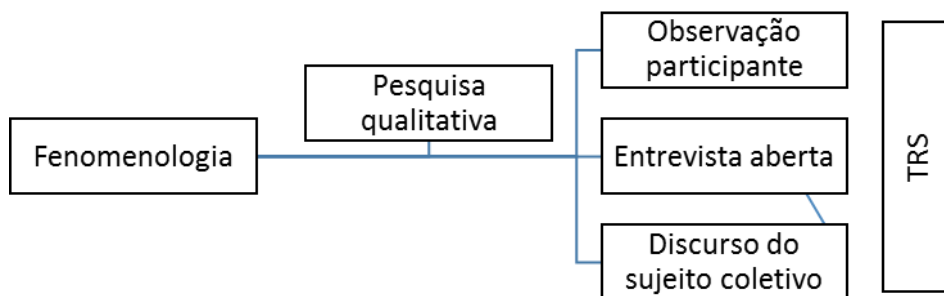
Expressões-chaves	Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)
-------------------	------------------------------------

<b>Caracterização da comunidade.</b>	O lócus da pesquisa: Comunidade Santo Isidoro e os sujeitos da pesquisa.
--------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Elaborado pela autora

Etapa 2: “discursiva”, ou seja, sequenciaram-se as expressões-chave obedecendo ao critério início, meio e fim, falas mais gerais para o menos geral e mais particular sobre os conhecimentos tradicionais das práticas extrativistas da coleta da castanha na Comunidade Santo Isidoro, temporalidade e importância dos fatos, eliminando-se dados particularizantes, tais como falas sobre eventos particulares e as repetições de ideias. Buscou-se, sobretudo com o DSC, representar na escritura da dissertação a reelaboração das narrativas visando a explicitação de uma vivência comum e de uma trajetória coletiva que produzem história e traduzem como o comunitário de Santo Isidoro vivencia e significa seus espaços e a própria vida.

**Figura 1** - Desenho investigativo da pesquisa



**Fonte:** Elaborado pela autora

Concomitante à entrevista aberta foi realizada observação constante do cotidiano da comunidade, bem como de situações sociais, do meio geográfico e econômico, imagens, documentos e outras coisas típicas de uma observação participante, e os resultados desta observação estão diluídos no texto em todo o trabalho.

Entre os dias de aplicação das entrevistas o acompanhamento do extrativista na mata trouxe um cenário no qual conversas se desenrolavam naturalmente a respeito das práticas e interpretações do ambiente que estavam sendo vividas por extrativista e pesquisadora. Becker (1993) diz que “o pesquisador deve adequar o método de pesquisa aos problemas e desafios do campo no qual se encontra inserido”. E assim se procedeu.

A maior parte das informações foi obtida por meio das narrativas que foram relatadas pelos próprios moradores da comunidade e que se dispuseram a colaborar na pesquisa de uma forma bem integrada. E para os quais, muito cuidadosamente, foram mediados questionamento, tais como: “E quanto à extração da castanha na comunidade hoje, a situação

é diferente?"; "O agricultor ainda é refém da pesada lei do patrão?"; "Consegue realizar sua coleta de castanha sem temer e trabalhar livremente?"; "faz seu próprio horário, comercializa sua produção com quem e quando quer?"; "Seus filhos e netos também estão envolvidos com essas ações?"; "A extração da castanha ainda é uma atividade econômica que deve ser incentivada na região?"; "Existem programas de implantação de orientação familiar na extração e formação de cooperativas de grande valia para melhorar a vida dos comunitários, esse movimento têm contribuindo na preservação ou conservação das castanheiras, tendo em vista que a floresta é que fornece o seu alimento?"; "De que forma esse processo que começou no início dos anos 1960 e se perpetuou até meados dos anos 1990 estará contribuindo para a resignificação e formação das identidades dos novos e futuros moradores da comunidade, uma vez que seus antepassados passaram por todo esse processo de extração da castanha e foram submetidos a um desgastante trabalho escravo, por exemplo, que só serviu para reforçar a autoridade e ascender o poder político dos grandes proprietários de terras existentes na região?"

Enfim, a estratégia para essa pesquisa de mestrado foi concentrar as perguntas na experiência mais imediata de cada um dos sujeitos da pesquisa, suas atividades culturais, sociais e políticas de seus grupos, e, nas suas histórias de vida, concentrou-se principalmente na história de vida política de cada um.

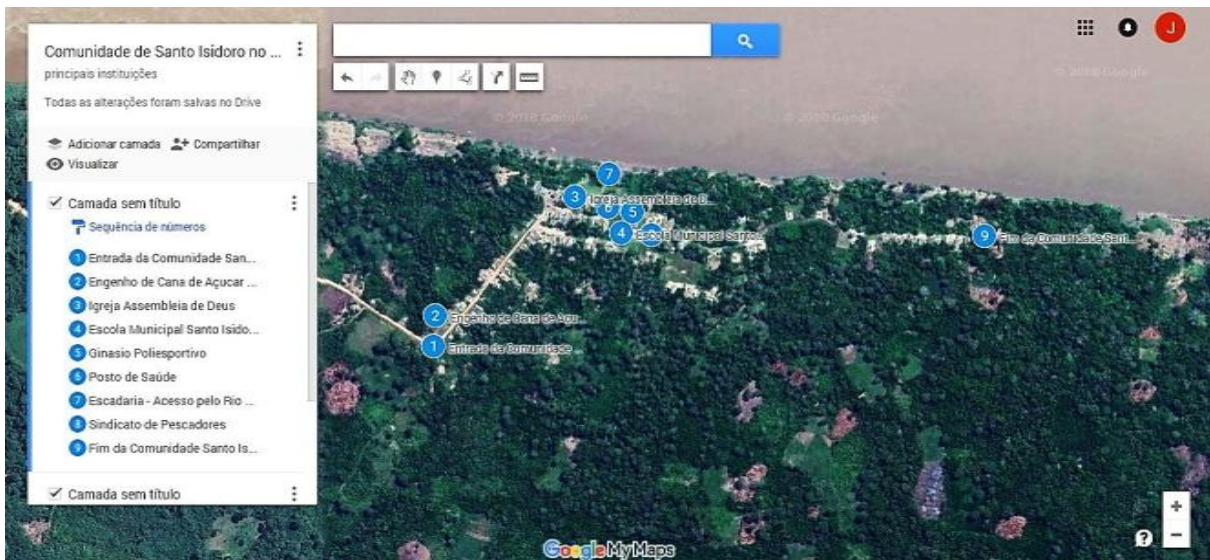
Os autores que subsidiaram a produção teórica desta pesquisa de fato contribuíram para enriquecer a discussão em torno dos conhecimentos tradicionais, valendo-se da experiência dos conhecimentos tradicionais na comunidade. Foram informações que trouxeram à luz do conhecimento argumentos importantes, nortearam todo o diálogo, indicaram que os conhecimentos tradicionais dentro de um enfoque narrativo das experiências e vivências dos extrativistas da castanha têm um significado epistemológico e que não é algo homogêneo, tem características e raízes próprias em cada sociedade, principalmente nas sociedades que estão situadas distantes dos centros urbanos.

## 1.6 O *LOCUS* DA PESQUISA: COMUNIDADE SANTO ISIDORO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

Conforme já foi mencionado, a pesquisa foi realizada na Comunidade de Santo Isidoro, localizada no município de Tefé-AM. O acesso à comunidade se dá por via fluvial e terrestre. As imagens de satélite (Figura 2) indicam geograficamente a localização da Comunidade de Santo Isidoro. A comunidade está situada à margem esquerda do rio Solimões

e a floresta é predominante em toda sua extensão, com praticamente nenhum registro de queimada que altere a paisagem natural. A figura retrata espaços que na década de 1960 tinham grande potencial do produtor de castanha. Essas são imagens recentes, que se encontram disponíveis na internet.

**Figura 2 - Comunidade de Santo Isidoro vista por imagem de satélite**



Fonte: Google MyMaps-Ano (2018)

O contexto social apresenta-se bem diversificado e atualmente não há mais o isolamento geográfico recorrente até meados da década de 1990. Segundo dados coletados pelo morador da comunidade, Sr. D.M.S, a construção do ramal que liga Santo Isidoro à Estrada da Empresa Amazonense de Dendê (EMADE) foi concluída em 1996 pelos moradores da comunidade, ação que a tirou do “isolamento”. No final de 1996 a comunidade que se localizava na várzea também se mudou para terra-firme, tendo em vista a elevação no nível das águas do rio Solimões e ações do chefe do Poder Executivo tefeense, na época, de contribuir com a terraplanagem e demarcação dos primeiros lotes de terra no seu atual espaço.

Na Figura 3 pode-se observar que as relações sociais de parentesco e compadrio entre todos os moradores da Comunidade de Santo Isidoro originam-se, atualmente, de estreitamento do laço familiar: pais, tios, primos, sobrinhos fazem parte deste contexto humano, de alguma forma, próximo ou distante do vínculo, que é mantido, garantindo assim o domínio de duas a três famílias tradicionais na liderança da comunidade, há gerações.



**Figura 3** - Relações sociais entre os comunitários reunidos no final da tarde



**Fonte:** Arquivo pessoal (2017)

A castanha, embora com uma menor produção, continua sendo coletada e sua comercialização ainda muito utilizada como produto de renda para o sustento de diversas famílias da comunidade de Santo Isidoro, só que com um número reduzido de coleta. A diminuição da produção foi em parte ocasionada pelo excesso da derrubada de algumas árvores para a ampliação da comunidade, pelo avanço tecnológico, como o “Programa Luz para Todos”, e um dos fatores mais decisivos para a fraca produção, o envelhecimento das árvores e o escasso e desordenado replantio desta espécie pelos comunitários. Segundo o Sr. D.M.S, o trabalho de reflorestamento hoje fica por conta das cutias que, por serem um animal roedor, fazem esse processo espalhando as sementes pela mata. Esse narrador também afirma que no ano de 2017 a produção de castanha foi bastante escassa. “Antigamente se juntavam 12 (doze) paneiros de ouriços de uma castanheira apenas, hoje se colhe 30 (trinta) a 40 (quarenta) ouriços”.

Atualmente, a comunidade se diversifica em suas culturas de produção, incluindo a roça, a cana-de-açúcar, a pesca, banana, abacaxi, hortaliças. Quanto à cana-de-açúcar, a comunidade chegou a firmar contrato com a Coca-Cola S.A. para o fornecimento de açúcar mascavo, mas, com o passar do tempo, surgiu a crise econômica, deixando de produzir por encontrar muitas dificuldades frente à burocracia com os representantes, e com isso os produtos saíam de sua validade ficando impróprio ao consumo.

A Comunidade de Santo Isidoro possui atualmente 397 (trezentos e noventa sete) habitantes, com um total de 84 famílias.

A coleta de dados realizadas nas primeiras idas à campo na comunidade de Santo Isidoro iniciaram no ano de 2017. Esse, foi de fato, um desafio sob o ponto de vista da



logística, tanto no deslocamento fluvial quanto no terrestre. O deslocamento fluvial se deu no período de elevação das águas, o que facilitou um pouco, pois ancoramos próximo à escada, que, por sua vez, possui aproximadamente 100 degraus, uma subida íngreme na vertical da terra de várzea (porto da comunidade) até a terra-firme onde está assentada a Comunidade de Santo Isidoro. A Figura 4 mostra a entrada da comunidade pelo rio Solimões, sendo que o acesso por via fluvial dura aproximadamente 1 hora de viagem em canoa de motor rabeta.

**Figura 4** - Entrada da comunidade pelo rio Solimões



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Por via terrestre o desafio foi ainda maior, como mostram as figuras 5 e 6, pois as chuvas e a umidade, comuns entre os meses de dezembro a julho, contribuem para o atoleiro em toda a extensão de 5 (cinco) quilômetros do ramal. A única maneira é seguir a pé, por aproximadamente 40 (quarenta) minutos, além dos outros 40 (quarenta) gastos no trajeto entre o centro da cidade de Tefé até o final da Estrada da EMADE, são 35 quilômetros de estrada.

**Figura 5** - Entrada da comunidade pelo ramal



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

**Figura 6** - Primeira ida à campo para realização da pesquisa



**Fonte:** Arquivo pessoal (2017)

Os trabalhos de campo iniciaram em 2017, no mês de julho, quando pela primeira vez visitamos a Comunidade de Santo Isidoro. Os primeiros registros indicaram que as experiências e as relações sociais eram consolidadas com muita frequência na comunidade, e que as famílias tinham uma proximidade, uma relação de intimidade, quase sempre em torno de objetivos comuns voltados para o bem da coletividade, pessoas simples, na sua maioria agricultores, pescadores e coletores de castanha.

Os moradores costumavam ter, sempre que possível, conversas informais nos finais de tardes. Essa primeira impressão desencadeou na pesquisadora um estado de motivação positivo, o que contribuiu para que se traçassem novos delineamentos para dar prosseguimento à investigação.

Desde o primeiro contato observamos que os moradores da comunidade de Santo Isidoro praticam a coleta de amêndoas de castanha, ao mesmo tempo em que também desenvolvem a monocultura da mandioca e plantio de pequenas hortaliças. Eventualmente praticam a pesca. Os roçados, sempre distantes, exigem caminhadas floresta adentro, como mostra a Figura 7, local onde se encontram as casas de farinha (construções rústicas com forno alimentado por lenha utilizadas para o preparo da farinha de mandioca).

**Figura 7** - Caminhos na floresta para os roçados



**Fonte:** Arquivo pessoal (2017)

Ao iniciar as primeiras incursões na comunidade constatamos que o percurso metodológico qualitativo, tendo como ferramenta a narrativa, se enquadrou nos objetivos da pesquisa, isso por que a narrativa envolve os comunitários considerando que estes viveram e foram trabalhadores que participaram ativamente do extrativismo *in natura* da castanha nos períodos de 1960 a 1990 na comunidade.

Na segunda ida a campo à comunidade, que se deu no mês de novembro de 2017, iniciou-se outro ciclo de coleta de dados, que começou com a realização de um levantamento sobre a quantidade de famílias existentes na comunidade denominados como os agentes comunitários locais, que conhecem e visitam semanal ou mensalmente todas as famílias da localidade.

Mediante os dados fornecidos pelos agentes comunitários foi feito um levantamento inicial, o qual foi triangulado com outros moradores escolhidos como informantes chaves, ou seja, moradores que extraíam e extraem castanha para vender nos últimos 5 anos. Essa restrição na seleção foi feita em função do fato de que nem todas as famílias da comunidade coletam a castanha deixaram-na de fazê-la por terem envelhecido ou devido a novas alternativas econômicas, na sua opinião mais promissoras, como o açaí, o serviço de transporte no rio e a produção da farinha de mandioca e cana-de-açúcar; outros coletam somente para a subsistência; apenas um pequeno grupo ainda coleta para a comercialização.

As figuras 8 e 9 apresentam a seleção de famílias para a participação no trabalho. A partir desse levantamento foi feita de maneira a se ter representantes das áreas nos roçados e com experiência nas atividades.

**Figura 8** - Seleção de famílias



**Fonte:** Arquivo pessoal ( 2018)

**Figura 9** - Representante da comunidade



**Fonte:** Arquivo pessoal ( 2018)

A intenção foi recolher o maior número possível de informações que possibilitasse acessar os moradores mais antigos da comunidade. Para tanto, desde a primeira ida a campo e durante toda a fase da coleta de informações, elaboramos um diário de campo com registros de observações do cotidiano da comunidade e diálogos travados informalmente com os moradores, relacionados ao extrativismo da castanha, produção da farinha de mandioca e cana-de-açúcar e como esses conhecimentos tradicionais são transmitidos de geração a geração.



Em uma terceira visita à comunidade, que aconteceu no mês de julho de 2018, a coleta iniciou com a aplicação das entrevistas, como podemos observar nas figuras 10 e 11. Foram entrevistados 4 extrativistas, tendo como critério de seleção serem os mais antigos moradores e coletores de castanha da comunidade.

**Figura 10** - Chegada da roça do casal de castanheiros



**Fonte:** Arquivo pessoal (2018)

**Figura 11**- Momento da entrevista com o castanheiro



**Fonte:** Arquivo pessoal (2018)

Durante as entrevistas informais foram permitidos emendar a resposta de uma dada pergunta com outros assuntos mais pessoais, para que relacionassem suas experiências de vida com o trabalho diário na roça, direcionando-se a uma conversa informal. Essa atitude indicou uma sequência lógica, pois estabeleceram-se ligações entre os questionamentos e as respostas obtidas, conduzindo à compreensão de todo contexto analisado.

De acordo com Goodson (1992), ao ouvir a voz dos sujeitos da pesquisa podemos reconhecer que os dados de suas vidas são relevantes, na medida em que os projetos pessoais

estão articulados a outros de natureza coletiva, o contexto social, cultural, econômico e político influencia na constituição da pessoa e do profissional, a história de vida pessoal e profissional de cada um se coaduna com sua prática, são importantes elementos no sentido de se pensar a maneira pela qual pode se realizar seu desenvolvimento profissional.

Os moradores da Comunidade de Santo Isidoro habitam o referido espaço há décadas, descendem daqueles que se envolveram diretamente com o período áureo de coleta das amêndoas de castanha, os extrativistas. Nos anos de 1960 essa relação entre eles era semelhante ao regime de trabalho enfrentado pelo seringueiro entre os anos de 1935-1945, as despesas contraídas com alimentação – açúcar, café, leite, arroz, dentre outros produtos – eram anotadas em uma caderneta e o coletor de castanha não conseguia saldar as dívidas. O coletor de amêndoas de castanha tornava-se então um trabalhador sem privilégios, praticamente sem folga para descanso, sua dedicação era exclusiva e seu patrão era quem definia o rumo da sua vida.

A partir de 1960 intensificou-se essa forma de trabalho com maior exploração dos recursos naturais e da mão de obra dos agricultores e extrativistas, com jornadas diárias de até 16 (dezesseis) horas de trabalho. Trabalhar para alcançar metas cada vez ambiciosas, em que só o patrão enriquecia financeiramente. Por outro lado, as cicatrizes profundas estão marcadas no consciente do extrativista experiente que acabou se envolvendo com a extração da castanha.

Foi visto que o aprendizado em relação à atividade da coleta da castanha era transmitido de pai para filho desde cedo, por meio do contato que os próprios filhos tinham com o ambiente da coleta ainda crianças, pois era comum crianças a partir de 10 anos começarem a trabalhar.

A coleta de amêndoas das castanhas se encontrava em árvores dispersas, o que exigia maior esforço físico, principalmente para uma criança. Além disso, a exposição aos perigos que a própria floresta oferece, como animais peçonhentos, tornava essa caminhada um risco à vida tanto do adulto quanto do seu filho, que, naquele momento, iniciava no extrativismo *in natura* da castanha.

A refeição dos trabalhadores na coleta de castanha era predominantemente de pescado, havia abundância de pirarucu, que hoje não existe mais. De acordo com Manuela Carneiro da Cunha (2009), “[...] tampouco o mercado no qual hoje atuam as populações tradicionais é o mesmo de ontem [...]”. Isso não quer dizer que as relações humanas existentes nas comunidades tradicionais estejam desaparecendo, no entanto a forma como a atual e as futuras gerações reagem diante do aprendizado tradicional é que se modifica. Não há mais a

coleta da castanha como antes, o que também tem influenciado diretamente na continuidade do aprendizado em sua prática na coleta.

É importante ressaltar que apesar da realização de uma observação constante do cotidiano da comunidade – bem como de situações sociais, do meio geográfico e econômico, imagens, documentos e outras coisas típicas de uma observação participante – a maior parte das informações foi obtida através das entrevistas que foram relatadas pelos próprios moradores da comunidade e que se dispuseram a colaborar com a pesquisa de uma forma bem integrada.

Trata-se até aqui de destacar os aspectos sociais em relação ao cotidiano vivido por alguns dos moradores da Comunidade de Santo Isidoro, a partir dos conhecimentos tradicionais em torno da extração da castanha na floresta localizada no entorno da referida comunidade.

Esta estrutura social traz consigo valores impressos de uma rica e diversificada cultura tradicional amazônica. Nesse sentido, segundo Fraxe (2004), o conhecimento tradicional amazônico é a identidade do caboclo-ribeirinho, que construiu seu modo de vida integrado à prática constante das práticas agrícolas incluindo o extrativismo vegetal e animal. Ainda segundo o mesmo autor: “Este caboclo que busca desvendar os segredos de seu mundo, com seus conhecimentos [...] assim como ao trabalho, ao labor e ao lazer; onde vive, de forma tradicional, celebrando a vida [...]” (FRAXE, 2007, p. 21).

Os moradores da Comunidade de Santo Isidoro detém um vasto conhecimento tradicional que passou a integrar sua vida desde que buscou compreender e sobreviver a partir do que podia e pode extrair de todo o sistema ambiental que o cerca. O que torna este caboclo único é o seu envolvimento com a coletividade. Em suma, não somente em si, tem por hábito partilhar experiências visando fortalecer os vínculos sociais que o aproximam de outros membros de sua convivência diária.

A vivência na comunidade é marcada pelas memórias dos antepassados. No caso da Comunidade de Santo Isidoro compreende-se que a extração da castanha entre os anos de 1960 e 1990 foi um período de intensa exploração dos recursos naturais e da mão de obra dos extrativistas.

O resultado desse entendimento foi um arcabouço de informações que auxiliou a pesquisadora a compreender o mundo dos extrativistas da castanha na comunidade e propiciou relações mais dialógicas na construção e proposição dos grupos de ações da coleta da castanha e outros empreendimentos. Ademais, seria o registro de um conhecimento local que está se perdendo entre os jovens das comunidades e poderia ser usado, quem sabe, no

ensino formal futuramente. Além disso, este trabalho traz informações sobre como o extrativismo é realizado na localidade, que, relacionadas à literatura acadêmica existente, auxiliarão na descrição da sustentabilidade da prática nessa comunidade florestal.



## **CAPÍTULO II - ABORDAGENS SOBRE OS CONCEITOS DE POPULAÇÕES E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS**

Para Fraxe (2007), o conceito de populações tradicionais se deu com o surgimento das populações tradicionais na Amazônia e possuem toda uma história, ou seja, toda uma origem que remonta à forte influência cultural indígena, que, ao avançar nos tempos, foi se adaptando:

Na Amazônia o conhecer, o saber, o viver e o fazer, foram processos predominantemente indígenas que iniciaram com o surgimento das populações tradicionais. A esses valores foram sendo incorporadas por via de adaptação, assimilação, competição e difusão, novas instituições, técnicas e motivações transplantadas pelos seus colonizadores e povoadores, além de novos valores aqui aportados por imigrantes nordestinos e de outras regiões brasileiras. (FRAXE, 2007, p.94)

A população tradicional trata de um relevante patrimônio cultural, que foi miscigenado, isto é, nasceu indígena, mas incorporou outros elementos, a exemplo, dos conhecimentos dos nordestinos que trouxeram consigo conhecimentos distintos dos locais, mas que influenciaram e foram influenciados pelos conhecimentos locais. Portanto, um processo envolvendo assimilação e difusão de conhecimentos tradicionais advindos do contexto histórico, nesse caso dos nordestinos, tiveram e têm preponderante participação no atual contexto social, econômico e cultural. Desta forma, o capítulo abordará os conceitos de conhecimentos tradicionais, contextualizando sua importância no contexto amazônico, e particularmente, no contexto da comunidade Santo Isidoro.

### **2.1 CONTEXTUALIZANDO OS CONCEITOS DE CONHECIMENTOS TRADICIONAIS**

Ao iniciar este tópico é importante contextualizar a atual legislação brasileira, quanto ao significado e características que definem os conhecimentos tradicionais. Nos últimos anos o governo federal, por meio de diferentes dispositivos legais, como decretos, leis, regulamentações etc., vem procurando assegurar os conhecimentos tradicionais a partir da existência de comunidades tradicionais. Assim, surge o Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, que, no Art. 3º, § 1º, afirma:

Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (DECRETO nº 6.040/2007).

O termo Comunidades Tradicionais se refere a aspectos culturais a forma como as comunidades utilizam os recursos existentes em seus territórios, bem como elas conseguem transmitir aspectos religiosos, sociais de geração a geração, o que é um garantidor de sua existência e do seu reconhecimento legal de acordo com esse artigo do Decreto nº 6.040/2007, reconhece que as comunidades tradicionais são grupos diferenciados, que fazem uso dos recursos naturais e que colocam em prática os conhecimentos tradicionais em consonância com o meio ambiente, realizando a sustentabilidade social, econômica e cultural, que fazem tais comunidades como territórios com forte tendência a reproduzir e transmitir tais conhecimentos a partir dos acúmulos e experiências.

Trata-se de pessoas que fazem o uso de uma cultura diferenciada, em que a transmissão dos conhecimentos não se encontra disposta, porém, é organizada e formal, como geralmente se observa na literatura. Povos e Comunidades Tradicionais são grupos sociais que fazem o constante uso da partilha sobre a utilização dos recursos naturais, e que também defendem o uso de tais recursos às futuras gerações (DUARTE2016, p. 27). A história mostra que as comunidades tradicionais sempre tiveram uma relação mais harmoniosa com a natureza, de forma sustentável, de acordo com seus conhecimentos tradicionais (SANTOS 2008, p.43).

Para Grzebieluka (2012, p. 123), no Brasil existem diferentes tipos de populações ou povos tradicionais, que podem ser simplificados ou agrupados da seguinte maneira: “os caiçaras, os quilombolas, os ribeirinhos, os seringueiros e castanheiros, as quebradeiras de coco, as populações de fundo de pasto, os ciganos e os faxinalenses [...]”.

Dentre o que se pode chamar de diferentes tipos de populações tradicionais, encontram-se os coletores de castanha podendo se incluir nesse contexto. Muito embora não explicitado pelo autor, os agricultores de subsistência, ou agricultores familiares, que praticam a agricultura de forma sustentável, ou seja, procuram agredir e modificar o mínimo possível os recursos naturais que se encontram disponíveis, também podem ser incluídos nessa categorização.

Devemos levar em conta que por todo o Brasil, em todas as regiões, principalmente naquelas afastadas dos grandes centros urbanos ou dos municípios com maior expressividade

populacional, existem comunidades e povos tradicionais que procuram manter vivas as suas culturas, transmitindo às gerações futuras por meio de processos de aprendizagem informal. Isso se chama a transmissão dos conhecimentos tradicionais, ou a sua perpetuação. Analisando as palavras de Neves (2008, p. 14) entende-se mais claramente a realidade das populações tradicionais na região amazônica, para o autor “[...] são trabalhadores e trabalhadoras que residem nas proximidades dos rios e que se preocupam com o resgate de sua cultura e de seus saberes e fazeres [...]”.

No Amazonas, Tefé é o quinto município em número de habitantes, atrás apenas de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins e Coari. Trata-se de trabalhadores que se relacionam com tudo o que a floresta pode oferecer, desde a extração *in natura* da castanha, ervas, frutas, planta até a existência da agricultura familiar. Trata-se também de uma população tradicional, como a de Santo Isidoro, que está à margem do maior rio do mundo, o Amazonas, aqui denominado de Solimões. Esses conhecimentos tradicionais são únicos, um patrimônio material e imaterial, que estão envolvidos diretamente com a vida da população na comunidade.

Fazendo um contraponto entre o conceito de população tradicional e o local estabelecido para a realização desta pesquisa, a Comunidade de Santo Isidoro, a referida comunidade tem uma relação dinâmica com o rio, já que se localiza na margem esquerda do rio Solimões, nos limites geográficos pertencentes ao município de Tefé/AM. Os moradores da comunidade, são trabalhadores rurais tradicionais que laboram extraindo da floresta os recursos naturais utilizando os produtos para sua própria subsistência. Também buscam no rio um dos principais alimentos que põem à mesa, o peixe, que em determinado período do ano (vazante), apresenta diversidade e quantidade de espécies. Para Porto-Gonçalves (2001):

[...] guardam consigo o conhecimento adquirido ao longo dos anos vividos em meio à mata; um ecossistema extremamente diversificado e complexo em meio à floresta Amazônica [...] desenvolveram um saber, todo um conhecimento na sua convivência com os ecossistemas amazônicos que, sem dúvida, constitui um enorme acervo cultural. (GONÇALVES, 2001p. 22)

Esse conhecimento se estende às propriedades medicinais, aromáticas, cosméticas através das plantas existentes na floresta. Assim conseguiram um nível de subsistência, aliando a este contexto de conhecimentos tradicionais outras atividades relevantes: pesca, caça, cultivo de frutas e a extração *in natura* de outros produtos comercializáveis, por exemplo, açaí, cupuaçu, dentre outros (PORTO-GONÇALVES, 2001). Para Grzebieluka (2012):

As populações tradicionais mostram-se diques de contenção, frente a inúmeras transformações ocorridas no espaço rural. Sua forma de organização, a relação entre seus membros, a relação com a natureza e o modo peculiar como estas pessoas vivem, fortalecem os laços de companheirismo no interior das comunidades e lhes ajudam a manter-se afastados das grandes transformações tecnológicas que a sociedade presencia.(GRZEBIELUKA ,2012,p.133)

Acredita-se que devido ao seu quase isolamento as populações tradicionais não sejam tão afetadas pelo advento de uma economia capitalista. As comunidades tradicionais, dentre as quais a de Santo Isidoro, em plena atualidade, mantém suas tradições e são mantidas e ressignificadas, e, o mais importante, vividas e transmitidas.

Ao mesmo tempo em que também se solidificam por meio da troca de experiências, os comunitários em questão dialogam, solidarizam-se, praticam a subsistência para uma melhor qualidade de vida das famílias e que ainda goza de grandes potencialidades para a prática da agricultura familiar e do extrativismo *in natura* da castanha.

As populações tradicionais são portadoras de importante patrimônio histórico/cultural, rico em representações e caracterizado pelo modo simples de viver. A relação entre a população tradicional e a floresta é um ponto de equilíbrio nesse contexto. Vale ressaltar que estas comunidades, dentre as quais a de Santo Isidoro, trabalham a sustentabilidade socioeconômica em harmonia com os recursos e potencialidades naturais que a própria floresta oferece.

Observa-se que as populações tradicionais, quando analisadas no contexto social da Comunidade de Santo Isidoro, tornam-se algo concreto e que tem influência direta sobre todas as famílias que residem naquele espaço. Trata-se de moradores que têm experiências de fatos empíricos e que, entretanto, necessitam de uma melhor compreensão, pois os conhecimentos tradicionais que emanam neste espaço são relevantes. São experiências históricas, conhecimentos tradicionais que provocam a necessidade de novas e constantes pesquisas.

Assim, passa a trabalhar o que pode contribuir com sua renda e qualidade de vida, o que envolve tanto a prática do extrativismo quanto da agricultura familiar. Contudo, nas últimas décadas, o extrativismo vem cedendo à agricultura de subsistência a partir da seguinte justificativa, como apontam Hora *et. al.* (2015, p. 311): ‘Em substituição ao extrativismo, o cultivo agrícola trouxe inúmeros benefícios à humanidade, entre os quais, ampliação e melhoramento da produtividade e fixação do homem a terra, garantindo, assim, sua sobrevivência e crescimento populacional’.

Nota-se que o extrativismo é uma fonte de renda sim, no entanto a agricultura de subsistência fornece uma maior garantia, ou seja, as possibilidades reais de sustento são o principal atrativo. Além disso, o extrativismo *in natura* obedece a períodos específicos, por exemplo, a coleta de castanha ocorre entre os meses de dezembro a junho, e com o passar dos anos a quantidade de amêndoas vem diminuindo, fato este que também ocorre no contexto socioespacial da Comunidade de Santo Isidoro.

Descrevendo um pouco mais sobre a relação das populações tradicionais que praticam tanto o extrativismo quanto a agricultura de subsistência e, ao mesmo tempo, transportando tal discussão para a realidade da Comunidade Santo Isidoro, observa-se que a atividade extrativista da castanha ou de coleta do fruto do açaí, por exemplo, é um trabalho que os moradores executam de maneira individual, ou seja, não há a necessidade de envolver outros em tal ação laboral.

No entanto, quando este comunitário se envolve com a agricultura de subsistência, necessita do apoio e do voluntariado de outros comunitários, dentre as quais uma das principais que é a produção de farinha de mandioca. Esse tipo de trabalho é denominado de duas formas: arrumadinho e ajuri. O arrumadinho envolve membros de uma única família e o ajuri envolve membros (comunitários) de diferentes famílias. Para Hora *et. al.* (2015):

É comum, em alguns períodos do ano, os núcleos familiares adjacentes se reunirem em mutirão para executarem mais rapidamente uma determinada tarefa, por exemplo, na abertura de uma roça, na colheita e produção da farinha. Nesses casos, estabelecem-se acordos entre pais, filhos e compadres sobre a repartição da produção e troca de dias de trabalho. A prática de ajuda mútua e solidariedade no meio rural são relatadas também em outros estudos. (HORA, 2015, p.317)

O mutirão é uma prática comum que aproxima alguns moradores, por exemplo, os moradores da comunidade de Santo Isidoro, que além de realizar os ajuris também se reúnem quase que mensalmente para roçar e coletar resíduos (lixo) por toda a comunidade. Trata-se de um trabalho voluntário e solidário. Essa solidariedade é retratada com frequência em todo o contexto social da Comunidade Santo Isidoro, bem como os diálogos de final de tarde, sob as árvores, em que as famílias trocam experiências e aprendizados.

A expressão comunidades ou populações tradicionais surgiu no seio da problemática ambiental, no contexto da criação das Unidades de Conservação (UCs), áreas protegidas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), para dar conta da questão das comunidades tradicionalmente residentes nestas áreas: Povos Indígenas, Comunidades Remanescentes de Quilombos, Extrativistas, Pescadores, dentre

outras (FILHO, 2010). Nesse sentido, é preciso enfatizar as atividades econômicas que frequentemente são desenvolvidas nas comunidades tradicionais, promovendo assim o conhecimento.

Essas atividades podem ser enumeradas em agrícolas e extrativistas. A agrícola seria a produção através do cultivo da cana-de-açúcar, matéria-prima para a produção do açúcar mascavo, e o cultivo da mandioca, matéria-prima para a produção de farinha. Extrativista, pois se pode enfatizar que na região do médio Solimões, onde está localizado o município de Tefé e conseqüentemente a comunidade de Santo Isidoro, o extrativismo, de fato, se assenta na coleta de castanha, uma atividade com mais de meio século de existência, que tem sua história marcada pela servidão.

O conhecimento tradicional pode ser definido como o saber e o saber-fazer, a respeito do mundo natural e sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não urbano/industrial e transmitidos oralmente de geração em geração (DIEGUES; ARRUDA, 2001). Para muitas dessas sociedades não existe uma divisória rígida entre o natural e o social, mas uma interligação orgânica entre o mundo natural e a organização social. Ming (2001) ressalta que o conhecimento tradicional não se limita apenas ao uso das plantas.

Ainda de acordo com Duarte (2016), é comum em meio às comunidades tradicionais a resistência dos mais jovens em receber os conhecimentos tradicionais. Porém este conhecimento é primordial para que as relações sociais existam neste espaço. Um dos motivos que pode interferir neste processo é o contato dos mais jovens com os meios tecnológicos, principalmente celulares. Analisando este ponto de vista, nota-se que os jovens comunitários da comunidade de Santo Isidoro estão sob esta influência, mesmo que praticamente não exista sinal para o uso de tais aparelhos. Esse modismo invade também o ambiente escolar, que, por sinal, pode contribuir negativamente quanto ao rendimento e aproveitamento do aluno no processo de ensino, algo relatado pelos moradores da comunidade.

Os conhecimentos tradicionais são produzidos e gerados de forma coletiva com base em ampla troca e circulação de ideias e informações transmitidas oralmente de uma geração à outra (SANTILLI, 2005, p.14). Outro fator que chama atenção do conceito de conhecimento tradicional é o termo *tradicional*, que, no Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia, expõe uma visão estática e primitiva deste conhecimento, que não tem uma característica de novidade, referindo-se também a um patrimônio intelectual imutável (DUARTE, 2016). Neste contexto, o termo contradiz o fato da reconstrução e modificação do conhecimento devido a sua natureza dinâmica e adaptativa (MEDEIROS; ALBUQUERQUE, 2012,p.15).

O conceito de conhecimentos tradicionais, na atualidade, enfrenta um relevante dilema que se estabelece, segundo Oliveira (2009), nas formas que se pode trabalhar para mantê-los vivos, daí se fundamenta a crítica:

A crítica à modernização incrementada pelo capitalismo na região deixou uma dívida incalculável ao patrimônio físico e sociocultural de seus povos e territórios [...] pela negação das populações tradicionais índias e caboclas e de suas formas de ocupabilidade [...] (OLIVEIRA, 2009, p. 15).

A modernização da economia capitalista, com seus serviços e produtos industrializados, está a cada dia mais próxima do cotidiano das comunidades tradicionais, e isso acaba colocando em risco a transmissão dos conhecimentos. É este percurso que Oliveira (2009) teme que aconteça e que contribua para o desaparecimento dessa cultura que há anos existe no cenário amazônico. Outro aspecto negativo, de acordo com Oliveira (2009), foi a imagem que se criou dos habitantes amazônicos desde os idos do século XV:

Os povos são parte da paisagem da natureza; são descritos em matizes de cor, semelhança de aproximação estética, pela aparência e proximidade com os animais, pela ausência de crenças, de religião, de leis, de ambição, de cobiça aos bens materiais [...] (OLIVEIRA, 2009, p. 17).

Essa visão negativa que se criou em torno das comunidades tradicionais, à época, de fato reflete atualmente. Os cronistas ignoraram a estrutura social existente, toda cultura predominante, com seus hábitos, costumes e tradições, com isso, muito se perdeu, e trabalhar de maneira a resgatar essa tradição das comunidades é um desafio complexo que passa a exigir o ingresso no ambiente em questão para definir estratégias, métodos e metodologias que venham subsidiar as discussões para que as comunidades tradicionais e seu modo de estrutura socioeconômica recebam a atenção merecida. Em suma, é preciso contextualizar o que temos para mantê-los vivos e firmes, pois, assim, vamos redescobrir que possuímos uma identidade cultural tradicional que está nas comunidades e que necessita ser compreendida e divulgada em sua relevância social e econômica.

Esses campos de forças sociais são também organizados para um sistema de produção e extração de excedentes, bem como de um sistema de poder correspondente aos ideários que justifiquem as interferências civilizatórias sobre os habitantes de uma das classes socialmente construídas na Amazônia.

Para Porto-Gonçalves (2001), as atividades tanto de agricultura de subsistência quanto de extrativismo exigem conhecimentos empíricos, aqui denominados de conhecimentos

tradicionais, pois tudo depende da floresta, “[...] conhecimento este derivado da vivência na floresta [...]” (PORTO-GONÇALVES, 2001, p. 23). Por outro lado, os próprios comunitários das comunidades tradicionais têm o hábito de contextualizar, ou seja, da troca de experiências, e também se solidarizam uns com os outros, como afirma Santos (2002):

[...] se percebem como comunidade, discutem e conhecem a vida em tudo [...] estabelecem laços de compadrio, se solidarizam. Com frequência percebem a existência da reserva extrativista, só faz sentido na medida em que todos estiverem espalhados e vigilantes para não sofrerem invasões. (SANTOS, 2002, p.27)

Dessa forma o conhecimento tradicional que emana das comunidades tradicionais por meio de seus comunitários é algo concreto que é construído através dos tempos com o emprego de uma técnica bem simples, chamada de experiências e observações. Destacam-se as experiências empíricas, senso-comum, por onde os conhecimentos tradicionais passeiam, são conhecimentos que possuem afirmações, melhor, validações.

Há em torno do contexto sobre o conceito de conhecimentos tradicionais o legado, ou melhor, a forma como este conhecimento tradicional é transmitido, a partir desta realidade. Toledo (2009) diz:

A transmissão desse conhecimento se dá por meio da língua e, até onde sabemos, não lança mão da escrita; quer dizer, é um conhecimento ágrafo. A memória é então o recurso mais importante da vida desses povos [...] As sociedades orais não são necessariamente sociedades analfabetas, porque sua oralidade não é falta de escrita, mas sim não necessidade de escrita. (TOLEDO, 2009, p.5)

Percebe-se que a tradição quanto à transmissão dos conhecimentos tradicionais nas sociedades também tradicionais não se dá por meio de registro escrito, e sim por meio de registros orais, ou seja, o conhecimento tradicional que se perpetuou por anos é transmitido de geração a geração principalmente aos mais jovens.

Esse tipo de ação não se configura em analfabetismo, e sim numa forma diferenciada de repasse de experiências vividas, em que escrever não é tão relevante quanto o conhecimento que pode ser armazenado na memória dos atores envolvidos nesse processo. As sociedades tradicionais possuem suas especificidades, e, dentre estas, a mais aplicada é o registro oral em memória, em que o formalismo da escrita cede lugar a uma linguagem típica, com nomes típicos, envolvendo toda uma simbologia.

Os conhecimentos tradicionais podem receber, segundo a literatura, diferentes conceitos, a seguir: “Comunidades tradicionais, povos tradicionais, populações tradicionais são termos comumente utilizados para designar os grupos sociais culturalmente diferenciados



das sociedades urbano-industriais [...]” (HANAZAKI *et. al.*, 2010). As comunidades que se diferenciam das que se encontram no perímetro urbano dos grandes centros, tratam-se de comunidades tradicionais onde as estruturas sociais e econômicas são diferentes sob a ótica da crítica analítica.

As relações socioeconômicas não são as únicas que ocorrem no espaço físico das comunidades tradicionais onde fluem também os conhecimentos tradicionais e seus contextos diferenciados. Assim, as comunidades tradicionais também desenvolvem a relação que Diegues e Arruda (2001), Toledo e Barreira-Bassols (2009) qualificam como o ambiente da relação sociedade-natureza, que, por sua vez, é de baixo impacto ambiental, como argumentam com propriedade Cunha e Almeida (2000).

De fato, isso por que na contextualização social, cultural e econômica das comunidades tradicionais o objetivo principal não é comercializar intensivamente os produtos agrícolas ou extraídos do meio ambiente, mas proporcionar a sustentabilidade em harmonia com o uso dos recursos naturais, dessa forma reduzindo o impacto ao mesmo tempo em que também garante as potencialidades que o próprio meio ambiente oferece.

Durante séculos populações tradicionais e locais do mundo todo adquiriram, usaram e transmitiram para novas gerações conhecimentos tradicionais sobre a biodiversidade local e a forma como ela pode ser usada para uma variedade de finalidades importantes. Esses conhecimentos tradicionais são frutos da luta pela sobrevivência e da experiência adquirida ao longo dos séculos pelas comunidades adaptados às necessidades locais, culturais e ambientais transmitidas de geração em geração. Nesse sentido, é necessária uma análise detalhada do termo conhecimento tradicional quando condicionado a conceito de populações tradicionais:

Conhecimentos tradicionais não são chamados assim por causa da sua antiguidade. Trata-se de um conjunto dinâmico de conhecimentos que é desenvolvido, sustentado e transmitido de geração em geração dentro de uma comunidade, muitas vezes fazendo parte de sua identidade cultural ou espiritual. Como tal não é facilmente protegido pelo sistema atual de propriedade intelectual, que tipicamente concede proteção durante um período limitado a novas invenções e obras originais de pessoas ou empresas. Sua dinâmica significa também que os conhecimentos tradicionais não são fáceis de definir (WIPO, 2018, p. 1).

O conhecimento tradicional tem fragilidades que se encontram na forma de seu reconhecimento e originalidade. É algo original, ou seja, um conhecimento tradicional não é igual a outro, tem particularidades e especificidades.

## 2.2 AS POPULAÇÕES TRADICIONAIS E SEUS CONHECIMENTOS NA AMAZÔNIA

A relevância geográfica da Amazônia, está situada em sua porção centro-norte, é cortada pela linha equatorial e, portanto, compreendida em área de baixa latitude. Ocupa cerca de 2/5 do continente e mais da metade do Brasil. Inclui 9 países. Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela Segundo Arruda 2000 a Amazônia brasileira compreende 3.581 km<sup>2</sup>, o que equivale a 42,07% do país. A chamada Amazônia Legal é maior ainda, cobrindo 60% do território em um total de cinco milhões de km<sup>2</sup>. Ela abrange os estados: Amazonas, Acre, Amapá, oeste do Maranhão, Mato Grosso, Rondônia, Pará, Roraima e Tocantins.

A floresta Amazônica é um ecossistema auto-sustentável. Ou seja, é um sistema que se mantém com seus próprios nutrientes num ciclo permanente. Os ecossistemas amazônicos são sorvedouros de carbono, contribuindo para o equilíbrio climático global. Existe um delicado equilíbrio nas relações das populações biológicas que são sensíveis a interferências antrópicas (ARRUDA, 2000, p. 9).

A floresta não esconde a grande variedade de ecossistemas, dentre os quais se destacam matas de terra firme, florestas inundadas, várzeas, igarapés, igapós, campos abertos e cerrados. Conseqüentemente, a Amazônia abriga uma infinidade de espécies vegetais e animais: 1,5 milhão de espécies vegetais catalogadas, três mil espécies de peixes, 950 tipos de pássaros, e ainda insetos, répteis, anfíbios e mamíferos.

A Amazônia, por ser uma região de baixa latitude, também se encontra em um local onde são maiores às incidências dos raios solares, ou seja, entre os Trópicos de Câncer e de Capricórnio e a linha do Equador. Também nesse lugar se encontram as maiores reservas d'água doce superficial do mundo e, aliado a isso, há uma biodiversidade gigantesca. O clima da Amazônia é do tipo equatorial, quente e úmido, com a temperatura variando pouco durante o ano, em torno de 26°C. São muito comuns na região os períodos de chuva provocados em grande parte pelo vapor d'água trazido do leste pelos ventos. A grande bacia fluvial do Amazonas possui ¼ da disponibilidade mundial de água doce e é recoberta pela maior floresta equatorial do mundo, correspondendo também a ¼ das reservas florestais da Terra.

Durante a colonização, no século XV estima-se que alguns milhões de povos indígenas já viviam na região. Até o final da II Guerra Mundial a presença humana na região quase não sofreu modificações à cobertura vegetal original. Atualmente, segundo o IBGE (2018), vivem aproximadamente 12 milhões de pessoas habitam a região, numa densidade de 2 habitantes/km<sup>2</sup>. Estima-se que 1,5 milhão de pessoas vivam na floresta.

Viver a cultura amazônica é confrontar-se com a diversidade, com diferentes condições de vida locais, de conhecimentos tradicionais, de valores, de práticas sociais e educativas, bem como de uma variedade de sujeitos: extrativistas, agricultores, pescadores, índios, remanescentes de quilombos, assentados, atingidos por barragens, entre outros, e cidadãos (populações urbanas e periféricas das cidades da Amazônia) de diferentes matrizes étnicas e religiosas, com diversos valores e modos de vida, em interação com a biodiversidade dos ecossistemas aquáticos e terrestres da Amazônia.

Viver uma cultura é conviver com e dentro de um tecido de que somos e criamos, ao mesmo tempo, os fios, o pano, as cores, o desenho do bordado e o tecelão. Viver uma cultura é estabelecer em mim e com os meus outros a possibilidade do presente. A cultura configura o mapa da própria possibilidade da vida social. Ela não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis. Ela consiste tanto de valores e imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo, quanto das negociações cotidianas através das quais cada um de nós e todos nós tornamos a vida social possível e significativa (ORTIZ, 1992, p. 54).

A diversidade cultural da Amazônia constituída por suas lendas, culinária, música, conhecimentos tradicionais, imaginários, entre outros aspectos, é tratada pelos educadores com respeito. A cultura amazônica é compreendida como algo inerente ao modo como o ser humano vive e se percebe no seu mundo cotidiano, delineando a organização dos grupos sociais. No trabalho educativo, quando a gente fala em cultura amazônica, mesmo vivenciando-a, muitos a resumem somente à cultura da floresta, ao saber da floresta, mas ela vai além, envolve as populações que vivem nas pequenas cidades e, mesmo nas grandes.

Ao confirmar essa possibilidade começa a ação extrativista, no que os cronistas denominam de extração das drogas do sertão. Drogas do sertão é um termo que se refere a determinadas especiarias extraídas do meio ambiente, tais como ervas aromáticas, plantas medicinais, cacau, castanha-do-pará e guaraná. Esses produtos recebiam o nome de *drogas do sertão* e eram considerados especiarias na Europa, alcançando excelentes preços nesse período (OLIVEIRA, 2004, p. 65).

É possível constatar que as drogas do sertão, de fato, eram bastante cobiçadas sob o ponto de vista econômico, e que os exploradores acabaram tornando a Amazônia em um local de onde eram extraídos tais produtos. É importante também destacar, por exemplo, que a castanha, até os dias atuais, continua sendo um dos produtos naturais que tem um público consumidor certo.

O extrativismo das drogas do sertão registra a primeira atividade de exploração dos recursos naturais na Amazônia. De acordo com Porto-Gonçalves (2001, p. 81), a partir do

“devassamento da floresta em busca de especiarias” iniciaram se o “desenvolvimento da Amazônia e a valorização seletiva de seus recursos naturais”. É importante que se compreenda e ao mesmo tempo se analise que o extrativismo, ou melhor, a atividade extrativista não pode e nem deve ser observado somente sob o ângulo econômico. Nesta perspectiva, Silva e Claudino (2016, p. 560) esclarecem: “[...] esta atividade não pode ser analisada somente a partir da perspectiva econômica, uma vez que a atividade extrativista faz parte da conformação da vida social”. Tanto os valores econômicos quanto os valores extrativistas são colocados num mesmo nível social.

Historicamente o modelo de desenvolvimento pensado para a Amazônia pelos representantes do Estado pautou-se na extração de produtos para exportação, tais como drogas do sertão: borracha – espécies de hevea, principalmente seringueira (*Hevea brasiliensis*), castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa*), madeiras e minério, desencadeando ciclos econômicos derivados de atividades extrativistas fomentadas pelos governantes e promovidas pelo grande capital (HÉBETTE, 2004, p.89).

Para Fraxe (2007), os conhecimentos das populações tradicionais na Amazônia possuem uma história, ou seja, uma origem que remonta à forte influência cultural indígena, que, ao avançar nos tempos, foi se adaptando.

Os conhecimentos das populações tradicionais, quando se considera a visão da autora, de imediato nos leva a compreender que se trata de um patrimônio cultural que foi miscigenado, isto é, nasceu indígena, mas incorporou valores nordestinos. Assim, a cultura foi se renovando, se remodelando com o tempo. Trata-se de uma assimilação e de uma difusão de conhecimentos tradicionais advindos do contexto tradicional, que envolvem principalmente comunidades que estão inseridas no espaço rural. Os nordestinos, que vieram muito depois da forte influência cultural tradicional indígena, tiveram e têm preponderante participação no atual contexto social, econômico e cultural vivenciado em comunidades com pujança tradicional.

Em Santo Isidoro é possível perceber que os conhecimentos tradicionais predominantes possuem dois berços, duas origens distintas, a primeira, a indígena, a segunda, consequência do processo de migração que se acentuou com os ciclos de produção da borracha. Finalizando este ciclo, a cultura tradicional deu início a um processo de fusão, assim, tanto os valores indígenas quanto nordestinos se fazem presentes atualmente nos espaços tradicionais das comunidades. Muitas famílias hoje, na comunidade de Santo Isidoro, apresentam traços físicos: indígena e nordestino. Além de hábitos culinários, extrativistas e principalmente agrícolas, com o cultivo da mandioca, tubérculo advindo historicamente dos

nativos ameríndios que habitavam o continente americano muito antes da introdução dos exploradores europeus.

Pretrere Jr. (1992) e Furtado (1993 *apud* FRAXE, 2007, p. 95) narram que ao direcionar a atenção para os conhecimentos tradicionais das populações tradicionais amazônicas é necessário ampliar o campo de visão crítica, isso por que:

[...] falando sobre as comunidades ribeirinhas da Amazônia, afirmam que estas são compostas em sua grande maioria por moradores que dividem o tempo entre a agricultura e a pesca artesanal [...] A ideia de comunidade é frequentemente associada a uma configuração espacial física: o bairro, o povoado, os moradores de uma bacia ou ribeirinhos (PRETRERE JR, 1992; FURTADO 1993 *apud* FRAXE, 2007, p. 95).

Fazendo uma relação entre a opinião do autor e o cenário desta pesquisa à comunidade de Santo Isidoro se percebe que as possibilidades de concordância de ideias são representativas. Isso por que os comunitários deste espaço praticam ambas as atividades laborais nos dias atuais: a agricultura de subsistência e também a pesca artesanal e o extrativismo *in natura* da castanha. A ideia do emprego da mão de obra artesanal é típica de comunitários tradicionais. Essa população, em relação ao contexto desta pesquisa, também é chamados ribeirinhos, pois a comunidade de Santo Isidoro está localizada à margem do grande rio Solimões.

Para Diegues (2004), as populações tradicionais nas quais os conhecimentos tradicionais na Amazônia fluem constantemente possuem algumas particularidades que necessitam ser apreciadas, a exemplo da baixa densidade populacional. Essa característica, de certo modo, influencia diretamente o uso coerente dos recursos naturais oferecidos pela floresta, e assim, mesmo sem notar, praticam a sua preservação às futuras gerações.

Essas populações desenvolveram estilos de vida baseados em relações de proximidade com a natureza, apresentam baixos padrões de consumo, não têm outras fontes de renda e é de fundamental importância para a sua sobrevivência o uso sustentável dos recursos naturais, de forma a não esgotá-los.

A construção do saber tradicional na Amazônia emana principalmente das populações tradicionais, que possuem inúmeras peculiaridades. É um saber alicerçado na vivência dos indivíduos, nas suas relações pessoais, sociais e também com o ambiente. No caso de comunidades rurais, como Santo Isidoro, o contexto em que as relações sociais acontecem acaba por determinar o modo de vida da coletividade, como enfatiza Brandão (1986):

O mundo rural cria e recria estilos, formas e sistemas próprios de saber, de viver e de fazer, de reproduzir frações da vida, da sua ordem social e da reprodução da vida na floresta. Para cada tipo de atividade do ciclo rural, há um repertório próprio de conhecimentos, cuja rusticidade apenas esconde segredos e saberes de uma grande complexidade (BRANDÃO, 1986, p. 15).

No ambiente rural, que aqui também se pode chamar de ambiente tradicional, especificamente o amazônico, e estrategicamente tefeense, a partir da existência da comunidade de Santo Isidoro, nota-se que o saber tradicional está intimamente interligado com os valores sociais e que tais valores tradicionais são dinâmicos quando analisados sob a ótica crítica considerando a floresta, ou melhor, os recursos naturais, em sua essência e a forma como se integram ao cotidiano do comunitário de Santo Isidoro, promovendo renda e qualidade de vida.

Na comunidade de Santo Isidoro os conhecimentos tradicionais sejam os mais diversos possíveis, isso por que existem conhecimentos que são empregados na coleta *in natura* de produtos como a castanha, a partir da sazonalidade e do período em que a própria natureza os disponibiliza, e também o processo de produção agrícola de subsistência que é empregado por todas as famílias pertencentes à comunidade.

Nota-se também que nesse cenário de conhecimentos tradicionais amazônicos algumas atividades de coleta *in natura* de produtos oriundos da floresta com o passar do tempo foram diminuídas, por exemplo, a própria produção da castanha. Por outro lado, o açaí tem se mostrado relevante, pois, ao ser transformado em vinho, auxilia na alimentação das famílias como também se torna uma fonte de renda alternativa entre os meses de janeiro a junho, mesmo período em que a coleta de amêndoas de castanha é realizada. Esse princípio, ou essa extração de produtos da floresta, ocorre em praticamente toda a Região Amazônica, principalmente nos estados do Amazonas e Pará.

Para Posey (1987), o uso de recursos naturais por populações tradicionais amazônicas é orientado por um conjunto de conhecimento acumulado, resultante da relação direta de seus membros com o meio ambiente, motivada por um modo de vida que ainda guarda acentuada dependência da natureza próxima. Por meio de observações atentas aos ciclos naturais, da troca de informações entre os pares sociais e do legado cultural, estas populações constroem seu modo de intervir na natureza.

Os conhecimentos das populações tradicionais na Amazônia, de fato, são ricos, relevantes na história, assim como determinantes para o contexto social dos dias atuais. Em Santo Isidoro estes conhecimentos estão presentes em todas as atividades familiares. Há a

transmissão de conhecimentos constantemente, muito embora se constate que a geração mais nova, composta por jovens e adolescentes, não se identifique tanto com tais conhecimentos.

Os conhecimentos tradicionais se revelam em todo momento, desde um simples diálogo, como na transferência de conhecimentos para extração de produtos na floresta ou produção de farinha, uma cultura que tradicionalmente está em todas as famílias tradicionais em todo o imenso território amazônico. As tradições sobrevivem à ação do tempo, o que também é um fator lógico de pensamento, podem até sofrer transformações, mas não perdem sua essência, sua origem. As populações tradicionais amazônicas que praticam a cultura dos conhecimentos tradicionais percebem tal princípio.

Transportando essa análise preliminar para o cenário dos conhecimentos das populações tradicionais que praticam a agricultura de subsistência ou familiar, encontram-se, segundo Machado (2016, p. 1), “Os conhecimentos tradicionais dos agricultores, assim como as demais práticas tradicionais, exigem a efetiva proteção e promoção por parte de toda a sociedade, e não apenas o seu reconhecimento [...]”. Na ótica da autora, é preciso estabelecer dois patamares, o primeiro de promoção e, em seguida, o de reconhecimento. A promoção é o que torna possível, por exemplo, o conhecimento de diferentes saberes das populações tradicionais, e o reconhecimento é o mecanismo que culturalmente protege esses saberes, pois, ao reconhecer, aprendemos a valorizar e conseqüentemente respeitar a diversidade dos conhecimentos tradicionais que se fazem presentes em diferentes contextos sociais de populações também tradicionais.

De acordo com Machado (2016), as populações tradicionais apresentam diversidade de valores socioculturais, com fortes traços característicos, que se confirmam quando também analisados criteriosamente. Para Dourado (2012, p. 3 *apud* Art. 30, Inciso I do Decreto nº. 6.040/2007):

São tradicionais as populações que transmitem os saberes e as práticas de pessoas e grupos cujo modo de vida é considerado tradicional. Tais grupos sociais distinguem-se culturalmente dos demais, se auto identificam e são reconhecidos nessa distinção, possuindo formas próprias de organização social. Com base nos conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos, são construídos modos de vida onde a ocupação do território e o uso dos recursos naturais são condições para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica (DOURADO, 2012, p. 3).

Para efetivarem sua existência as populações tradicionais necessitam de atores, ou seja, de pessoas ou grupos sociais específicos que se diferenciam dos demais. A sua reprodução ocorre em um espaço territorial delimitado, no qual as características religiosas, a

ancestralidade e também econômicas se fundem, formando um só saber, que passa a ser denominado de tradicional.

Essa lógica se aplica a comunidade de Santo Isidoro, que possui estas qualidades, ou seja, possuem conhecimentos que se formaram e se firmaram em torno da prática da sustentabilidade socioeconômica através da coleta de castanha, cultura da cana-de-açúcar e da produção da farinha de mandioca, produtos que agregam aspectos históricos que hoje proporcionam renda e qualidade de vida às famílias que atualmente residem naquele espaço geograficamente delimitado.

Os conhecimentos tradicionais são construídos a partir de práticas que se relacionam no próprio espaço, ou seja, a coleta de castanha, a produção de açúcar mascavo e, por último, a produção artesanal da farinha de mandioca, têm seus respectivos valores e se fundem. São, de acordo com Silva e Pilau (2011), costumes e tradições fundamentais, um conhecimento empírico que se difere quando comparado com o conhecimento científico, por exemplo:

O conhecimento tradicional difere fundamentalmente do conhecimento técnico-científico moderno, por integrar outra cultura que não é e nunca foi concebido como propriedade de alguém, que por ser coletivo [...] só pode ser protegido através de um direito coletivo (SILVA; PILAU, 2011, p. 147).

O primeiro ponto que se constata é que o saber culturalmente tradicional não tem sua propriedade fundamentada na exclusividade, em outras palavras, não pertence a uma única pessoa, pois é um patrimônio de uma determinada coletividade. Portanto, trata-se de um saber partilhado, coletivo, que, dessa forma, acaba sendo transmitido de geração a geração através da observação, que gera, por sua vez, a experiência de vida, um patrimônio imaterial que possui, no contexto da comunidade tradicional, um valor inestimável.

Não se trata de um patrimônio em que se pode calcular o seu valor financeiramente, ou seja, transcende essa barreira, e também não pode ser reduzido ao patamar de uma simples condição de matéria-prima, pois se trata de uma qualidade que agrega tanto valores sociais quanto econômicos, formando um conjunto que passa a determinar o curso e a qualidade de vida de toda uma coletividade tradicionalmente detentora de um ou mais conhecimentos que possuem toda uma história rica em acontecimentos que influenciaram e que influenciam até os dias de hoje.

O contexto que envolve o reconhecimento e a valorização da diversidade que recai sobre as populações, e conseqüentemente sobre as comunidades tradicionais no Brasil, é hoje, sem dúvida, um debate relevante, seja sob o ponto de vista histórico, social ou econômico.



Trata-se também de discorrer sobre o que representa o conhecimento adquirido e transmitido, crenças e valores, do que também se pode chamar de ‘Povos Tradicionais’.

É importante frisar, sob o ponto de vista legal, que as discussões em curso acentuaram-se consideravelmente, de acordo com Grzebieluka (2012), a partir do advento da Constituição Federal de 1988. Cabe destacar também que as comunidades tradicionais têm como definição de espaço: “As comunidades tradicionais, por viverem em áreas afastadas, buscam obter meios de sobrevivência desenvolvendo seus próprios conhecimentos em relação à natureza e o seu próprio modo de viver” (GRZEBIELUKA, 2012, p. 119).

As populações tradicionais, especificamente na Amazônia, possuem diferentes valores culturais, conhecem o potencial do ambiente natural em que estão inseridas, assim como também estabelecem uma linguagem própria, um dialeto que conta com simbologias, mitos, palavras que vêm do tronco indígena ou negro, que acabaram sendo incorporadas ao dia a dia dos moradores das comunidades tradicionais, que, por sua vez, contribuem para a formação de suas identidades.

Tais características mencionadas por Diegues (2004) de fato podem ser identificadas e apreciadas no contexto socioeconômico da comunidade tradicional de Santo Isidoro, onde os moradores mais antigos possuem uma maneira própria de expressar suas ideias. Os citados moradores tradicionais conhecem a geografia da comunidade e do seu entorno, próximo ou distante, assim, também, sabem quais os potenciais oferecidos pela floresta que podem ser revertidos em algo que possa gerar renda e qualidade de vida. Em outras palavras, o morador tradicional das comunidades rurais possui um ambiente com grande potencial para coleta de castanha, cultivo da cana-de-açúcar e de cultivo da mandioca, matéria-prima para a fabricação de farinha e outros derivados (bolos, tapioca, beiju etc.).

### 2.3 OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS DOS EXTRATIVISTAS DA CASTANHA NO AMAZONAS

O Amazonas é o maior estado do Brasil, ocupa uma área de 1.570.745.680 km<sup>2</sup>, representando 18,5% do território nacional. Limita-se com cinco estados brasileiros e três repúblicas sul-americanas: Roraima ao norte; Pará ao leste; Mato Grosso ao sudeste; Rondônia e Acre ao sul; além de Peru, Colômbia e Venezuela ao sudoeste, oeste e norte, respectivamente. O estado do Amazonas possui 62 (sessenta e dois) municípios, dentre os quais Tefé, localizado na porção central do estado, mais precisamente 5° 21’ 2” de Latitude Sul e 64° 40’ 2” de Longitude Oeste, na mesorregião nº 03 centro-amazonense, microrregião

nº 005, código municipal 0420, distando de Manaus 516 km via aérea e 633 km via fluvial, limita-se com os municípios de Alvarães, Coari, Tapauá, Carauari e Maraã (PESSOA, 2004).

No cenário amazonense Tefé é um município polo, ou seja, sua importância econômica, social, cultural, dentre outras, interfere diretamente nos demais municípios circunvizinhos que buscam Tefé como principal entreposto para suas demandas em todo o médio rio Solimões. A tabela I expõe a evolução populacional do município de Tefé considerando os dados absolutos urbanos e rurais nas últimas seis décadas.

**TABELA 1-** Dados populacionais do Município de Tefé, 1950 a 2018

<b>Anos</b>	<b>Zona Urbana</b>	<b>Zona Rural</b>	<b>Zona Urbana e Rural</b>
<b>1950</b> <sup>(1)</sup>	1.968 mil/hab	13.689 mil/hab	<b>15.657 mil/hab</b>
<b>1980</b> <sup>(1)</sup>	15.806 mil/hab	14.935 mil/hab	<b>30.743 mil/hab</b>
<b>2018</b> <sup>(2)</sup>	<b>49,8 mil/hab</b>	<b>18,7 mil/hab</b>	<b>68,5 mil/hab</b>

**Fonte:** Pessoa<sup>1</sup> (2004); IBGE<sup>2</sup> (2018)

Os dados indicam um crescimento substancial em relação ao total de habitantes tefeenses urbanos e rurais a partir de 1950 aos dias atuais, percebe-se que os moradores das comunidades rurais, segundo o último senso populacional, totalizam 18,7 mil habitantes, nesse bojo enquadra-se o contingente humano pertencente à comunidade de Santo Isidoro, de aproximadamente 400 comunitários.

O estado detém um índice de densidade demográfica de 2,23 habitantes por quilômetro quadrado, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018). A população do estado, de acordo com o Censo 2010, é de 3.483,985 habitantes, dos quais 2.755.490 vivem na área urbana e 728.495 na área rural. A capital, Manaus, é a cidade mais populosa da Região Norte, com 1.802.525 habitantes.

O extrativismo ainda é o principal motor de indução da economia local do Estado, que também sobrevive da indústria. A produção agropecuária é voltada para o cultivo de mandioca, arroz, laranja e banana. Como ocorre em todos os estados brasileiros, a cultura amazônica resulta de influências indígenas, africanas e europeias.

O conceito sobre conhecimento se faz relevante, pois a palavra conhecimento, neste trabalho de pesquisa, está relacionada com outra, no caso, tradicional<sup>3</sup>, que por sua vez sugere que tal conceito se aproxime dos extrativistas da castanha, especificamente do estado do

<sup>3</sup> Tradicional: que pertence ou se refere à tradição, conservado de geração a geração como costume, cultura, crença e religião.

Amazonas. Nesse sentido, o conceito de conhecimento é: “[...] modo como as pessoas compreendem o mundo, sua maneira de interpretar e aplicar significado às suas experiências” (BLAIKIE, 1992, p. 113).

O autor menciona que os conhecimentos estão intrinsecamente ligados aos contextos sociais, ambientais e institucionais nos quais eles estão inseridos. O conhecimento local é a informação que as pessoas, numa determinada comunidade, desenvolveram ao longo do tempo, baseado na experiência, adaptado à cultura e ambiente local, estando em constante desenvolvimento.

Outro aspecto de vital importância recai sobre o termo extrativismo. O termo extrativismo é utilizado para designar atividades de extração e coleta de produtos encontrados na natureza (não cultivados), sejam elas predatórias ou não, voltadas para trocas ou para o consumo familiar. Tal atividade tem propiciado o desenvolvimento de uma economia extrativa originária de ciclos econômicos (HOMMA, 2010). A forma como o extrativismo vem sendo desenvolvido pelas populações que conformam o tecido social da Região Amazônica é motivo de divergências entre pesquisadores e interventores a respeito da viabilidade da atividade extrativista.

Para Homma (2010), as atividades extrativistas são importantes para a manutenção do modo de vida amazônica, mas é economicamente frágil. No entanto a atual valorização econômica de produtos florestais, que até então eram utilizados no consumo familiar ou para venda esporádica, o evidenciou como uma atividade significativa na inserção das populações tradicionais ao mercado, pode-se acrescentar que particularmente, no âmbito do mercado justo e da economia solidária.

O extrativismo realizado nas comunidades amazonenses de fato tem o objetivo definido por Homma (2010), isto é, não tem fins em altos lucros e sim na subsistência familiar dos envolvidos. Trata-se de um processo de extrativismo que é realizado quase sempre na floresta que circunda as comunidades, envolve as famílias, e durante o processo de extração, os mais novos acabam absorvendo experiências para continuar praticando a cultura.

É preciso manter a cautela em relação à existência dos conhecimentos tradicionais, que, ao se tornarem atrativos, ou quando se tornam possíveis para a obtenção de lucro, as indústrias passam a cobiçar tanto o conhecimento tradicional, quanto o produto que se extrai da natureza. Dentro desta perspectiva pode-se incluir produtos amazônicos, extraídos da biodiversidade local, Zhang (2001) alerta para que este impacto negativo seja evitado o máximo possível.

O conhecimento tradicional dos extrativistas, e entre estes cita-se a extração da castanha no estado do Amazonas, pode estar em risco a partir do momento em que o contato com outras culturas passe a influenciar sua própria história. É possível salientar que o conhecimento tradicional dos extrativistas da coleta da castanha no Amazonas também tenha, ao longo de sua existência, se beneficiado de um mecanismo simples de defesa, ou seja, a vastidão espacial e as dificuldades de acesso às diferentes comunidades tradicionais tenha provocado sua proteção, permanecendo, assim, como um patrimônio material e imaterial genuinamente amazonense.

A apropriação dos conhecimentos tradicionais em torno da extração da castanha, dentre os quais incluímos o conhecimento tradicional tem preocupado alguns setores da sociedade, mas ainda é necessária maior divulgação e discussões aprofundadas a partir da Medida Provisória nº 2.186/16, de 23 de agosto de 2001, que vem justamente legalizar e, ao mesmo tempo, punir quem se apropriar indevidamente dos conhecimentos tradicionais, e, principalmente, utilizá-los como forma de obter lucro.

O extrativismo no Amazonas, e aqui se destaca a extração da castanha, é quase sempre praticado na sua forma de subsistência e visa atender, a princípio, à demanda familiar, voltando a ser empregado no sustento e qualidade de vida. A mão de obra familiar é à base dessa produção tradicional amazônica (NODA *et al.*, 2012) e se fundamenta na agricultura itinerante, inicialmente praticada pelos indígenas e que, posteriormente, foi incorporada e redimensionada pelos povos imigrantes e colonizadores europeus e nordestinos (KITAMURA, 1982).

No Amazonas as particularidades mencionadas acabam se acentuando, pois praticamente não existem rodovias, o principal meio de locomoção das populações tradicionais são canoas, barcos, lanchas etc., que as conduzem pela imensidão dos rios. Em Tefé isso não é diferente, quando se analisa essa realidade partindo do pressuposto da comunidade de Santo Isidoro. Muito embora se possa justificar que esta comunidade também tem acesso terrestre, a situação do ramal e da própria estrada que a interliga com a zona urbana, nem sempre oferecem condições ideais de tráfego. Com isso, o comunitário que coleta produtos *in natura* da castanha na floresta ou que resolve praticar a agricultura familiar muitas vezes costuma vender tais produtos em valores menores para o atravessador<sup>4</sup> na sua comunidade de origem, e com isso perde ainda mais.

---

<sup>4</sup> Atravessador: termo usado nas comunidades rurais para conceituar os pequenos compradores de produtos agrícolas e extrativistas no valor abaixo vendido no mercado central.

O extrativismo vegetal é um aspecto comum entre os moradores das comunidades tradicionais rurais ao longo dos rios que percorrem o espaço geográfico do estado do Amazonas. Mas, para esses pequenos produtores tradicionais, a lógica do mercado ainda não exerce influência significativa, o que gera maior sustentabilidade social e ambiental (LIMA; POZZOBON, 2005).

Então, são particularidades que frequentemente estão relacionadas ao cotidiano das populações tradicionais que são detentoras de conhecimentos tradicionais do extrativismo da castanha para sobrevivência de seus familiares. Em relação à atividade extrativista, o coletor da castanha amazonense tem profundo conhecimento das potencialidades oferecidas pela floresta, cabendo salientar que o extrativismo não é uma um saber tradicional recente, já que tem todo um contexto histórico que se inicia com os índios que há muitos séculos ocupavam essa região.

O conhecimento tradicional se emprega ao pensamento de Oliveira (2012) o extrativismo praticado pelas populações tradicionais atualmente no Amazonas:

Os extrativistas familiares do Amazonas aplicam técnicas de extração e produção da castanha semelhantes aos tempos mais remotos, não procuram orientação técnica, pois acreditam que adquiriram todo o conhecimento necessário com as gerações passadas.(OLIVEIRA,2012,p.11)

O extrativismo da castanha é de fato de subsistência, e que a forma como produzem é a mais tradicional possível. Além disso, o extrativista amazonense não tem por hábito buscar orientações técnicas que ajudem na qualidade final do seu produto, isso porque o conhecimento adquirido lhe garante a produtividade necessária. Há ainda, de acordo com Oliveira (2012), o seguinte perfil social e econômico do extrativista familiar amazônico, sendo alguns desses aspectos observados na comunidade Santo Isidoro:

[...] em geral possui baixa instrução escolar, vive em condições bastante precárias e muito dispersas um do outro, dificultando a criação de associações e/ou cooperativas, o que o torna pessoa desinformada e, por consequência, invencível à adoção de novas tecnologias e também sem poder de pressão sobre as estruturas da comercialização existentes (OLIVIERA, 2012, p. 17).

Em parte, quando, por exemplo, Oliveira (2012) argumenta sobre o nível de instrução educacional do extrativista familiar, isso porque os moradores mais antigos das comunidades rurais no Amazonas possuem este perfil. No entanto, no contexto atual, são organizados e possuem associações comunitárias de produção e extração da castanha, que têm como objetivo nortear a produção da castanha *in natura* do Brasil para outros municípios, garantindo melhores condições e qualidade de vida dos comunitários na região.

Uma das características principais dos extrativistas familiares no Amazonas é uma rotina diária de trabalho na roça, que se inicia logo pela manhã e se prolonga até o final da tarde, as refeições (café/almoço/lanche) quase sempre são realizadas no local de trabalho, isto é, no roçado ou na casa de farinha.

No Amazonas, especificamente os comunitários rurais que praticam o extrativismo da castanha, existem os seguintes fatores que fazem flutuar a produção familiar e a extração vegetal como fomentadores de renda: quantidade produzida, tamanho da área, número de pessoas envolvidas, espécies produzidas, tipo de ambiente explorado, condições de mercado e sistema de comercialização e a distância da comunidade ao plantio são os fatores determinantes nos rendimentos produtivos e econômicos.

Por outro lado também, o extrativismo vegetal, como a extração da castanha praticada nas comunidades rurais, não é atividade geradora de conflitos, uma vez que as áreas de plantio e de coleta são preestabelecidas e reconhecidas pelos membros das comunidades. Não se trata de um patrimônio particular, principalmente a área onde se desenvolve a coleta de produtos *in natura*, conforme Sena (2010):

As primeiras vítimas da invasão portuguesa à Amazônia foram as sociedades nativas que ocupavam as regiões das margens do rio Amazonas. À medida que os fortes eram construídos, aquelas sociedades iam sendo consumidas por guerras e pelo trabalho escravo, à busca de drogas do sertão. (SENAA, 2010, p.12)

A exploração das drogas do sertão foi um dos motivos que conduziram à extração *in natura* dos produtos que receberam a denominação de drogas do sertão. Ao se aproximar no tempo, à década de 1950, por exemplo, esta mesma atitude voltou a se firmar no Amazonas, a partir da servidão no processo de coleta da castanha na floresta amazônica que circundava tais comunidades no Amazonas.

Ao longo de mais de 500 anos houve um crescimento da atividade agrícola de subsistência no Amazonas, e isso não significa que o extrativismo *in natura* decaiu, porém seu crescimento deu-se em menor proporção.

A partir desse contexto Paterniani (2001) expõe que, em substituição ao extrativismo, o cultivo agrícola trouxe inúmeros benefícios, entre os quais ampliação e melhoramento da produtividade e fixação do homem na terra, garantindo, assim, sua sobrevivência e crescimento populacional. Assim, nesse cenário, ambas as culturas, extrativista e agrícola, têm sua importância histórica, social e econômica, são essenciais para suprir as necessidades financeiras das famílias que ali moram.

Além do extrativismo da castanha há também no Amazonas a produção de farinha de mandioca, que pode demandar até um ano, no mínimo, para que os tubérculos de mandioca amadureçam para o preparo da farinha. Sendo assim, é comum as famílias que moram nas comunidades rurais praticarem as duas atividades. Por outro lado, é relevante comentar que tanto o extrativismo quanto a agricultura familiar resultam dos conhecimentos tradicionais que são passados de geração em geração nas comunidades.

O processo da coleta da castanha obedece a um período de até seis meses (janeiro-junho) e para extrair a castanha da floresta o castanheiro necessita conhecer as trilhas, os locais onde estão localizadas as árvores que produzem a castanha.

Isso envolve a transmissão do conhecimento de pai para filho, perpetuando este saber inserido na produção e extração da castanha, que, por sua vez, faz com que os conhecimentos tradicionais dos mais experientes sejam repassados aos comunitários mais novos.

Assim indicando o melhor local para o cultivo, o período de preparo do solo, plantio, repouso e coleta.

### **CAPÍTULO III - O CONTEXTO SOCIAL, ECONÔMICO E CULTURAL DA COMUNIDADE DE SANTO ISIDORO**

Este capítulo apresenta o contexto social, econômico e cultural da comunidade de Santo Isidoro, salientando principalmente as características que definem a existência de uma rica e diversificada cultura tradicional que, neste trabalho de pesquisa, será destacada como as técnicas do conhecimento tradicional nas práticas do extrativismo da castanha narrada pelos castanheiros mais antigos da comunidade. São indicados aspectos que revelam a história da Comunidade Santo Isidoro, que por muitos anos passou por um processo de exploração e servidão que contribuiu significativamente para a formação de identidades relatadas pelas experiências da história de vida dos comunitários na região.

Trata-se de um espaço físico que começou de fato a ganhar notoriedade a partir do ano 1960 quando também se iniciou o processo de extração da coleta da castanha<sup>5</sup> *in natura*. Aos poucos o cenário transformou-se, passou a receber os extrativistas na comunidade conhecidos como castanheiros<sup>6</sup> que, por sua vez, eram pessoas que laboravam somente com (castanha) fruto extraído da árvore da castanheira<sup>7</sup> (*Bertholletia excelsa*), que tinham somente um único patrão, com quem eram obrigados a comercializar a referida amêndoa.

#### **3.1 APRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE SANTO ISIDORO**

A comunidade de Santo Isidoro é detentora de conhecimentos tradicionais ao longo de sua existência. Trata-se de uma história que está relacionada com o processo de extração da castanha *in natura* que se acentua consideravelmente no início da década de 1960. As informações relacionadas neste capítulo são oriundas dos relatos coletados junto aos moradores mais antigos da Comunidade Santo Isidoro, bem como em fontes bibliográficas.

A referida comunidade foi originalmente de propriedade da família Praia representada pelo Sr. Isidoro Marques Ferreira Praia, comerciante influente com grande poder aquisitivo, que morava em Belém, no estado do Pará. Quando migrou, trouxe consigo sua família, e, dentre os filhos, o sucessor direto da propriedade em discussão era o Sr. Cleto Marques Praia, que, no início da década de 1960, acabou negociando toda a extensão da referida comunidade com o Sr. Jorge Rezala, que passou a explorar economicamente o potencial do castanhal localizado neste espaço. A Figura 12 mostra a comunidade de Santo Isidoro no ano de 1960.

<sup>5</sup> Castanha: fruto da castanheira.

<sup>6</sup> Castanheiro: conhecido como trabalhador rural que realiza o extrativismo da castanha.

<sup>7</sup> Castanheira (*Bertholletia excelsa*): espécie nativa da floresta Amazônica, chega a medir 60 metros de altura, cujo fruto é a castanha.



**Figura 11** - Imagem da comunidade nos anos 1960



**Fonte:** Fornecida pelo Sr. Hermes Rezala (2017)

No início da década de 1960 a comunidade de Santo Isidoro se desloca para a terra firme. As narrativas indicam que não era um contexto social dos mais harmoniosos, isso porque os extrativistas eram forçados a trabalhar até 9 (nove) horas sem intervalo para descanso. O trabalho iniciava sempre pela madrugada. O extrativista (castanheiro) vivia uma situação que se pode denominar de escravidão não declarada, tendo em vista sua obrigação, no caso uma meta a ser atingida.

Antes da fundação da comunidade de Santo Isidoro a família Praia se instalou em uma localidade na margem oposta do rio Solimões, denominada de Paranã do Arauri, isto é, na margem esquerda. Porém era uma área que alagava com frequência todos os anos, e, mediante esta realidade, o Sr. Isidoro Praia resolveu migrar para a margem direita, dando início ao processo de fundação da comunidade de Santo Isidoro. O Sr. Isidoro tinha o título de Coronel e requereu as terras para povoar com seus fregueses que vinham do Juruá e Fonte Boa, que eram os nordestinos que foram trazidos do Maranhão e do Ceará para trabalhar na produção da borracha, inclusive a família Conrado, que vieram atrás de melhoria de vida. Esta família, até a presente data, é numerosa e influente em toda a comunidade em discussão.

Atualmente há cerca de 80 (oitenta) famílias com aproximadamente 400 (quatrocentos) habitantes. Está localizada bem próxima de várias comunidades indígenas, dentre as quais se pode citar: Nova Esperança, da etnia kokama, comunidade do Pavão, Barreira do meio, com a etnia kambeba, e Porto Praia, onde possui um bom relacionamento social, cultural e econômico com todos.

Na Figura 13 se pode observar uma imagem da comunidade nos dias atuais, o crescimento populacional foi de suma importância para o desenvolvimento social, econômico e cultural das famílias na sua maioria agricultores e coletores de castanha.

**Figura 12** - Comunidade Santo Isidoro atualmente



**Fonte:** Arquivo pessoal (2019)

Com a chegada na comunidade de Santo Isidoro de diversos programas do governo federal, por exemplo, *Luz para Todos*, a qualidade de vida apresentou significativas melhorias. Com a energia elétrica consolidou-se o fornecimento de água potável, mediante a construção de poços artesianos, a higiene alimentar e pessoal das famílias também se modificou. Anteriormente o morador, para ter acesso à água, descia e subia uma escadaria com aproximadamente cem degraus, o que tornava quase impossível o transporte de água, mesmo do rio para a comunidade, tendo em vista que hoje está situada na porção de terra firme e não sofre mais com a ação da elevação do nível do rio.

Outro aspecto que não se pode deixar de mencionar é o acesso. Nas décadas de 1960 a meados de 1990 a única forma de chegar à comunidade era fluvial, hoje conta com um ramal de acesso – muito embora este ramal necessite com brevidade de serviços de pavimentação facilitou bastante o deslocamento dos comunitários. Na Figura 14 podemos ter uma ideia sobre o referido ramal e suas condições.

**Figura 13** - Ramal construído, ainda sem pavimentação



**Fonte:** Arquivo pessoal (2017)

Passado aproximadamente meio século desde que o processo de extração e comercialização da castanha entrou em declínio, percebe-se que a atividade de coleta da castanha não desapareceu completamente, houve, sim, uma diminuição acentuada na quantidade, além disso, não há mais a obrigação de comercializar as amêndoas com um único comprador. Hoje o morador que coleta a castanha pode comercializar livremente este produto.

A comunidade de Santo Isidoro se diversifica em seu sistema de produção, incluindo a roça, a cana-de-açúcar, a pesca, a banana e o abacaxi. Nos quintais das casas se pode observar (figuras 15 e 16) os canteiros com vários tipos de hortaliças e verduras, como cebolinha, cheiro-verde, pimenta, tomate e couve, além dos galinheiros, que servem tanto para a alimentação como fonte de renda para o sustento das famílias na comunidade

**Figura 14** - Quintais com os canteiros



**Fonte:** Arquivo pessoal (2017)

**Figura 15** - Criação de galinhas



**Fonte:** Arquivo pessoal (2017)

Esse tipo de atividade agrícola é bem comum entre os comunitários, principalmente para ajudar na fonte de renda das famílias. Assim como as demais comunidades rurais, sobrevive do manejo dos recursos naturais da floresta e das águas, por meio de extrativismo



(extração de castanha, caça e pesca), do solo, por meio da agricultura e da criação de animais de pequeno porte.

### 3.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA COLONIZAÇÃO OCORRIDOS NA COMUNIDADE RURAL DE SANTO ISIDORO NO PERÍODO DE 1960 A 1980

A colonização é um dos temas que intrigam, principalmente quando contextualizada na Amazônia. Em Tefé a colonização do explorador europeu e conseqüentemente sua cultura, remonta a um período em que os missionários religiosos estiveram à frente deste processo com o objetivo de catequizar os “nativos” de diferentes etnias que aqui habitavam. Trata-se da participação de Samuel Fritz, que navegou grande parte da extensão do rio Amazonas no ano de 1691 (PINTO, 2006). Pessoa (2004, p. 23) registra: “eram missionários que reuniam os índios em missões para ensinar a religião e fazer com que aceitassem o domínio das autoridades [...] partiu de Quito, descendo o rio Amazonas até a Missão da Boca do rio Tefé”.

Eram expedições grandiosas para o contexto histórico da época. Pode-se então salientar que um dos primeiros a realmente registrar sua passagem no espaço onde hoje está situado o município de Tefé foi o religioso Samuel Fritz. Era o período da administração de Frei André da Costa (PESSOA, 2004). Para Cabrolié (1996), o interesse por Tefé é histórico e está relacionado ao que se segue:

[...] decorrência de sua posição geo-estratégica influenciada por três motivos básicos: primeiramente, por se localizar à margem de um lago, na verdade a foz represada do rio Tefé, nas proximidades da margem direita do rio Solimões, a uma distância aproximada de 18 Km, com ele se interligando através de paranás, furos, igarapés [...] segundo lugar pelo acesso imediato [...] por último por localizar-se próximo à confluência dos rios Japurá e Juruá [...] transformando-se em um importante entreposto dos municípios localizados nessas artérias fluviais (CABROLIÉ, 1996, p. 7).

O município de Tefé sempre foi considerado relevante pela sua localização, e com isso também vieram os interesses econômicos. A atual sede do município dista 18 km da foz do rio Tefé, e que logo abaixo, encontra-se a comunidade de Santo Isidoro, na mesma margem direita mencionada pelo pesquisador Cabrolié (1996).

No fim da terceira década do século XX chega a Tefé um dos membros da família Praia, o Sr. Cleto Marques Praia, que se tornaria proprietário da extensão de terra onde está localizada a comunidade de Santo Isidoro, inclusive Isidoro é o nome do seu pai. Cleto

Marques Praia exerceu o cargo de vereador, foi nomeado interventor e permaneceu no exercício do executivo municipal entre os anos de 1938 a 1943.

Santo Isidoro possui duas particularidades geográficas, uma parte da extensão da comunidade se encontra na várzea e outra na terra firme. Mas o início da história deste lugar, de fato, começa pela várzea, os moradores das comunidades amazônicas têm uma relação muito próxima com os rios que entrecortam toda esta região brasileira. Aliás, a Amazônia, equivale a 60% de todo o território nacional, segundo dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018). É na várzea que são erguidas as moradias, isso por que as facilidades para o deslocamento, ir e vir é mais rápido. Porém a várzea, quase sempre, é submergida no período de inverno, quando a elevação do nível das águas dos rios é constante.

Em relação à castanha, há registros históricos que indicam se tratar de um produto exclusivamente amazônico, e que também está associado à história da comunidade de Santo Isidoro a partir da década de 1960. Para Pessoa (2004, p.25), a castanha foi registrada na literatura: “[...] em 1612, quando Pedro Daldeira Castelo Branco construiu o Forte do Presépio em Belém, a castanheira foi encontrada e os índios tupinambás se utilizavam na alimentação”. É importante salientar que a árvore que produz a castanha não é encontrada na várzea, mas em terra firme, daí a justificativa para o possível deslocamento da comunidade de Santo Isidoro da várzea para a terra firme.

A partir da década de 1960 o Sr. Cleto Marques Praia negocia a área da então comunidade de Santo Isidoro com o comerciante Jorge Rezala, que começa a explorá-la economicamente. Pessoa (2004, p. 87) esclarece que na época mencionada Santo Isidoro ainda não se destacava como um centro de produção: “Nas propriedades de castanhais, como Caiambé, Jutica, Jenipaua, Merinim, Porto Praia, Centenário, Xidaranim, Alvarães, Uarini, Punã, rio Copacá, Horizonte, Jauató, Porto Palheta e Urucará, Tefé produzia 45 mil hectolitros de castanha”.

Uma única árvore, a castanheira, que ainda pode ser contemplada na comunidade de Santo Isidoro, e que teve sua produção máxima na década de 1960 em diante, até o final da década de 1980, chega a atingir cinquenta metros, trata-se de: “[...] conhecida no mercado mundial [...] vegetal [...] uma única castanheira produz 500 ouriços e em cada ouriço uma média de 20 amêndoas [...]” (PESSOA, 2004, p. 83-84). Em uma operação simples uma única árvore produz por safra, entre os meses de novembro a abril, cerca de dez mil amêndoas.

Essa produção começou a ser conhecida e explorada pelo novo proprietário das terras da comunidade de Santo Isidoro a partir de 1960. Os coletores, até meados da década de 1990, permaneceram morando na várzea, porém trabalhavam na terra firme. Na década de 1960, em

reconhecimento à grande produção de castanha em todo o município de Tefé, incluindo a comunidade de Santo Isidoro, o então prefeito municipal, Manoel Armando da Silva Retto, instituiu, através do Decreto Lei nº 587, de 20 de março de 1960, a Festa da Castanha, que passaria a ser comemorada anualmente todo dia 31 de março.

Na Comunidade Santo Isidoro destaca que historicamente ocorreram diversas mudanças desde que se iniciou o processo de exploração econômica da castanha. A primeira foi a transferência de titularidade da área, ou seja, passou das mãos da família Praia para a família Rezala. Com este novo proprietário acentuou-se a produção de castanha, tendo em vista a intenção econômico-lucrativa. Porém não se pode deixar de mencionar quem eram de fato estes trabalhadores, e em que condições trabalhavam, considerando que esta comunidade não é mais de propriedade do Sr. Rezala, e sim de todos os comunitários que lá residem com suas respectivas famílias.

Quando a titularidade da comunidade de Santo Isidoro passou para o Sr. Jorge Rezala, na década de 1960, havia muitas famílias que já residiam naquele lugar, destaca uma, a família Conrado. Eram famílias que sobreviviam da pesca, coleta de frutos, caça e do cultivo de pequenas roças para a produção de farinha. Sobre a castanha, também coletavam, com fins de ajudar na geração de renda das famílias. Nada com a intenção depredatória. Porém esta situação muda completamente de uma hora para outra. Com base nos relatos e nas narrativas coletadas, que a forma de trabalho introduzida pelo Sr. Jorge Rezala era muito semelhante a que os donos de seringais empregavam, a escravidão, tendo em vista que o coletor praticamente não tinha sequer o direito de descanso e tampouco de se dedicar a outra atividade que não fosse a coleta de castanha.

Segundo os relatos do presidente da comunidade o SR. Danilo Conrado, não existem dados específicos de quantas pessoas ou quantas famílias existiam na década de 1960 na comunidade de Santo Isidoro, aos poucos foram chegando novos moradores que foram envolvidos por promessas enganosas de trabalho, ao fim, era uma utopia, um sonho que jamais se tornaria um benefício dos coletores daquela época. Essa razão é simples, pois os relatos indicam a existência de um lugar na própria comunidade onde os trabalhadores eram explorados.

O trabalho familiar na comunidade de Santo Isidoro sempre teve sua identidade. Era também uma forma de manter unida a família em torno de uma atividade, e de também manter a esperança de uma melhor qualidade de vida. Se antes de 1960 era assim, ao iniciar esta década permaneceu inalterada. Historicamente na comunidade de Santo Isidoro não havia

pessoas devidamente alfabetizadas, isto é, famílias iletradas e reféns de situação escrava de trabalho. Mesmo assim, famílias se instalaram naquele lugar.

Esse tipo de ação colonizadora estava firmado na falsa ideia de prosperidade para o comunitário de Santo Isidoro. Em virtude da sua falta de conhecimento e/ou de informação, associada ao isolamento geográfico imposto pelo proprietário daquele lugar a partir de 1960, não houve a possibilidade de mudança do quadro, permanecendo assim por no mínimo duas décadas. Era comum, na época em questão, a presença dos capangas, que vigiavam os trabalhadores. Esses capangas também eram praticantes da tortura física a mando do patrão. Então, não se tratava de um contexto social de relacionamento harmonioso entre o empregado e o empregador, e sim de uma situação imposta por este último sem detrimento dos seus interesses econômicos particulares.

Segundo os relatos do atual presidente da comunidade o senhor Danilo Conrado além da escravidão não declarada em relação à situação dos trabalhadores, havia outra obrigação imposta pelo Sr. Jorge Rezala, a de cuidar de um rebanho de aproximadamente 300 cabeças de gado. Era muito trabalho, e, até aqui, não se tem nem aproximado o número de pessoas envolvidas nesta atividade. O que se sabe é que famílias inteiras eram utilizadas neste sistema colonizador de trabalho, que foi introduzido na Amazônia desde os primeiros registros pelo religioso Samuel Fritz a partir do ano de 1691, quando surgiram as primeiras missões nesta região da Amazônia.

Como a intenção era econômica, crianças passaram também a ser utilizadas como mão de obra a partir dos 10 anos de idade. Essas crianças acompanhavam seus pais pela floresta de terra firme e, ao observar a forma como eram coletados os ouriços de castanha, aprendiam desde cedo este ofício. Além disso, aprendiam onde se localizavam as castanheiras, que estavam dispersas na área. Essa forma de trabalho acabou predominando. Por outro lado, é necessário o registro de que estes trabalhadores agora explorados na comunidade de Santo Isidoro eram descendentes dos antigos trabalhadores envolvidos com o ciclo da borracha nas décadas de 1930 e 1940.

O que chama atenção em relação aos aspectos históricos da colonização na comunidade de Santo Isidoro é o envolvimento de todos. Embora o proprietário da área fosse uma pessoa de perfil completamente distinto dos demais, advindo de um lugar completamente diferente, acabou se integrando a este contexto, impondo sua forma de exploração da mão de obra e principalmente vislumbrando a possibilidade de lucro em uma extração em franco processo de crescimento em toda a comunidade. Isso por que, segundo Pessoa (2004), outros



centros produtores se destacavam, porém Santo Isidoro parece ser o último a ser incorporado a esta cadeia de produção.

### 3.3 TÉCNICAS E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS PRÁTICAS EXTRATIVISTAS DA CASTANHA

As narrativas são importantes ferramentas para evidenciar e descrever os resultados obtidos com esta pesquisa. Elas expõem, por meio dos narradores, os acontecimentos e/ou fatos vivenciados e a sua conseqüente relação com os comunitários que, a partir da década de 1960, se encontravam na comunidade de Santo Isidoro.

Os narradores aqui selecionados são extrativistas conhecidos na comunidade como castanheiros e há muitos anos mostram o trabalho na floresta e, por suas vozes, as muitas histórias e vivências dos acontecimentos que ocorreram no passado, que fizeram parte de suas vidas e permanecem vivos nas suas memórias até os dias de hoje.

As narrativas são relevantes quando se leva em consideração as ressalvas de Gusmão e Souza (2010, p. 289): “Quem se dispõe a contar uma história participa da vida da palavra e da memória, mas, essencialmente, assume um compromisso com o futuro”. O registro das narrativas tem um compromisso claro com o futuro, ou seja, como uma fonte onde estão descritas, segundo a visão do narrador, algo que vivenciou e que de certa forma está marcado para sempre em sua memória.

Inicia-se com a narrativa do Sr. A.S., castanheiro, nascido e criado na comunidade de Santo Isidoro, que já foi presidente da comunidade por seis vezes. Ele tem 63 anos e é casado com a Sra. M.A.I.S., de 62 anos, com quem teve sete filhos, sendo seis homens e uma mulher, que faleceu ainda bebê.

Segundo, o Sr. A.S., cujo trabalho em relação à coleta de castanha na comunidade de Santo Isidoro começa quando ainda era criança, tinha na época 10 anos de idade, quando o seu pai, de origem nordestina, do estado de Pernambuco, resolve vir para o Amazonas em busca de uma melhor qualidade de vida. No trabalho, de fato, o pai do Sr. A.S. foi um dos capangas do antigo proprietário, Sr. Cleto Praia. Sr. A.S. era o único filho de uma família numerosa de 7 irmãs. Por isso, na maioria das vezes acompanhava o seu pai na lida com a castanha ou roça, por vezes duas de suas irmãs iam devido ao Sr. A.S. ter que pescar para o sustento da família.

Aos 18 anos começou a trabalhar por conta própria com o novo proprietário, Jorge Rezala, tomando conta de 300 cabeças de gado e também na castanha. Passado muitos anos

seu pai, já com idade bem avançada, passou a ser sustentado por ele, e sua irmã, que casou com o proprietário Jorge Rezala, grande comerciante de castanha, o levou para morar em Tefé. As figuras 17 e 18 mostram um importante relacionamento com o aprendizado da técnica de quebra dos ouriços<sup>8</sup> da castanha, ou seja, a forma com que esse aprendizado tem significado para a vida do castanheiro e como isso retrata na produção e passagem dos conhecimentos tradicionais de geração a geração.

**Figura 16** - Técnica da quebra do ouriço



**Fonte:** Arquivo pessoal (2018)

**Figura 17** - Demonstração da quantidade de castanhas no ouriço



**Fonte:** Arquivo pessoal (2018)

De acordo com o Sr. A.S., criou seus filhos no trabalho (mesma forma de aprendizado), assim como foi criado pelo pai, e se orgulha dos filhos terem seguido o mesmo ofício de castanheiro e de que sejam obedientes e não vivam na vadiagem. Hoje todos têm a sua profissão, como Sr. A.S. diz, eles têm roças e coletam as castanhas e fica feliz por ter repassado esses conhecimentos aos seus netos.

---

<sup>8</sup> Ouriço: casca dura ou espinhosa de determinados frutos, invólucro da castanha.

Considerando a tradição de repassar o conhecimento sobre a cultura da castanha, é importante frisar o significado de aprendizagem. “Aprendizado é ato ou efeito de aprender algo, especialmente uma profissão artesanal ou técnica” (FERREIRA, 2013, p. 133).

O Sr. A.S, castanheiro que ainda trabalha na extração da castanha – embora tenha diminuído bastante o castanhal devido à derrubada das castanheiras pelos comunitários –, conseguiu se ajustar a outra cultura predominante, a da farinha de mandioca, e também à pesca artesanal. Segundo relato dele, no início o aprendizado do trabalho no castanhal foi através da observação do serviço de seu pai, que, juntamente com sua mãe:

Coletava os ouriços caídos no chão para depois quebrá-los, quando eu tinha 10 anos de idade apenas juntava e debulhava os ouriços com meu pai e minha mãe e eu ajudava a lavar as castanhas em um igarapé pertinho da minha casa, onde o trabalho de quebrar os ouriços ficava por conta do meu pai. Era perigoso usar o terçado naquela idade, por isso meu pai não deixava quebrar os ouriços ainda. Lembro que na época dava muito pirarucu na frente da comunidade, meu pai pegava e assava um pedaço e colocavam no vaso para almoçar no castanhal. Eu mais meu pai saía cedo, às seis horas da manhã, e só voltava às três horas da tarde (Sr. A.S., castanheiro, relato em 14/06/2017).

O conhecimento tradicional na prática extrativista da castanha era transmitido de pai para filho desde cedo, mediante o contato que os próprios filhos tinham com o ambiente da coleta ainda crianças. Nas narrativas do Sr. A.S. consta que é comum, no meio rural, os filhos acompanharem os pais no trabalho na roça, assim ocorrendo a troca dos conhecimentos. Segundo ele, começou a trabalhar junto com seu pai, observando, um aprendizado comum em comunidades tradicionais.

O trabalho na extração da castanha requer cuidado e esforço físico, em média os castanheiros precisam de aproximadamente 9 (nove) horas de coleta na floresta, a considerar que as castanheiras (*Bertholletia excelsa*) não se encontravam perfiladas<sup>9</sup>, e sim dispersas, e é possível deduzir que, além de tudo, andavam bastante pela floresta caminhando algumas horas de uma castanheira a outra. Na Figura 19 podemos observar uma castanheira que se encontra atualmente na comunidade de Santo Isidoro, fazendo parte da história do castanheiro residente na região, e que nos dias de hoje continua com o trabalho da coleta da castanha como fonte de renda para a família.

---

<sup>9</sup> Perfiladas: postas de perfil em posição de sentido na ordem.

**Figura 18** - Antiga árvore de Castanheira que representa a passagem histórica do processo da extração da castanha na comunidade



**Fonte:** Arquivo pessoal (2018)

Na comunidade de Santo Isidoro não há mais a coleta da castanha como antes, isso também tem influenciado diretamente na continuidade do aprendizado em sua prática na coleta.

Sobre o regime ou forma de trabalho a que esteve submetido durante os anos em que trabalhou na coleta de castanha, o Sr. A.S. destaca que foi difícil, pois, inclusive, contraiu uma dívida para suprir as necessidades da sua família junto ao seu patrão devido à compra de açúcar, café, leite, arroz, dentre outros produtos. Tudo era anotado em uma caderneta e ele e os demais coletores de castanha não conseguiam saldar as dívidas.

Praticamente sem folga para descanso, sua dedicação era exclusiva e seu patrão era quem definia o ritmo da sua vida e da sua família também.

O Sr. A.S. comentou mais sobre esta situação:

O restante da mercadoria do rancho do mês era pego com o patrão, que descontava na produção da coleta da castanha. Cada cliente tinha a sua locação, que possuía 300 pés de castanha, o castanhal e também o seringal pertenciam ao nosso patrão [...] que plantou algumas castanheiras na margem do rio e a maioria que se encontra no centro da mata foi feita pela cutia. Desde os 15 anos passei a juntar e a quebrar os ouriços, juntar é lotar os ouriços de castanhas, que se dava em uma semana, a época certa de colher os ouriços, era observando a chuva, por que quando chovia a água amolecia o talo do ouriço e no outro dia os ouriços estavam no chão, e isso acontecia de dezembro a junho que é quando chove mais,. A gente colhia a castanha bem rápido para evitar acidentes (Sr. A.S., castanheiro, relatado em 14/06/2017).

Havia, e ainda há, um período específico de dezembro a início de junho, em que a coleta da castanha era realizada. Outro aspecto informado pelo Sr. A.S., é quanto ao plantio

de novos pés de castanha, realizado pelos próprios animais amazônicos, dentre os quais a cutia. Apesar de ter aprendido o ofício de coletor de castanha com 10 anos, não exerceu essa função até completar 15 anos, foram 5 anos de observação e de aprendizado, até mesmo para conhecer a forma como estavam dispersas as castanheiras na floresta que faz parte da comunidade de Santo Isidoro.

Cabe salientar que o trabalho da extração da castanha oferece risco, pois acidentes com a queda do ouriço ocorrem com frequência nesse período. O Sr. A.S. destacou algumas informações sobre o ouriço, que, ao cair da castanheira, permanece quase sempre inteiro, o que também é um fator de risco, principalmente se o coletor da castanha for atingido:

Uma vez quase fui atingindo com um ouriço na cabeça, por sorte ele veio a cair no meu pé, por isso que a criança pequena não acompanha muito seu pai para evitar certos acidentes. Era importante não amontoar os ouriços no mesmo local que o outro para evitar fungos e formigas (Sr. A.S., castanheiro, relatado em 14/06/2017).

As narrativas dos coletores apontam uma técnica específica para realizar a coleta dos ouriços de castanhas. O ouriço é uma espécie de carapaça altamente resistente, por isso não se despedaça ao cair de uma altura média de 50 metros. Para quebrá-lo, é necessário pontaria e força, e essa precisão é adquirida com a prática e a experiência adotadas pelos coletores extrativistas desde muito jovens. Tudo é adaptável, desde o *paneiro*<sup>10</sup> para a coleta, que possibilita evitar ao máximo os acidentes que possam envolver o trabalho. Por isso, os coletores, por meio do conhecimento tradicional, utilizam a técnica de amontoar os ouriços para depois coletá-los de uma única só vez, como demonstra a Figura 20.

---

<sup>10</sup> *Paneiro*: cesto de vime provido de alças.

**Figura 19** - Técnica de amontoamento dos ouriços para evitar acidentes no percurso da coleta



**Fonte:** Arquivo pessoal (2018)

Os ouriços são amontoados na parte dos roçados ou até mesmo nos quintais das casas para depois serem quebrados e em seguida são retirados suas amêndoas. Algumas são ensacadas e levadas para serem comercializadas nos mercados e também para consumo uma vez que sua amêndoa é rica em vitaminas e serve como fonte de nutrientes na dieta das famílias na comunidade Santo Isidoro.

Sobre esta discussão Sr. A.S. volta a afirmar:

Fazia-se a coleta dos ouriços durante uma semana e na semana seguinte começava a quebra dos ouriços, que se dava com a utilização de um terçado 128 (terçado colombiano com lâmina resistente) com a ponta e lâmina bem afiadas. A ponta era pra furar o ouriço e jogar no paneiro que ficava nas costas, como uma mochila, amarrado com um cipó. Era importante que esse cipó estivesse amarrado em forma de x na parte da frente (peitoral) para facilitar a entrada do ouriço direto no paneiro, evitando assim acidentes. Essa prática de coletar com o terçado para o paneiro servia também para evitar picadas de cobra na mão.

Para a quebra, no mínimo amontoavam-se dois a três ouriços cobertos por folhas para servir de banco para o castanheiro, e assim começava o serviço de quebra. Era importante também evitar quebrar os ouriços no chão encharcado, e para isso usavam um suporte de madeira ou a casca do fruto para facilitar a quebra, evitando o contato direto do ouriço com a terra.



A coleta de castanha é uma prática cultural, conhecimento que se aprende a cada geração. Por exemplo, o pai do Sr. A.S. lhe ensinou as técnicas e ele as transmitiu aos filhos, e assim por diante. Segundo Peralta e Lima (2012, p. 3), “[...] o conhecimento tradicional está presente em todas as esferas de geração do saber e todas as formas de uso sustentável dos recursos naturais [...] no conhecimento [...] dos agricultores experimentadores [...]”. Para as autoras, o conhecimento tradicional está diretamente ligado aos recursos naturais, na forma como são extraídos e também na maneira como é transmitido o conhecimento de geração a geração. Um saber que se confirma no caso do segundo entrevistado, o Sr. G.V, 65 anos, casado, pai de 4 filhos, que configura o aprendizado dos conhecimentos tradicionais da atividade da coleta da castanha como herança familiar. Essa técnica de aprendizagem visa minimizar o desperdício das amêndoas de castanha. Com base na explicação acima, o Sr. G.V. salienta:

Para cada ouriço era dado de quatro a cinco golpes de terçado, na parte que se chama de tampa do ouriço. Em um ouriço, dependendo do seu tamanho, podem ser encontradas de 20 a 25 castanhas. Se o ouriço for pequeno, se grande as castanhas são maiores e pode se encontrar de 8 a 12. Eram descartadas as castanhas chochas, podres, cortadas e as impurezas, como umbigo, folhas, pedras, dentre outros (Sr. G.V., castanheiro, em 18/08/2017).

A seleção sobre as castanhas coletadas também confirma o aprendizado que recebeu dos seus pais. Embora sendo coletor de castanhas, o Sr. G.V. tornou-se observador da logística empregada para o envio das castanhas coletadas na comunidade de Santo Isidoro para os centros metropolitanos, dentre os quais Manaus e Belém.

A aprendizagem que foi desenvolvida ao longo da cultura da coleta da castanha pelo Sr. G.V. pode ser compreendida:

[...] a aprendizagem é feita pelos aprendizes, o que deveria nos sugerir fortemente que o esforço de observação produtivo deve ser voltado para as relações entre aprendizes (incluindo a mudança na participação de todos os envolvidos, nas suas diferentes formas) (LAVE, 2015, p. 40).

Percebe-se que o aprender, quando relacionado aos conhecimentos tradicionais, está diretamente relacionado com o observar, como é o caso do Sr. G.V., que herdou o saber sobre a coleta da castanha dos seus pais, a partir da sua infância, quando se deslocava para o castanhal acompanhando e observando o trabalho do pai. O Sr. G.V. foi um aprendiz, envolveu-se não somente com a coleta, mas aprendeu como partir os ouriços, como classificá-los e como carregá-los em paneiros pela floresta.

O Sr. G.V. é aposentado, mas ainda mantém sua roça, na qual cultivava banana, abacaxi e plantou algumas castanheiras, mantendo a coleta de castanhas nas árvores adultas dentro de sua propriedade, que, após coletadas, são vendidas para ajudar no sustento da família. Tornou-se também um patriarca de uma família numerosa e todos os seus filhos moram também na comunidade de Santo Isidoro. Ainda trabalha na coleta da castanha, porém seus netos optaram por morar na cidade de Tefé, e eventualmente visitam a comunidade.

Assim como seu pai, conseguiu transmitir aos seus filhos o aprendizado acerca da coleta da castanha, só que hoje diferentemente do passado, seus filhos podem escolher para quem devem vender a produção. Vê-se também que a abundância de antes não existe mais, as árvores que fornecem a castanha estão em fase de produção. Devido a este problema o Sr. L. e seus filhos passaram a se dedicar à cultura da farinha de mandioca e da cana-de-açúcar.

Ao longo desta trajetória de mais de meio século o Sr. G.V. tornou-se importante liderança comunitária, profundo conhecedor da floresta que circunda a referida comunidade, e que detém o conhecimento amplo sobre a coleta da castanha, mesmo estando aposentado, continua a trabalhar visando melhorar a renda da família. Também continua a praticar a coleta da castanha atualmente, porém sem as cobranças de antes, quando seu falecido patrão estabelecia para cada um dos coletores uma quantidade 'x' de castanhas, que, além de coletadas, deveriam ser depositadas em grandes embarcações. Tais embarcações saíam dos portos das grandes cidades da Região Norte, como Manaus e Belém, e, de lá, para outras regiões do país e até mesmo para o exterior.

#### 3.4 OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS SOBRE AS PRÁTICAS EXTRATIVISTAS NA COMUNIDADE DE SANTO ISIDORO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE VIDA FRENTE ÀS MUDANÇAS NA ATUALIDADE

A história da comunidade de Santo Isidoro está relacionada com os conhecimentos tradicionais, considerando as potencialidades agrícolas e extrativistas. Aliás, o extrativismo é, sob esta ótica, a mais antiga forma de subsistência, praticado, inclusive, pelos nativos na época em que o religioso Samuel Fritz percorreu esta região registrando em suas crônicas. “[...] fundou a Missão de Santa Tereza D’Ávila dos Axiuaris, em 1688, na embocadura do Rio Tefé, no lugar conhecido pelos índios por Tambaqui-Paratu” (PESSOA, 2004, p. 208). Trata-se de um local bem próximo de onde está localizada a comunidade de Santo Isidoro. Samuel Fritz constatou que os “nativos” praticavam o extrativismo *in natura* e também uma agricultura para o cultivo de farinha de mandioca.



A opinião de Pessoa (2004) em relação às crônicas que narram os conhecimentos tradicionais também é um dos argumentos de Cabrolíé (1996, p. 8): “Por ser um dos municípios mais antigos do estado do Amazonas, datando sua fundação de 1686, possui uma história bastante rica”. A riqueza está, por sua vez, relacionada com a diversidade e a qualidade dos produtos extraídos da floresta e sua conseqüente relação de conhecimentos tradicionais que constituem a vida em comunidades tradicionais, dentre as quais a Comunidade de Santo Isidoro.

Entende-se por atividades extrativas o conjunto formado pelo extrativismo vegetal, animal e mineral. São as mais antigas atividades humanas, que retiram os produtos da natureza sem nunca repô-los, já que elas não reproduzem ou multiplicam as riquezas naturais. Foram elas que garantiram a vida das primitivas comunidades amazônicas e dos seus descendentes, que durante muitos anos tiveram uma economia baseada na extração de seus alimentos e outros artigos diretamente da floresta e dos rios (ABREU; NUNES, 2003, p. 2).

O extrativismo na Amazônia é tão antigo quanto a história deste imenso espaço verde entrecortado por diferentes rios. Esse sistema de economia, como o próprio nome indica, está baseado na extração de algum produto do meio ambiente, principalmente em algo que pode ser empregado como alimento. Assim, como as atividades extrativistas, os conhecimentos tradicionais se perpetuam na Amazônia, quando, por exemplo, se analisa a extração da castanha a partir da Comunidade de Santo Isidoro.

Esse conhecimento é único, principalmente daquele que sobrevive durante determinado período do ano da extração e comercialização da castanha. Os conhecimentos tradicionais, segundo as autoras, se constituem em patrimônio imaterial.

A atividade extrativista associada aos conhecimentos tradicionais continua sendo uma das principais desenvolvidas por muitas famílias em diferentes comunidades tradicionais em toda a região amazônica. Apesar de enfrentar crises de preço, ocasionadas pela concorrência com outros produtos, o extrativismo se constitui numa importante atividade econômica há séculos.

Outro interlocutor da pesquisa é o Sr. N.R., de 72 anos de idade, morador da comunidade desde que nasceu (figuras 21 e 22). Trata-se de um dos moradores mais antigos e que tem grande conhecimento sobre o lugar, reconhece a importância do período de abundância da coleta da castanha e também é conhecedor de outras atividades desenvolvidas pelos moradores, tanto os mais antigos quanto os atuais.

**Figura 20** - Castanheiro antigo da comunidade



**Fonte:** Arquivo pessoal (2018)

**Figura 21** - Pausa para o almoço após chegada da roça



**Fonte:** Arquivo pessoal (2018)

A entrevista foi realizada quando o Sr. N.R. havia acabado de chegar da roça. Logo em seguida, após almoçar, conversamos informalmente e daí se iniciou o registro em áudio da narrativa, que destacou sua infância e também sobre a forma como iniciou seu trabalho extrativista com seu pai:

Eu comecei a trabalhar por minha conta na idade de 18 anos, mas antes disso trabalhava com meu pai, *né*, ele sempre foi um castanheiro, nós tomava *de* conta de um lote de terra lá no Mirinim, e eu com a idade de oito anos acompanhava meu pai e a minha mãe [...] *nós ia* para roça, porque a nossa vida foi sempre na agricultura [...] aí eu gostei muito de trabalhar nessa área, nessa vida, agora meu pai, depois que eu tinha a idade de 18 anos, ele me chamou e disse: meu filho, a partir de hoje vocês

vão trabalhar por conta de vocês (ele e os irmãos) para ver se vocês dão conta da responsabilidade, mas eu só me separei do meu pai com minha mãe depois que eles morreram, toda vida trabalhando nesta comunidade de Santo Isidoro (Sr. N.R., castanheiro, em 18/04/2019).

O Sr. N.R. revela que iniciou cedo, ainda criança acompanhava seu pai, que já trabalhava na coleta da castanha, embora não sendo especificamente na Comunidade de Santo Isidoro, e sim numa localidade mais abaixo no rio, na mesma margem, o Mirinim. Sempre viveu com sua família da agricultura, uma tradição que se perpetua até os dias de hoje. Outro aspecto narrado pelo Sr. N.R. era o forte vínculo familiar, pois, mesmo adulto, trabalhando por conta própria, isto é, tendo sua própria renda, não se separou de seu pai e da sua mãe, E, assim, os fatos de sua infância e fase adulta foram sendo expostos, quando também se lembrou dos seus casamentos:

*Tô com setenta e quatro anos de idade, todo tempo trabalhando nesta comunidade. Conheci esta comunidade como propriedade, depois passou a comunidade, todo tempo trabalhando juntamente com a minha família, meus filhos, né. Sou pai de oito filhos, né, rapaz, verdade é preciso, mas com essa mulher de hoje eu tô com vinte e três anos, essa é a minha quarta mulher, com minha mulher antiga fiquei quinze anos, tive quatro filhos, e com essa de hoje mais quatro filhos, mas graças a Deus tudo em paz. Então é isso, essa foi a minha vida. Meu nome todo é Normando Ramos [...] (Sr. N. V., castanheiro, relatado em 18/04/2019).*

O senhor N.R., sempre trabalhou e trabalhou muito no extrativismo da castanha, que nos relata que é o patriarca de uma família numerosa, com oito filhos, e que estes filhos fruto de quatro casamentos, e com esta última e atual esposa, é casado a vinte e três anos, e com a qual tem quatro filhos. Toda a trajetória de vida do Sr. N.R. foi à Comunidade de Santo Isidoro, jamais morou em outro lugar.

O trabalho do Sr. N.R. durante a sua vida esteve relacionado com a extração de produtos da floresta, embora hoje não seja tão intenso quanto era na época em que era freguês (empregado) do antigo proprietário de Santo Isidoro. Neste sentido que Wagner *et al.*, Oliveira; Matei; Claudino e Kubo (s/d, p. 3) observam: “O termo extrativismo é utilizado para designar atividades de extração e coleta de produtos encontrados na natureza (não cultivados), sejam elas predatórias ou não, voltadas para trocas ou para o consumo familiar”.

Trata-se, como se observa, de uma ação não predatória. O Sr. N.R., mesmo com as dificuldades impostas pelo seu ambiente de trabalho, procurou fazer do extrativismo da castanha um ofício porque a castanha, que era abundante, praticamente não rendia financeiramente para o extrativista. No caso do Sr. N.R. a extração da castanha era uma questão de sobrevivência familiar, pois sua produção era trocada por gêneros básicos para sua

alimentação e de familiares próximos. Porém todas essas regras eram impostas pelo seu patrão, que estabelecia até mesmo o período em que ele devia permanecer em determinado local coletando a amêndoa amazônica.

A narrativa do Sr. N.R.aborda especificamente sobre o trabalho relacionado à coleta da castanha:

Nessa época em que nós *era* dominado por patrão, não só eu como todo mundo que morava na propriedade, naquele tempo a gente era preso, ninguém tinha aquela responsabilidade que hoje nós temos. Para melhor lhe dizer, desde que eu nasci foi nessa terra, mas nesse tempo a gente tinha a idade de dezoito anos, eu conheci Jorge Rezala, conheci Cleto Praia, então todas essas pessoas eu conheci, *né*, meu pai também trabalhava para eles (Sr. N.R., castanheiro, relatado em 18/04/2019).

O patrão era dominador, era ele quem fazia e quem executava as leis, e, sob este aspecto, o Sr. N.R. indica que conviveu com dois patrões distintos. O primeiro, Cleto Marques Praia, filho de Isidoro Marques Praia, por isso o nome da comunidade é alusivo ao patriarca da família Praia, Sr. Isidoro. Este espaço passou para o controle do Sr. Jorge Rezala, comerciante de origem turca, que se instalou definitivamente naquela área.

Ao completar dezoito anos de idade o Sr. N.R. começou a trabalhar sob as ordens do que ele mesmo denominou “patrão”, em meados da década de 1940. Um fato narrado neste contexto, é o relato que descreveu que certa vez foi “preso”. Essa prisão pode ser dividida de duas formas distintas, a primeira trata-se da prisão no próprio espaço da comunidade, e a segunda, de mais forte expressão, trata-se do recolhimento a uma cela em uma delegacia.

O extrativismo da castanha é a base de um conhecimento tradicional que se consolidou na Comunidade de Santo Isidoro. O Sr. N.R. participou ativamente deste processo e uma das situações mais angustiantes foi o fato de ser preso injustamente, o que marcou em sua memória. Contudo, isso não afetou seu desempenho no extrativismo, continuou a trabalhar por décadas e desse contexto conseguiu abstrair conhecimentos tradicionais que hoje passa também a ensinar à geração mais nova de sua família, seus netos, por exemplo.

A partir dessa narrativa, e ao mesmo tempo fazendo um contraponto com Peralta e Lima (2012, p. 3), afirma “[...] o conhecimento tradicional está presente em todas as esferas de geração do saber e todas as formas de uso sustentável dos recursos naturais [...] no conhecimento [...] dos agricultores experimentadores”. Esse conhecimento tradicional é importante para manter a cultura da castanha, como também outras culturas que hoje se fazem presentes no contexto do morador da comunidade de Santo Isidoro.

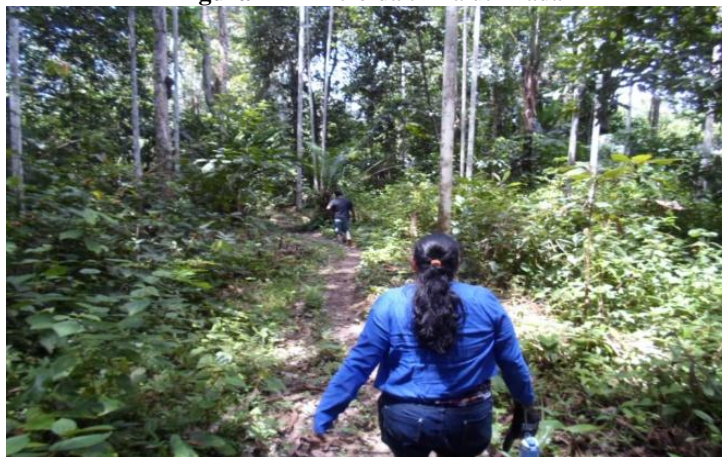
Quando o Sr. N.R. narra “fui preso” era porque, em um episódio isolado, em que o patrão, Sr. Jorge Rezala, o enviou com alguns outros “fregueses” para a cidade de Tefé por fazer o juízo de direito de que estariam “comercializando” a castanha com outros compradores.

Na verdade nós *era* preso por quê? Porque a gente não podia vender o produto da gente para quem a gente quisesse, ninguém podia vender, eu fui preso, dizendo ele que eu tinha vendido castanha *pra* fora *né*, vender *pra* fora e não vendia para o patrão, então eu fui preso. Não só eu, nós fomos doze presos, então a gente não tinha aquela liberdade que nós temos hoje. Hoje a gente entra no mato, tira a castanha, tira o açaí e a gente vende para aquele que pagar melhor (Sr. N.R., castanheiro, relatado em 18/04/ 2019).

Era um sistema de trabalho que em muito se assemelhava na extração da seringa. O extrativista da castanha também não tinha o direito à liberdade, sua vida estava limitada pelo isolamento geográfico acentuado pelas distâncias. No caso do Sr. N.R. o seu patrão, Jorge Rezala, resolveu denunciar um grupo de “fregueses”, dentre os quais se encontrava o próprio Sr. N.R., com a justificativa de que estariam traindo a confiança do patrão ao praticar a venda da castanha para outro comprador.

As figuras 23 e 24 indicam que trabalhar na coleta da castanha não era nada fácil, as dificuldades se iniciavam no momento em que o extrativista adentrava nos caminhos tortuosos e extensos, um trabalho cansativo no qual o extrativista também tinha que preservar sua vida dos perigos da floresta que também se integravam à fauna amazônica, especificamente a fauna de Santo Isidoro

**Figura 22** - Início da trilha utilizada



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

**Figura 23** - Continuação da trilha, a floresta para coleta da castanha se torna mais densa



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Este tipo de trilha era semelhante ao que também era usado pelo Sr. N.R., quando, no final da década de 1940, começou a trabalhar, com dezoito anos de idade, de maneira autônoma, percorrendo a estrada da castanha. A estrada seriam os castanhais, e este nome não indica que esta estrada era reta, por exemplo, isso por que os pés de castanha eram dispersos na floresta.

O Sr. N.R. esclarece que a vergonha era muita, tendo em vista que os policiais vinham buscar o castanheiro na própria comunidade e a sua prisão era vista por todos. O Sr. N.R. lembra também o valor que era vendida a caixa de castanha ao patrão Jorge Rezala no final da década de 1940:

Nós ia preso era lá na cidade de Tefé, ele mandava prender e a polícia vinha buscar a gente. A gente vendia aqui a caixa de castanha a cinco cruzeiros, nós *era* obrigado a entregar de cinco cruzeiros. Se você fosse no mato tirar um açaí, você era preso, porque você tava tirando o produto da propriedade, naquele tempo, ele era muito carrasco, muito ruim, então hoje as coisas melhoraram [...] (Sr. N.R., castanheiro, em 18/04/2019).

Não era possível fugir e nem questionar a autoridade do patrão, além disso, o castanheiro era obrigado a vender a sua castanha com o valor determinado pelo patrão. Não podia em hipótese nenhuma dedicar-se a outra atividade, mesmo que fosse a também coleta do açaí. Como narra o Sr. N.R, o patrão era carrasco, muito ruim, e as coisas, o cotidiano que envolvia o trabalho, principalmente, não mudava, era sempre forçado para o freguês. Hoje, segundo ele, a situação é completamente diferente, o agricultor não é mais chamado de freguês e o que consegue coletar ou produzir pode comercializar livremente. Com setenta e dois anos o narrador esclarece o que está aqui sendo explorado:

Hoje tá diferente, né, tá diferente, trabalho de roça, trabalho de agricultura, hoje a gente trabalha em roça, faz a nossa farinha, a gente vende uma parte e a outra a gente consome mesmo, até hoje não me arrependo de trabalhar na agricultura, hoje sou aposentado, né [...] (Sr. N.R., castanheiro, em 18/04/2019).

As argumentações do Sr. N.R. é de que hoje se vive a liberdade, os direitos de comprar e de vender não são mais controlados por um único patrão, nem se pode mandar prender alguém pelo fato de ter comercializado seu produto com outro comerciante. O que chama atenção no episódio da prisão, narrada por ele, era também o fato de o castanheiro estar todo o tempo sob a contínua vigilância dos “capangas”. Também é possível identificar que o agricultor não trabalha, hoje, somente com a coleta *in natura* da castanha, diversificou, e que a produção da farinha de mandioca passou a ditar o ritmo da economia em muitas comunidades tradicionais, dentre as quais o Santo Isidoro.

Com o passar do tempo acabou-se o domínio do então patrão Jorge Rezala, e, com isso, o espaço, antes denominado de propriedade, passou a chamar-se comunidade, ou melhor, comunidade de Santo Isidoro. Nesse mesmo ensejo narrativo a produção *in natura* da castanha não é mais abundante como era no início da década de 1950, o que é constatado nas palavras do Sr. N.R. neste momento:

Nessa colheita agora, né (2019), falar a verdade é preciso, eu deixei de trabalhar com a castanha faz uma porção de anos, né, só quem trabalha em castanha hoje é meu filho, então ele tem a colocação dele lá no centro, tem ano que ele colhe cinquenta, sessenta caixas, mas tem ano que dá dez caixas, que dá cinco caixas, a média mesmo por ano é de trinta caixas de castanha [...] (Sr. N.R., castanheiro, 18/04/2019).

Trata-se hoje de uma produção bem menor, ou seja, as toneladas de antes, que levavam dias e dias para completar os porões das barcaças, chamadas de lanchas, não existem mais.

A produção, então, é mínima, e isso deve considerar que as árvores, as castanheiras envelheceram ou foram cortadas. Essa constatação é óbvia quando analisada pelo Sr. N.R., o qual ressalta que colhe em média, ao ano, cerca de trinta caixas de castanha. Essa baixa quantidade de castanhas tornou-se um fator desestimulante, que também indicou ao agricultor de Santo Isidoro a possibilidade de outras culturas extrativistas ou produtivas. Mais à frente, ainda narrando sobre a quantidade de castanhas colhidas, ressalta:

[...] eu fiz trezentas caixas de castanha, só eu, num só ano, tudo era para o Jorge Rezala, tinha dezoito colocações, e em só uma onde eu trabalhava eram doze fregueses (castanheiros). Tinha ano que dava quatro mil e tinha ano que dava até seis mil caixas de castanha, sem contar com outros lugares (Sr. N.R., castanheiro, em 18/04/2019)



Se o Sr. N.R. coleta hoje em média trinta caixas por ano, ele, então, na época em que trabalhava para o patrão Jorge Rezala, por ano coletava trezentas caixas, ou seja, hoje o filho coleta cerca de dez por cento do que o pai coletava há cinco décadas. Toda essa produção podia ser multiplicada facilmente e atingir proporções gigantes, por exemplo, doze fregueses ao ano conseguiam coletar até seis mil caixas de castanha para o patrão Jorge Rezala, que enviava toda essa produção para Belém, e daí era exportada para Europa e Estados Unidos.

Quando o Sr. N.R. revela que o Sr. Jorge Rezala possuía, dentre suas propriedades, dezoito colocações estava afirmando que possuía dezoito entrepostos de armazenamento de castanha. Esse dado é referente às colocações que estrategicamente se encontravam na extensão do Lago do Mirinim, e todas eram colocações distantes, nos centros. Os centros, diferentes do que se conhece hoje em relação às cidades, eram lugares ermos, isolados, ou seja, era o centro da selva, e era justamente neste ambiente inóspito que o Sr. N.R. trabalhava no período de abundância da castanha sob o domínio do patrão Jorge Rezala.

As semelhanças com o processo de extrativismo da seringa não se limitavam à forma de trabalho, ou seja, a servidão se estendia também para as temidas “cadernetas”, nas quais o freguês (castanheiro) recebia o aviamento<sup>11</sup> para levar e consumir durante o período de extração da castanha nas colocações localizadas no centro da mata.

Numa primeira acepção, ‘aviar’ é um termo forjado na Amazônia, que significa fornecer mercadoria a crédito. O comerciante, ou ‘aviador’, antecipa o fornecimento de bens de consumo e instrumentos de trabalho ao produtor que, por sua vez, efetua o pagamento da dívida contraída através de produtos extrativos e agrícolas. Essa relação remonta ao período em que a região integrou-se ao processo de colonização europeia. Surge, portanto, a partir da inserção da economia nativa ao sistema mercantilista, já nos negócios das drogas do sertão no século XVIII, como mostra Oliveira (1983), referindo-se aos ‘regatões’, comerciantes que percorriam os rios da região.

[...] um comerciante, inicialmente caboclo ou português que, em troca de quinquilharias, instrumentos diversos, roupas e gêneros alimentícios, recebia o produto do trabalho indígena ou caboclo. Como ele visasse o máximo de lucros regateava o preço da mercadoria comprada, procurando desvalorizá-la, ao mesmo tempo em que enaltecia a excelência, a utilidade ou a beleza do que vendia. Por causa disso, ele ficou conhecido como regatão. No século XVIII ele já estava em atividade. Não usava a moeda, praticando o escambo, ou seja, trocando gêneros. Com seu comércio em barco apesar de extremamente espoliador, ele ligou povoados

---

<sup>11</sup> O aviamento constitui-se na concessão de um espaço para extração de um determinado recurso extrativista vegetal onde o cedente (patrão) exige em troca do pagamento de um percentual sobre um resultado dessa exploração, além da exclusividade pela sua aquisição e exclusividade também no fornecimento de insumos necessários a reprodução biológica do explorador.



do interior ao litoral, através de notícias e de mercadoria. Como suas viagens demorassem semanas e meses, ele entregava a seus fregueses as mercadorias a crédito para, na volta dessas viagens, receber o ressarcimento, em produto, do que havia fornecido no início das mesmas. (OLIVEIRA 198 p. 235-236.)

Dadas as características da região, como a distância e o isolamento entre os povoados e o centros consumidores, o difícil acesso aos locais de coleta, aliados à escassez de moeda, consolidou-se o ‘aviamento’. O coletor de produtos extrativos tornava-se dependente dos intermediários, de quem recebia certos insumos da produção e certos bens de subsistência a serem pagos em produtos. Nessas condições, o financiador tinha ampla liberdade na fixação dos preços. Santos (1968), de forma simplificada, explica que:

[...] dá-se o aviamento quando A fornece mercadoria a B uma quantidade Q de mercadorias (bens de consumo e alguns instrumentos de trabalhos), ficando B de resgatar a dívida com produtos agrícolas ou extrativos da próxima safra, em espécie; havendo saldo credor, B recebe dinheiro; se o saldo é devedor, B fica debitado até a safra subsequente. A chama-se aviador; B chama-se aviado. (SANTOS 1968 p.11)

Santos (1980) considera que o aviamento foi o elo sustentador e articulador de toda a estrutura social da região, integrando o homem do interior amazônico à sociedade global. Constituiu o embrião de um grande mecanismo que pôs a funcionar toda a economia amazônica da fase da borracha e que persiste em nossos dias, se bem que modificado e com importância atenuada.

Esse sistema formava-se a partir de uma cadeia de relações sociais e econômicas, que ligava vários intermediários até o produtor direto.

É recorrente na literatura sobre a Amazônia a ideia de que o aviamento é uma forma de crédito mais eficiente do que o sistema financeiro formal, uma vez que este é incapaz de chegar até o pequeno produtor distante. Por outro lado, na época da borracha, era o sistema bancário que, através dos créditos, alimentava as firmas aviadoras. Portanto, haveria uma relação de complementaridade entre o sistema formal e o informal.

Como é sabido, o auge da extração da borracha foi também o auge das relações comerciais próprias do aviamento. Na época, organizava-se como uma ‘cadeia hierarquizada’, iniciando com as grandes firmas aviadoras, que obtinham financiamento nos bancos da capital (Belém) e, em seguida ligando-se aos médios e pequenas aviadores, até chegar ao produtor direto.

Santos (1980) analisa que, a partir dos pequenos aviadores, as relações concretizavam-se através de pactos meramente verbais, mas que funcionavam com perfeita regularidade. Na

cadeia de aviamiento, o produtor ocupava uma posição desfavorável, pois não tinha contato com as praças de mercado, desconhecia por completo as técnicas de comercialização, vendia o produto a um só comprador, além de geralmente ser analfabeto ou de pouca instrução.

O aviamiento esteve presente, também, em outros importantes produtos extrativos da região, como a castanha. Sua influência no extrativismo fez-se também sentir e se exprime na própria linguagem do castanheiro de hoje, quando se refere a um ‘patrão’ que ‘avia’ sua produção.

Nesse sentido, o Sr. N.R. revela que:

[...] Então todos os anos que a gente ia pra colocação a gente tinha mercadoria né, tinha rancho, afinal de contas a gente ia trabalhar em castanha né, a gente não ia pescar, não era só para aquele fim. Então a gente trabalhava e produzia muito. Hoje ninguém tá mais produzindo, não produz, porque muitas vezes, por causa das castanheiras ter ficado velhas, não dá mais fruta. E outra, vem a motosserra e joga ela no chão e derruba a castanheira e aí vai diminuindo, vai diminuindo o total de renda da castanha da comunidade né. Se tem quinhentas castanheiras, derruba duzentas e cinquenta né, e naquele tempo, o patrão era muito ruim, como eu via finado Cleto Praia, a gente fazia o roçado, mas a gente não tinha o direito de derrubar o roçado e nem um filho de castanheira né. (Sr. N.R., castanheiro em 18/04/2019).

O aviamiento era uma forma de escravidão, isso por que antes mesmo da colheita o castanheiro estava devendo, e ao dever criava o que se pode chamar de vício econômico, em que o patrão estabelece as regras e o aviado precisa obedecer, quando não, sofria penalidades, dentre estas a prisão. Além disso, o aviado era proibido de realizar qualquer outra atividade, isto é, obrigado a exclusivamente trabalhar na coleta da castanha. O freguês tinha uma quantidade de caixas de castanha que precisava ser atingida, e quando não atingia sua dívida proveniente do aviamiento forçado aumentava e se acumulava de um ano para outro.

O Sr. N.R. narra que as castanheiras envelheceram, são mais de cinco décadas de produção aqui registradas pelo castanheiro. Outro impacto significativo é a derrubada das árvores que produzem ou que produziam a castanha. São troncos que oferecem madeira resistente que podem ser utilizados em diferentes construções, desde casas e móveis a canoas, por exemplo. As castanheiras, ao serem derrubadas, são comercializadas, mesmo que não esteja produzindo. Assim, as castanheiras que se encontravam por toda a circunvizinhança de Santo Isidoro estão em processo de envelhecimento e de derrubada, mesmo que a derrubada seja proibida pelos órgãos de controle ambiental federal, estadual e municipal.

As figuras 25 e 26 são de uma mesma castanheira e percebe-se, pela exposição da raiz, diferente da derrubada provocada pela ação humana, tenha sofrido com os ventos e com os temporais, que a arrancaram completamente, vindo abaixo. Esta árvore, no entendimento do

Sr. N.R., praticamente não produzia mais castanha e a madeira deverá ser beneficiada por algum morador da comunidade que tiver à mão um motosserra.

**Figura 24** - Castanheira derrubada



**Fonte:** Arquivo pessoal (2019)

**Figura 25** - Derrubada por outro ângulo



**Fonte:** Arquivo pessoal (2019)

O patrão também tinha iniciativas comuns nos dias de hoje, o plantio de mudas, no caso mudas de castanha. Na propriedade, na época de Santo Isidoro, o patrão Jorge Rezala, prevendo que futuramente as castanheiras tinham que se renovar para continuar a produção em um nível alto, passou a desenvolver ações que se voltavam para o plantio, o qual também era realizado pelos castanheiros. O Sr. D.C, uns dos castanheiros da comunidade de Santo Isidoro narra que ficava o dia inteiro exposto ao sol para realizar este trabalho, mas antes tinha que roçar limpar a área para só depois plantar a muda de castanha.

Então, o trabalho executado como castanheiro não era apenas de coleta, mas também de cultivo. Era um trabalho árduo, praticamente não havia um período de descanso durante o

ano, isto é, durante um período fazia a colheita e também o transporte para as barcaças, e na outra metade do ano faziam-se os roçados e com cultivo das mudas. Assim, o patrão Jorge Rezala estabelecia a ordem, e, dessa forma, o castanheiro, como se autodenominava o Sr. D.C., era um trabalhador vivendo uma situação de servidão. Ele narra mais sobre o trabalho de transporte que executava da castanha da colocação até a barcaça, chamada de lancharia:

Quando a nós tava reunido aqui tinha um paiol que pegava até dez mil caixas de castanha né, nós *passava* para conduzir, o motor ficava ali na boca do Mirinim, a gente vinha por trás, em um igarapé, a gente tinha que varar a lama, então a gente passava semana mais semana conduzindo castanha né. Hoje, aqui na comunidade não tá rendendo mais duas mil caixas de castanha em toda a comunidade né (Sr. D.C.castanheiro, em 26/04/2019).

Os paióis eram grandes construções, erguidas para armazenar grandes quantidades de castanha, e estrategicamente localizados. Esse escoamento era também executado pelos castanheiros. Eram semanas e até meses para completar a carga de uma única barcaça, isso por que o castanheiro, para conduzir a castanha da colocação até o paiol, enfrentava atoleiros, desvios por causa de igarapés etc. Hoje este tipo de realidade não faz mais parte do cotidiano dos moradores da comunidade de Santo Isidoro, além disso, os novos, ou melhor, a geração de netos do Sr. D.C., por exemplo, embora continuem interessados pela coleta da castanha, realizam em paralelo outras atividades extrativistas, como narra o Sr. D.C.:

Isso é uma coisa complicada né, mas é fácil de entender, eu acho que eles (filhos, netos) estão mais interessados em plantar uma roça, fazer um roçado né, mas também continua interessados na castanha, mesmo que esteja plantando uma cana, melancia, pescando (Sr. D.C.castanheiro, em 26/04/2019).

Hoje, na Comunidade de Santo Isidoro, o que mais rende financeiramente para os moradores é a produção e comercialização da farinha de mandioca. Além disso a Comunidade de Santo Isidoro foi há duas décadas, a maior produtora de cana-de-açúcar do município de Tefé e também do estado do Amazonas, e fornecia açúcar mascavo para uma importante indústria de refrigerantes.

Além do plantio de melancia, abacaxi e açaí existem também na comunidade a criação de carneiros, como pode ser observado na Figura 27. Ademais, são atividades que estão diretamente relacionadas com o cotidiano de todos que moram na comunidade, dentre estes o próprio Sr. D.C. filhos e netos.

**Figura 26** - Criação de carneiros



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

A partir dessa nova realidade, desse modelo de agricultura familiar, com a narrativa do Sr. D.C., o local onde se realiza a maioria destas culturas de subsistência, culturas estas tradicionais do morador de Santo Isidoro. As palavras do Sr. D.C foram:

O terreno em que nós faz o plantio da gente é só uma área só, é uma colocação, nós mora numa terra como se diz é nossa, né, ninguém paga nada né, então todo mundo tem o seu direito de fazer a sua roça, fazer sua colheita, de vez em quando vai gente pra ajudar, né, só não na castanha, se o cara puder ir sozinho o que ele coletar é dele, não precisa dividir, já no plantio de roça é diferente (Sr. D.C. castanheiro, em 26/04/2019).

Hoje a área de cultivo é de uso familiar, segundo a narrativa do Sr. D.C, os moradores participam desta forma de trabalho, e o importante é que esta área é uma conquista, portanto, não custou financeiramente nada, além das benfeitorias que a própria família realiza. É importante destacar que na Comunidade de Santo Isidoro existe a prática do ajuri, em que todos se unem para ajudar uma família, e esta, depois, também se envolve em ajudar outra família, e assim sucessivamente. No que se refere especificamente à cultura da castanha, não há o trabalho em forma de ajuri, e sim o trabalho individual, em que o coletor é o único dono daquilo que coleta, além de ter a total liberdade de vender a castanha a quem pagar melhor. Esse benefício é o que mais indica a autonomia e a cidadania do morador de Santo Isidoro nos dias atuais.

A transmissão dos conhecimentos tradicionais sucede ao longo das gerações a partir da oralidade e da comunicação principalmente das experiências das vivências dos mais velhos com os mais novos (DIEGUES, 2008). São produzidos, na maioria das vezes, por pessoas iletradas e sem instrução escolar, todavia isso não o invalida como forma de conhecimento, porquanto resultam de observações e experiências de pessoas tão perspicazes quanto àqueles que estão na academia (ELISABETSKY, 2003).



O Sr. D.C. salientou que mesmo com tudo que era comum na relação entre o patrão e o freguês nos tempos abundantes da coleta da castanha, conseguiu entender que também havia algo de bom:

Só tem uma coisa comigo que eu me alembro até hoje, né, o passadio, porque naquele tempo nós trabalhava muito, mas passava mais bem do que hoje, né. Hoje é bom, mas naquele tempo era melhor, era mais fácil as coisas, né tinha mais organização, tinha mais respeito (Sr. D.C.castanheiro, em 26/04/2019).

Nota-se que o Sr. D.C., de 65 anos, que desde sua infância esteve envolvido com a extração da castanha, viveu um dos períodos históricos de grande relevância no cenário tefeense, o período de abundância produtiva da castanha. Esteve sob o patronato de dois personagens: Cleto Marques Praia e Jorge Rezala, mas este último, com quem conviveu e trabalhou de maneira acentuada, conseguiu identificar que aconteceram fatos que o marcaram positivamente. Analisa que, na época, mesmo que sob a administração do Sr. Jorge Rezala, havia um melhor passadio alimentar, além de uma melhor organização dos trabalhos e principalmente o respeito entre todos os envolvidos.

Em torno do conhecimento tradicional da coleta da castanha é o Sr. M.C., filho de uma das mais tradicionais famílias da comunidade de Santo Isidoro e também o atual presidente da comunidade que nos fornecerá subsídios para argumentar sobre os conhecimentos tradicionais transmitidos pelos moradores na comunidade .

O Sr. M.C. sempre morou na comunidade de Santo Isidoro e narra também sobre a organização social do trabalho, os benefícios da educação, saúde e meio ambiente.

As figuras 28 e 29 mostram a técnica da coleta do ouriço do chão, sendo relevante para a saúde do castanheiro, que evita estar se abaixando constantemente. Além disso, é uma eficiente maneira de prevenção contra o ataque de cobras, que têm por hábito ficar próximo dos ouriços assim que caem da castanheira. Adquirir as habilidades de coleta do solo até o paneiro, tecido com fibra (cipó) de arumã, é uma herança cultural que os mais novos aprendem com os mais velhos quando passam a acompanhar estes últimos durante a coleta. Esse conhecimento é o mesmo que se utilizava durante o período de abundância produtiva da castanha na Comunidade de Santo Isidoro.

**Figura 27** - Sr. M.C faz uma demonstração de como coletar o ouriço de castanha do chão



**Fonte:** Arquivo pessoal (2019)

**Figura 28** - O Sr. M.C. demonstra a coleta do ouriço de castanha



**Fonte:** Arquivo pessoal (2019)

Ao iniciar sua narrativa o Sr. M.C. teceu relevância ao Sr. N.R. quanto a sua participação no extrativismo da castanha, e lembrou que uma caixa de castanha é composta por até cento e vinte ouriços e que cada ouriço comporta no máximo 15 amêndoas. Indicou que o ouriço precisa ser aberto a golpes de terçado, golpes estes com precisão, não ultrapassando um total de cinco golpes, pois, em um único dia este movimento pode se repetir por até centena de vezes.

Inicia-se com a narrativa sobre a organização social do trabalho no âmbito dos comunitários de Santo Isidoro, que, de acordo com o presidente da comunidade o Sr. M.C. :

[...] Aqui ainda não existe uma organização para o trabalho na roça né, nós ainda trabalha muito individual, antigamente isso existia, trabalhava muito em forma de

mutirão, que nós chama de Ajuri né. Apesar de que naquela época, quando eu falo de farinha até a produção que produzia era muita, mas agora não têm esses sacos que tem hoje, né. Nós trabalhava era com paneiro de arumã, que nós fazia, aí empalhavam a farinha né, naquela época a farinha também não tinha o valor que tem hoje, mas nunca nós trabalhemo assim de uma forma organizada em uma cooperativa – até temo condição para isso, mas nunca trabalhemo dessa forma. Um tempo desses que nós se organizemo melhor por conta de uma cooperativa que comprava tudo que nós produzia aqui: farinha, abacaxi, açaí, mamão, banana, côco, então todo esse produto nós vendia né, mesmo sabendo que era mais melhor mesmos se organizar e formar uma cooperativa, mas ainda falta né, não tem essa organização não (Sr. M.C. castanheiro e presidente da comunidade em 26/04/2019).

A organização, ainda não existe, muito embora hoje todas as famílias trabalhem na roça, principalmente com a produção da farinha de mandioca. O que houve, por exemplo, foi uma mudança. Se antes a farinha era armazenada em paneiros de fibra de arumã revestidos com folhas de bananeira, hoje esta farinha é ensacada em sacos de fibra. Não há ainda em Santo Isidoro um consenso em torno da formação de uma cooperativa agroextrativista, muito embora existam 3 associações, a primeira dos produtores de cana-de-açúcar, a segunda dos pescadores credenciados no SINDPESCA e a terceira dos comunitários.

As tentativas em torno de uma organização social do trabalho agroextrativista na comunidade de Santo Isidoro não são recentes, muitas tentativas foram feitas no decorrer dos anos, de acordo com a narrativa do Sr. M.C., e não se obteve sucesso:

[...] É importante sim, estou batendo nessa tecla, né [...] é um desafio muito grande, por exemplo, nós queremos que a cana-de-açúcar, porque, aqui tem duas associações dentro da comunidade, trabalhar não só com a cana-de-açúcar, mas com uma empacotadora de farinha né [...] fui no supermercado outro dia vi oito reais a castanha embalada, trabalhada, aqui nós produzimo uma farinha boa. Nós sabemos que em Manaus quem ganha a fama é o Uarini e nem toda a farinha vem do Uarini, vem daqui de Tefé, Caiambé, Jutica (Sr. M.C., castanheiro e presidente da comunidade, em 26/04/2019).

O Sr. M.C. observa que para os moradores e trabalhadores de Santo Isidoro, se organizados em forma de cooperativa, há a real possibilidade de agregar valores ao produto final. Isso se fundamenta em exemplos mesmo de Tefé, quando, por exemplo, o próprio Sr. M.C., ao adentrar em um supermercado, na prateleira visualizou a farinha empacotada com selo de origem, assim como também visualizou a castanha, ambos os produtos com valor maior, ou seja, em cooperativa as possibilidades de rentabilidade dos cooperados é muito maior que trabalhar isoladamente, comercializando os produtos junto aos atravessadores.

A comunidade possui um centro de associação dos pescadores, como demonstra a figura abaixo (Figura 30), cujas reuniões acontecem todos os sábados para tratar de interesses relacionados às cooperativas de qualidade e rentabilidade de vida dos pescadores.





**Fonte:** Arquivo pessoal (2019)

Na Comunidade de Santo Isidoro existem culturas variadas e que todas elas geram renda. No entanto, em regime de cooperados, os produtos teriam um valor superior, e sustenta a seguinte narrativa:

A produção da farinha de mandioca e da banana tem agricultor aí que levou vinte sacos (farinha), o açaí, eu tenho um açaizal que nós anda mais de três quilômetros, mas plantar açaí, plantar nós não planta não né. O cupuaçu nós também temos aqui (Sr. M.C., castanheiro e presidente da comunidade, em 26/04/2019).

A farinha e a banana são produtos que necessitam de plantio, assim como também o cupuaçu, entretanto o morador de Santo Isidoro coleta na floresta o açaí, e cita que em seu próprio 'sítio' possui uma significativa quantidade de pés de açaí que não necessitaram ser cultivados. Pode-se observar, na Figura 31, o sítio, com os pés de açaí, relatado pelo nosso entrevistado.

**Figura 30 - Pés de açaí**

**Fonte:** Arquivo pessoal (2019)

A própria natureza se encarregou deste trabalho. Nota-se que a potencialidade é grande e que é possível trabalhar essa diversidade de produtos de forma a gerar mais benefícios econômicos como narra o Sr. M.C.:

Apesar de tudo (período extrativista), era um período muito ruim, quando nós chega a ser preso [...] Hoje cada um tem o seu pedacinho de terra, mas quando nós fala de coleta de castanha qualquer um pode ajuntar, crianças podem ajuntar, então eu vejo que houve um desafio muito grande, *né*, porque antigamente nós não trabalhava assim no sentido coletivo [...] Ainda há uma resistência, existe 30% da comunidade que não querem se unir [...] (Sr. M.C., castanheiro e presidente da comunidade, em 26/04/2019).

Relembrar o passado, caracterizado, segundo o narrador, como um tempo de grande sofrimento, considerando ainda que o Sr. N.R. foi preso, e ao mesmo tempo contextualizando com os dias atuais, percebe-se que muito mudou, porém há muito para conquistar. Isso por que, segundo o Sr. M.C., há uma forte resistência à mudança em uma parte dos moradores da comunidade. Isto é, Santo Isidoro tem hoje cerca de quatrocentos habitantes, o que significa que algo em torno de cento e vinte habitantes não compreendem a importância do trabalho organizado em cooperativa. De acordo com o próprio presidente da comunidade, pessoas que não querem se unir com as demais.

Com relação ao extrativismo da castanha, o Sr. M.C. narra que hoje qualquer pessoa pode coletar esta amêndoa na área da comunidade, desde que seja comunitário, pode ser

adulto, jovem e até mesmo criança, e isso é importante para manter esta cultura que, no passado, foi marcante na história tradicional local.

As narrativas do Sr. M.C. ressaltam também que na comunidade houve uma revolução em relação aos meios de comunicação, famílias optaram pelo telefone fixo rural, outras por celulares, que também funcionam muito bem em determinados lugares da própria comunidade de Santo Isidoro. Por outro lado, por responder hoje pela presidência da comunidade enfrenta problemas que são comuns, por exemplo:

Em todas as comunidades, e isso não é só com a nossa, há um índice muito grande de droga [...] Entremos em parceria com a Polícia Federal, 3º Batalhão, Polícia Civil, Conselho Tutelar, e chegou *pra* gente esse ginásio, e como nós temos o conhecimento de que o esporte é capaz de tirar a pessoa da droga, a gente começou a fazer torneio, campeonato, ocupar eles. E a questão da segurança, que melhorou muito, a polícia começou a vir aqui, fazer ronda. Na educação, a gente tá dando suporte, ano passado (2018) três gestores foram trocados, resolvemos trabalhar em parceria e está dando certo. Na saúde nós temos uma lancha SOS, porque aqui já morreram umas três ou quatro pessoas com mordidas de cobra, na época a gente não tinha essa lancha que temos hoje (Sr. M.C., castanheiro e presidente da comunidade, em 26/04/2019).

Trata-se especificamente da narrativa sobre as políticas públicas que existem na comunidade, o combate às drogas é uma delas. Para ser eficiente este combate, os órgãos de polícia precisam da parceria da comunidade para poder agir com firmeza e eficiência. A droga é algo que se espalha rapidamente, principalmente entre os mais jovens e, para reverter este quadro, o presidente da comunidade procura envolver este público em atividades socioesportivas.

Quanto à educação, no caso escola, na época do patrão Sr. Jorge Rezala nem pensar, impossível que este abrisse uma escola, pois traria o conhecimento matemático aos fregueses, que poderiam questionar os altos valores dos aviamentos nas temidas ‘cadernetas’. Sobre o visual da comunidade de Santo Isidoro nos dias atuais, o presidente da comunidade é categórico nessa narrativa:

A limpeza da comunidade a gente pensa em colocar caixote, essa ramal com três quilômetros tem sido um problema e, resolvido, vai beneficiar muita gente, *né*. Ainda tem pessoas aqui que *sai* de madrugada para estudar lá em Tefé *né*, vai andando descalço, na lama (Sr. M.C., castanheiro e presidente da comunidade em 26/04/2019).

São críticas contundentes reforçadas pelo que se entende esquecimento, a limpeza pública está sendo realizada pelos moradores, que, além de coletar o lixo, realizam o ‘tratamento’, enterram ou queimam, pois a coleta inexistente. Sobre a questão transporte, o Sr. M.C. também se mostra indignado quando os alunos que estudam na cidade precisam andar

os três quilômetros do ramal em meio à lama e, em alguns trechos, crateras provocadas pela ação da chuva, até chegarem à margem da Estrada da EMADE. É uma labuta diária, que muitas vezes se inicia de madrugada. No mais, somente ‘falsas promessas’ políticas de que a urbanização asfáltica do ramal será feita o mais rápido possível.

Se, no passado, o castanheiro não tinha nem a liberdade, quanto mais sindicalizar-se. Hoje é diferente, moradores da comunidade que trabalham com a pesca conseguem se beneficiar do seguro defeso. Também houve o ingresso de cursos de capacitação em manipulação e processamento de pescado, ou seja, a qualificação profissional é uma realidade, como narra o Sr. M.C.:

Através do SINDIPESCA a gente já conseguimos um curso para processamento e manipulação de pescado pelo PRONATEC, e quem ganhou foi a comunidade, aprendemo a fazer o *fishburger* [...] O IDAM também tem dado suporte, eles têm orientado, ministrado cursos aqui de hortifrutigranjeiro, horta familiar também. Às vezes as pessoas não colocam em prática eu não sei por que né, mas eles têm esse conhecimento [...] (Sr. M.C., castanheiro e presidente da comunidade, em 26/04/2019).

O problema, de acordo com o Sr. M.C., não é capacitar, e sim colocar em prática os conhecimentos adquiridos, pois parece que ao finalizar estas capacitações os moradores de Santo Isidoro diretamente beneficiados acabam esquecendo completamente de tudo.

As figuras 32 e 33 demonstram uma socialização entre os moradores para uma discussão sobre a realização de algumas atividades decorrentes na comunidade.

**Figura 31** - Liderança da Comunidade de Santo Isidoro



**Fonte:** Arquivo pessoal (2019)



**Figura 32** - Demais participantes na reunião dos comunitários de Santo Isidoro



**Fonte:** Arquivo pessoal (2019)

Essa sensibilização precisa ser trabalhada e a forma encontrada para discutir essas questões são as reuniões comunitárias, que sempre são realizadas no ginásio da escola, espaço onde todos podem participar expondo suas opiniões, sugerindo mudanças, enfim, exercendo seu direito de liberdade, autonomia e cidadania na prática. Nesse sentido, o Sr. M.C., salienta sobre a relevância acerca dos conhecimentos tradicionais para qualidade de vida dos comunitários:

Repassando os conhecimentos é possível melhorar a qualidade de vida daquele que mora aqui né [...] isso é importante né para a gente repassar para os nossos filhos, apesar de nem todos querer. Por exemplo, eu tenho um terreno grande aqui mesmo, mas me entristeço com meu filho e ele me diz que isso vai ser uma perda de tempo, eu quero outras coisas para mim. Mas é importante a gente repassar esse conhecimento para as pessoas daqui para fazer com que elas entenda que tem como viver aqui uma vida dignamente (Sr. M.C., castanheiro e presidente da comunidade, em 26/04/ 2019)

Para o Sr. M.C., é importante que os conhecimentos tradicionais existentes na comunidade de Santo Isidoro sejam transmitidos e que possam também ser praticados pelas novas gerações. Os conhecimentos tradicionais são produzidos e gerados de forma coletiva com base em ampla troca e circulação de ideias e informações transmitidas oralmente de uma geração à outra (SANTILLI, 2005). Já para Diegues e Arruda (2001), o conhecimento tradicional é definido como o conjunto de práticas a respeito do mundo natural e sobrenatural transmitido oralmente, de geração em geração.

Os conhecimentos tradicionais ou saberes ecológicos tradicionais são um conjunto de conhecimentos sobre a vida, o meio ambiente, os seres vivos, o homem, bem como a interação entre todos esses elementos expressos por meio de crenças, usos e práticas de um grupo social (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2008; REYES-GARCÍA, 2009).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as comunidades que se instalaram ao longo dos rios, em especial do caudaloso rio Solimões, é que de fato se percebe a existência de uma cultura tradicional sólida, com histórias que permanecem vivas na mente daqueles que vivenciaram diferentes períodos.

Neste cenário a vida, ou melhor, a sobrevivência humana depende da relação dinâmica com os recursos naturais existentes, por exemplo, na floresta, e isso confirma que este morador do rincão amazonense tem sua identidade própria, se assume como tal e defende a sua permanência, como também delimita seu território e, conseqüentemente, seu espaço.

Tradicionalmente as famílias que hoje se identificam e/ou que moram em comunidades tradicionais, dentre as quais cita-se Santo Isidoro, evidenciam fortes vínculos históricos e também reconhecem as diversas transformações que ocorreram ao longo de mais de seis décadas, desde que foram registrados os acontecimentos e/ou fatos que influenciaram diretamente suas vidas, no caso o extrativismo da castanha. Neste sentido, as narrativas trouxeram à luz um cenário de uma relevante cultura, quase sempre retratando situações de grande labuta, sofrimento e também de felicidade.

Muitas famílias foram formadas neste período, dentre as quais aquelas que gentilmente compartilharam suas experiências e suas histórias na construção deste trabalho. Durante a experiência narrativa se constatou que a relação com o passado vivido acumula lembranças em suas memórias, trata-se de uma volta no tempo.

Santo Isidoro era uma próspera propriedade particular que estava sob o controle de um capitão por ofício, chamado Cleto Marques Praia, que também se tornaria prefeito do município de Tefé. Em seguida, Santo Isidoro seria de propriedade do comerciante Jorge Rezala, que de fato tornou-se o patrão que explorou com contundência econômica a castanha.

Não existiu, ou, se existe, também não foi divulgado oficialmente, o quantitativo absoluto de castanha extraída de Santo Isidoro. Esta narrativa apurou, a partir dos envolvidos com a elaboração dos resultados e discussões, que a estimativa gira em torno de centenas ou de até milhares de toneladas, considerando a construção de um enorme paiol e da quantidade de barcaças que transportavam sem cessar toda a castanha coletada para a cidade de Belém, onde era comercializada com o mercado exterior, isto é, Europa e Estados Unidos.

A partir desta ótica, compreendendo e especulando os narradores, se conseguiu a sustentação de que levavam semanas e semanas até que o porão de uma única barcaça fosse devidamente completado com a castanha extraída da floresta, armazenada no paiol ou em

pontos de coleta específicos localizados estrategicamente à margem do rio ou em lagos no redor de Santo Isidoro. Estas barças tinham a capacidade, de acordo com os narradores, de no mínimo vinte toneladas.

Em todas as etapas do processo de extração da castanha havia uma constante exploração da mão de obra e os extrativistas, nesse período, eram chamados de castanheiros. Tratava-se de uma atividade econômica que em muito se assemelhava à extração da borracha entre os anos de 1938 a 1945 (2ª Guerra Mundial), quando a *hevea-brasiliensis*, ou melhor, a borracha amazônica, era uma das principais matérias-primas para as indústrias de transformação, dentre as quais automotiva, bélica, química e farmacêutica.

As narrativas destacaram que os castanheiros praticamente eram escravizados, não podiam fazer outra coisa a não ser extrair a castanha, além disso, tinham um compromisso de fidelidade com o patrão, e, se o patrão desconfiasse de algo, como, por exemplo, a comercialização em oculto da castanha, reprimia com veemência este erro, solicitando formalmente a prisão do castanheiro e seu deslocamento para a cidade de Tefé. No entanto isso não se encerrava, pois, ao voltar, teria que continuar a trabalhar e conseqüentemente sua dívida com seu patrão seria cada vez maior.

Sobre a dívida é importante esclarecer que era contraída para ser quitada na apresentação da produção de castanha extraída, ou seja, o castanheiro tinha, sim, uma dívida e não podia se livrar dela, pois era analfabeto, não tinha noção dos preços que lhes eram imputados, e assim tornava-se refém de um ciclo vicioso, em que o lucro se acumulava sempre nas mãos do seu patrão. Esse patrão era quem decidia, de fato, os rumos da vida dos castanheiros.

Os castanheiros eram distribuídos pela floresta, nos centros da mata, local de difícil acesso, o qual se denominava colocação, e na colocação a infraestrutura era precária. Tratava-se de um acampamento improvisado, sem conforto algum, onde a castanha era, no primeiro momento, armazenada pelo castanheiro, o qual também tinha a incumbência de conduzir sua produção até os entrepostos, que, por sua vez, encaminhariam a produção para o paiol, daí para a barça e assim sucessivamente. Em outras palavras, o patrão tinha somente que esperar, até por que tinha vigias, os capangas, que gozavam da sua confiança e traziam as notícias relevantes para o seu enriquecimento.

Com o passar das décadas chega-se ao final do ano de 1980, quando a produção da castanha despencou, e o patrão, no caso, o Sr. Jorge Rezala, se desiluiu e resolveu abrir mão de sua titularidade em Santo Isidoro. Com essa abertura, os castanheiros também rompiam o vínculo de fidelidade e aquele espaço passou a ser chamado de Comunidade de Santo Isidoro.

Porém o tempo em que foram trabalhadores na extração da castanha está vivo na memória de todos.

Embora hoje a produção de castanha seja mínima e proporcione somente sua comercialização em âmbito local, ou seja, não tem mais a relevância para comercialização com comerciantes de outras cidades, a castanha, assim como seu principal extrator, resiste e as narrativas indicam exatamente isso, uma história de transformações. Hoje o antigo trabalhador extrativista, quando coleta as amêndoas de castanha, tem o livre-arbítrio de negociar com quem lhe oferecer o melhor preço.

Com o gradual declínio da produção da castanha em Santo Isidoro o antigo castanheiro tornou-se agricultor e diversificou seu trabalho em diferentes atividades, por exemplo, cultivo da mandioca, abacaxi, melancia, extração do açaí, plantio da cana-de-açúcar, criação de caprinos, aves, suínos etc. Também pratica a pesca e hoje se envolve em atividades para benefício da qualidade de vida e sustentabilidade ambiental e econômica da comunidade, por exemplo, os ajuris. Organizaram-se em associações agroextrativistas e também politicamente, pois possuem estatuto próprio, presidente comunitário eleito pelos próprios moradores, com um mandato estabelecido de dois anos. Enfim, tudo se transformou, porém os conhecimentos tradicionais referentes à coleta e transporte da castanha são os mesmos que os primeiros extrativistas utilizavam há mais de sessenta anos.

Muitos desses extrativistas do período áureo da produção da castanha se encontram morando na própria Comunidade de Santo Isidoro e procuram transmitir seus conhecimentos tradicionais aos filhos, netos etc. Ou seja, é um trabalho que não cessou, tendo em vista que os mais novos sabem como devem fazer para extrair a castanha na floresta, reconhecem que os fatores de risco são inerentes a esta atividade e também que precisam adotar os mesmos, considerando que são eficientes.

Os conhecimentos tradicionais resultantes da coleta da castanha tornaram-se, com o passar dos anos, uma importante memória entrelaçadas nos registros das experiências e vivências para os moradores mais antigos da comunidade de Santo Isidoro, e isso se comprova quanto ao respeito a estes senhores e senhoras que se dedicaram a um trabalho árduo, forçado, sem folga durante anos, como foi o período de extração da castanha da floresta que circunda Santo Isidoro. Os conhecimentos tradicionais encontram em espaços como Santo Isidoro o lugar ideal para que historicamente se tornem uma das mais eficientes formas de registros históricos, que passam a ser difundidos por meio de narrativas.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; NUNES, Nina Lys. **Tecendo a tradição e valorizando o conhecimento tradicional na Amazônia**: o caso da linha do tucum. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil/Unesco (2003).

ANDRADE, Eva Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ARRUDA, Moacir Bueno. Gestão integrada de ecossistemas: a escala da conservação da biodiversidade expandida. *In: Simpósio de ecossistemas brasileiros: conservação*, 5., 2000, Vitória. Anais... São Paulo: ACIESP, 2000.

BATISTA, Djalma. **Amazônia**: cultura e sociedade. 3 ed. Organização de Tenório Telles. Manaus. Editora Valer, 2006.

BAUER, Martin; GASKELL George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BLAIKIE, P. M. *et al.* *In: Long, N. & Long, A. (eds.). Campos de batalha de conhecimento*: a teoria engrenando e prática em pesquisa social e desenvolvimento. London, New York, Routledge, 1992.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Divisão Política Administrativa**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/pub/cartas\\_e\\_mapas\\_tematicos/politico/politico.zip](http://www.ibge.gov.br/pub/cartas_e_mapas_tematicos/politico/politico.zip). Acesso em: set. 2018, às 19h49min.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente – MMA. **Decreto nº 6.040 de 07 de fevereiro de 2007 que Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Brasília/ DF, 2007.

CABROLIÉ, Souza Augusto. **Tefé e a cultura amazônica**. Instituto Paulo Freire. Carimbochaves: São Paulo, 1996.

CHAVES, Silvia Nogueira; BRITO, Maria dos Remédios. **Formação e docência**: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiografia. Belém: CEJUP, 2011.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Cultura com aspas**: outros ensaios... (2009 cap. 5, 15, 17 e 19)...

CUNHA, M. C.; ALMEIDA, M. W. B. **Pessoas indígenas, pessoas tradicionais, e conservação na Amazônia**. Daedalus, v. 29, n. 2, Spring, 2000.

- CUNHA, Manuela Carneiro da Cunha; ALMEIDA, Mauro W. B. **Quem são as populações tradicionais?** Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/territorios-deocupacao-tradicional/quem-sao-as-populacoes-tradicional>. Acesso em: set. 2018.
- DELORY, M. C. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. *In: ABRAHÃO, M. H. M. B; PASSEGGI, M. (Org.). Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica: Tomo I.* Natal: EDUFRN: Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador, EDUNEB, 2012.
- DIEGUES, A, C, S. **O mito moderno da natureza.** 4. ed. São Paulo: HUCITEC, NUBAUB: USP, 2004.
- DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente: São Paulo: Universidade de São Paulo-USP, 2001.
- DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo, S.V. (Orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.
- DOURADO, Sheila Borges. **Conhecimentos tradicionais e Direitos Humanos.** Anais da 64ª Reunião Anual da SBPC, São Luis/MA, 2012.
- DUARTE, Gisele Soares Dias. **Os saberes tradicionais na Comunidade de São Benedito, Poconé, Mato Grosso:** revelando múltiplos olhares. Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais da Universidade Federal de Mato Grosso. Universidade Federal do Mato Grosso. Faculdade de Engenharia Florestal: Cuiabá-MT, 2016.
- ELISABETSKY, E. **Etnofarmacologia.** Ciência e Cultura, v. 55, n. 3, p. 35-36, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque. **Minidicionário Eletrônico da Língua Portuguesa.** Novo Tempo. São Paulo, 2013.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução: Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FRAXE, T. J. P. **Cultura cabocla-ribeirinha:** mitos, lendas e transculturalidade. São Paulo: Annablume, 2007.
- GALZERANI, M. C. B. Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração. *In: Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História, 3.,* Campinas, 1999. *Anais...* Campinas: Gráfica da Faculdade de Educação da UNICAMP, 1999.
- GOODSON, I, F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In: NÓVOA, A. (Org.). Vidas de professores.* Porto: Porto Editora, 1992.
- GRZEBIELUKA, Douglas. Por uma tipologia das comunidades tradicionais brasileiras. **Revista Geografar.** Curitiba, V. 7, N. 1, JUN, 2012.
- GUSMÃO, D. S.; SOUZA, S. J. História, memória e narrativa: a revelação do “quem” nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários. **Psicologia & Sociedade;** 22 (2): 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Guacira Lopes. Louro & Tomas Tadeu da Silva. Rio de Janeiro. Lamparina, 2014.

HANAZAKI, N. *et. al.* Conservação biológica e valorização sócio-cultural: explorando conexões entre a biodiversidade e a sociodiversidade. *In: ALVES, Ângelo G. C.; SOUTO, F. J. B.; PERONI, N. Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação*. Recife: NUPEEA, 2010.

HÉBETTE, J. **O cerco está se fechando**. Rio de Janeiro: FASE, 1991.

HOMMA, A. K. O. Extrativismo vegetal ou plantio: qual a opção para a Amazônia? **Estudos avançados**. v. 26, n. 74, 2012.

HORA, Neriane Nascimento da *et.al.* Saberes tradicionais e conservação da biodiversidade: usos, fazeres e vivência dos agricultores de uma comunidade de Ananindeua/PA. **Redes (St. Cruz Sul, Online)**, v. 20, nº 2, maio/ago. 2015.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. *In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KITAMURA, P. C. Agricultura migratória na Amazônia: um sistema de produção viável. **EMBRAPA-CPATU**, Documentos, v.12, p. 5-22, 1982.

LAVE, Jean. Aprendizagem como prática. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. (Tradução: Tânia Pellegrini). Campinas, SP: Papirus, 1989.

LIMA, D.; POZZOBON, J. Amazônia socioambiental: sustentabilidade ecológica e diversidade social. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 54, p. 45-54, 2005.

LITTLE, P. C. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma Antropologia da Territorialidade**, Brasília: UNB, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Menga Ludke, Marli André. São Paulo: UPU, 1986.

MACHADO, Diana Cristina Cardoso Pinheiro. Conhecimentos tradicionais dos agricultores e a nova perspectiva do direito à educação. **XII Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação**. Centro Universitário Ritter dos Reis. Out, 2016.

MALDONADO, S. C. A caminho das pedras: Percepção e utilização do espaço na pesca simples. *In: DIEGUES, A. C. A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, NUPAUB/USP, 2000.

MARCONDES, Maria Inês; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; TEIXEIRA, Elizabeth (Orgs.). **Abordagens teóricas e construções metodológicas em pesquisa em educação**. Universidade do Estado do Pará – UEPA. Belém-PA: Editora UEP, 2012.

MEDEIROS, M. F. T.; ALBUQUERQUE, U. P. de. (Orgs.). **Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: SBEE/NUPEEA. 2012.

MING, L.C. **Etnobotânica na recuperação do conhecimento popular**. UNESP, Botucatu, 2001.

NEVES, J. G. **Ribeirinhos, desenvolvimento e a sustentabilidade possível**. Rondônia. Universidade Federal de Rondônia, 2008.

NODA, S. N. *et al.* Contexto socioeconômico da agricultura familiar nas várzeas do Amazonas. *In*: NODA, Sandra do Nascimento (Org.). **Agricultura familiar na Amazônia das águas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

OLIVEIRA, de Moraes Eguiberto. **A importância histórica, econômica e social da farinha de mandioca entre as décadas de 1960 a 2010 no município de Tefé-AM**. Monografia em Licenciatura Plena em História. Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Centro de Estudos Superiores de Tefé/ CEST, 2012.

OLIVEIRA, Ivanilde; MOTA NETO, João Colares da. Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação. *In*: OLIVEIRA, Ivanilde (Org.) **Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

OLIVEIRA, José Aldemir. **Amazônia: território, povos tradicionais e ambiente**. Manaus: EDUA, 2009.

OLIVEIRA, Maria Clara Faria Costa. Aprendizagem e comunicação em Bateson: a exigência de uma epistemologia formal e complexa. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 39, n. 1, p. 93-118, Jan./Mar., 2016.

OLIVEIRA, A. E. 1983. **Ocupação Humana na Amazônia: desenvolvimento integração e ecologia**. São Paulo: Brasiliense, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

ORTIZ, R. **Românticos e folcloristas. Cultura Popular**. São Paulo: Olho D'Água, 1992.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PERALTA, Nelissa; LIMA, Deborah. **Conhecimentos científicos e saberes tradicionais: sinergia ou tradução**. Trabalho apresentado 28ª Reunião de Antropologia, realizada entre os dias 02 a 05 de julho de 2012 em São Paulo, SP, Brasil.

PEREIRA, Eliane Regina [*et. al*]. História de vida, pesquisa, narrativa e testemunho: perspectivas nos estudos biográficos. **Quaderns de Psicologia** 2017, Vol. 19, n. 3.

PESSOA, Protásio Lopes. **História da Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Tupebas**. Manaus. Ed. Novo Tempo, 2004.

PINTO, Renan Freitas [Org.]. **O diário do Padre Samuel Fritz**/Renan Freitas Pinto, organizador. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas/ Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2006.

PORTO-GONÇALVES. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

POSEY, D. A. Introdução – Etnobiologia: teoria e prática, Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia, manejo da floresta secundária; capoeiras, campos e cerrados (kayapo). *In*: RIBEIRO, B. (Org.). **SUMA etnológica brasileira etnobiologia**. Vol. 1. FINEP. Petrópolis: Vozes, 1987.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**/Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO Carlos Fernandez; LUCIO, Maria Del Pilar Baptista. **Metodologia da pesquisa**. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANCHES, Cléber. **Fundamentos da cultura brasileira**. Cléber Cid Gama Sanches. 3. Edição. Manaus: Editora Valer, 2009.

SANTILI, Juliana. **Socioambientalismo e novos direitos**. São Paulo: Peirópolis, 2005.

SANTOS, N. **Seringueiros da Amazônia: sobreviventes da fatura**. 2002 (tese de doutorado) USP, SP, São Paulo, 2002.

SANTOS, S.; GUARIM NETO, G. Etnoecologia de quintais: estrutura e diversidade de usos de recursos vegetais em Alta Floresta. *In*: GUARIM NETO, G; CARNIELLO, M. C. (Org.). **Quintais mato-grossenses: espaço de conservação e reprodução de saberes**. Cáceres, MT, UNEMAT, 2008.

SANTOS, R. 1968. **O equilíbrio da firma aviadora e o significado econômico-social do aviamento**. Revista Pará Desenvolvimento, Belém, n. 3.

SANTOS, R. 1980. **História econômica da Amazônia**. São Paulo: Queroz

SENA, Castro Paulo Luiz. **O povo Omágua: das primeiras crônicas de viagem à contemporaneidade**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Licenciatura Plena em História. Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Centro de Estudos Superiores de Tefé/CEST, 2010.

SEVERINO, Joaquim Antônio. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA SOUSA, Maria Goreti da. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.

SILVA, Danielle Wagner; CLAUDINO Livio Sérgio. Extrativismo e desenvolvimento no contexto da Amazônia brasileira. Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 38, agosto 2016.

SILVA, Hosana Edivânia. **Imaginário das águas**: narrativas maravilhosas da comunidade São José, no Carreiro da Várzea, Amazonas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

SILVA, José Everton da; PILAU, Newton Cesar. **O conhecimento tradicional e a propriedade intelectual**: uma proposta para futura repartição de ganhos. Unifebe, Brusque, v. 1. N. 11, p. 144-157, dez. 2011.

STEFANELLO, A.G.F; NOGUEIRA, C.B.C. “Direitos Étnicos e Culturais na proteção dos Conhecimentos Tradicionais associados à biodiversidade brasileira”. In: FLORES, Nilton César da Silva; POLI, Leonardo Macedo; ASSAFIM, João Marcelo de Lima. (Orgs.). **XXI Congresso Nacional do CONPEDI/UFF**. 1. ed. Florianópolis: FUNJAB, 2012.

TAVARES, Auda Edileusa Piani. **Saberes tradicionais como patrimônio imaterial na Amazônia intercultural; saberes, fazeres, táticas e resistência dos ceramistas de Icoaraci**/Auda Edileusa Piani Tavares; orientador Silvio Lima de Figueiredo Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2012.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, jul./dez. 2009.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. 22 reimp. São Paulo: Atlas, 2013.

WAGNER, Danielle; OLIVEIRA, Carlos Douglas; MATEI, Ana Paula Livio; KUBO, Claudino Rumi. **Extrativismo, desenvolvimento e sustentabilidade no contexto da Amazônia Brasileira**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, s/d.

WALTER, Benjamin. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. v.1, São Paulo: Brasiliense, 1993.

WALTER, Benjamim. **Sobre arte**: técnica, linguagem e política. Trad. Maria Luz Moita. *et. al.* Lisboa: Relógio D’água, 1992.

WIPO World Intellectual Property Organization. **Conhecimentos tradicionais e propriedade intelectual**. Nota Informativa. Genebra, Suíça, 2018.

XAVIER, J. J. B. N. **Adaptação de cultivares de mandioca para a região amazônica**. Manaus: EMBRAPA-UEPAE, 1989.

ZHANG. X. 2001. O papel de propriedade intelectual corrige no contexto de medicamento tradicional. **Seminário enterrar regional em propriedade intelectual no contexto de medicamento tradicional**, 2000, Bangkok, Thailand: World Health Organization, WHO.

## ANEXOS

## ANEXO 1 – IMAGEM DO SATÉLITE DE LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE SANTO ISIDORO PELO RIO SOLIMÕES



Fonte: Elaborado pela pesquisadora. Base de dados Google Earth



**MAPA DA COMUNIDADE DE SANTO ISIDORO RETIRADO DO SATÉLITE -  
ENTRADA DO RAMAL / ESTRADA DA EMADE**



Fonte: Elaborada pela pesquisadora. Base de dados Google Earth



## VISTA DA COMUNIDADE DE SANTO ISIDORO COMPLETA RETIRADA DO SATÉLITE



Fonte: Elaborada pela pesquisadora. Base de dados Google Earth

## **ANEXO 2 - IMAGENS PRODUZIDAS DURANTE A PESQUISA DE CAMPO**

### **Árvores das Castanheiras existentes na comunidade de Santo Isidoro**



Fonte: Arquivo pessoal

### **Imagens dos Roçados onde se localizam as castanheiras perfiladas**



Fonte : Arquivo pessoal

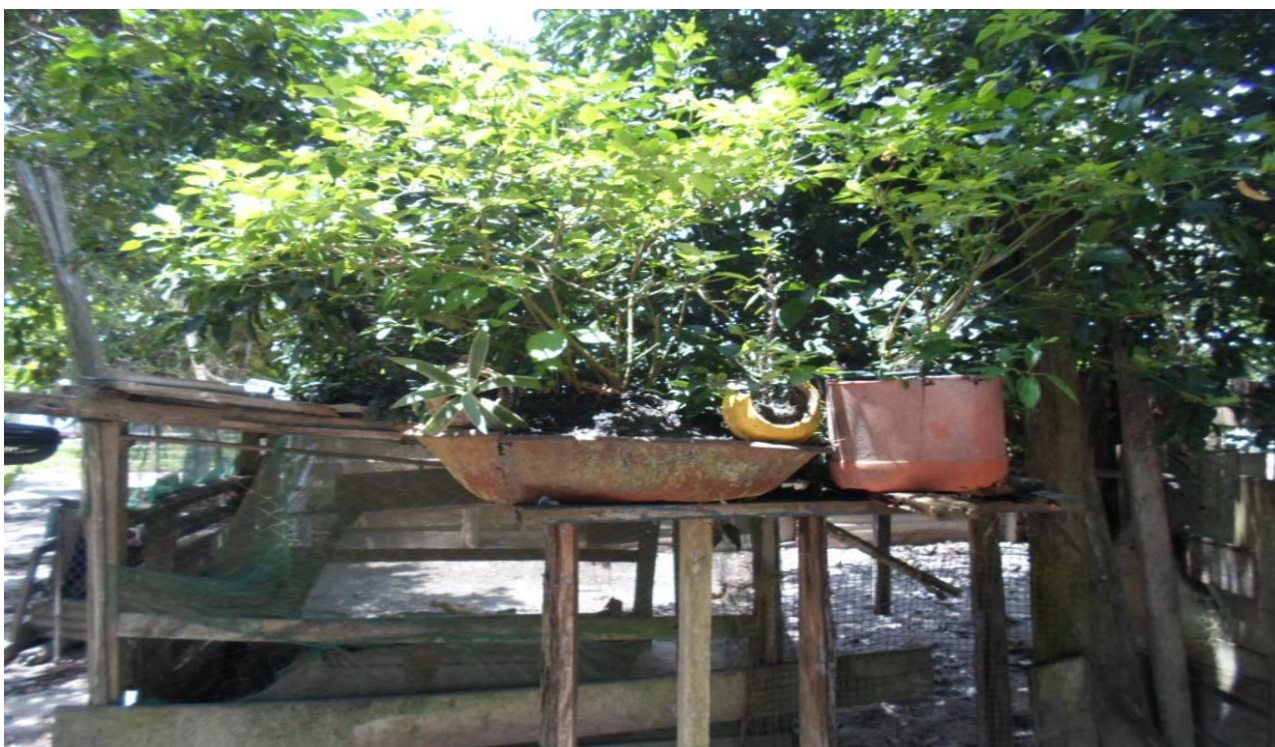


### Quintais com canteiros suspensos e protegidos com malhadeira para evitar ataques de aves



Fonte: Arquivo pessoal

### Quanteiros de plantas medicinais



Fonte : Arquivo pessoal



### Reunião da associação das mulheres agricultoras na Comunidade de Santo Isidoro



Fonte: Arquivo pessoal

### Assembleia geral do conselho dos agricultores na Comunidade de Santo Isidoro



Fonte: Arquivo pessoal



### Agricultora chegando da roça na Comunidade de Santo Isidoro



Fonte: Arquivo pessoal

### Momento da refeição e descanso após chegada da roça



Fonte: Arquivo pessoal